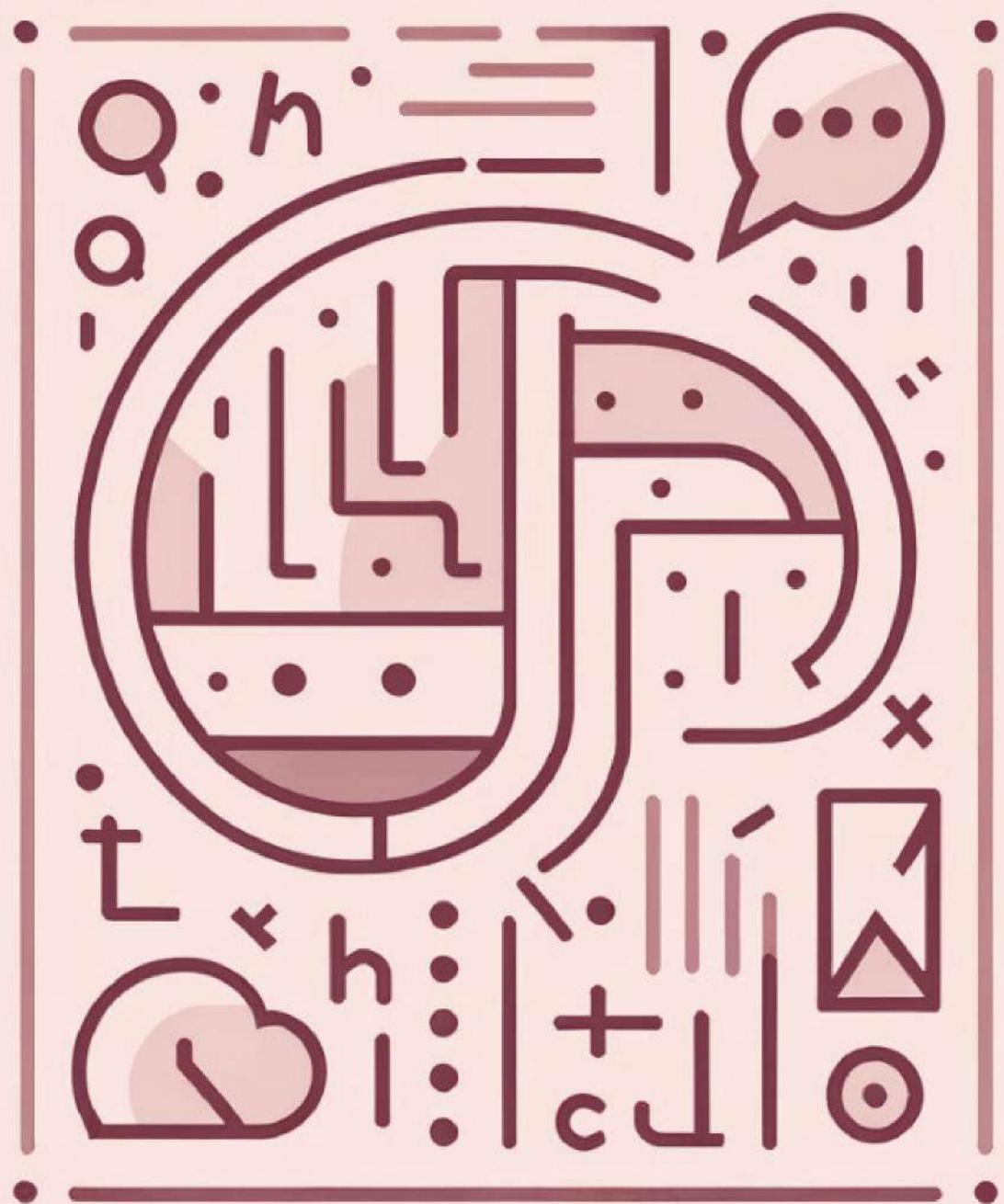


CADERNO DE SQUIBS

TEMAS EM ESTUDOS FORMAIS DA LINGUAGEM



V. 10 | N. 2 | 2024

Caderno de *Squibs*

TEMAS EM ESTUDOS FORMAIS DA LINGUAGEM

V. 10 | N. 2 | 2024

ORGANIZADORES

Paulo Medeiros Junior
Universidade de Brasília

Marcus Vinicius da Silva Luguinho
Universidade de Brasília

Helena da Silva Guerra Vicente
Universidade de Brasília

Elisabete Luciana Moraes Ferreira
Universidade de Brasília

CONSELHO EDITORIAL

Helena da Silva Guerra Vicente
Universidade de Brasília

Marcus Vinicius da Silva Luguinho
Universidade de Brasília

Paulo Medeiros Junior
Universidade de Brasília

Rozana Reigota Naves
Universidade de Brasília

Paula Guedes Baron
Universidade de Brasília

Elisabete Luciana Moraes Ferreira
Universidade de Brasília

Bruna Elisa da Costa Moreira
Universidade de Brasília

Cristiany Fernandes da Silva
Universidade de Brasília

APOIO

Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL)
Laboratório de Estudos Formais em Sintaxe, Semântica e Pragmática (LabForm/PPGL/UnB)



UnB



**conhecimento em movimento
sociedade em transformação**

CONSELHO CIENTÍFICO

Aroldo Leal de Andrade

Universidade Federal de Minas Gerais

Marina Rosa Ana Augusto

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Indaiá de Santana Bassani

Universidade Federal de São Paulo

Simone Lúcia Guesser

Universidade Federal de Roraima

Ana Paula Quadros Gomes

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Telma Moreira Vianna Magalhães

Universidade Federal de Alagoas

José Ferrari Neto

Universidade Federal da Paraíba

Roberta Pires de Oliveira

Universidade Federal de Santa Catarina

Gabriel de Avila Othero

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Sandra Quarezmin

Universidade Federal de Santa Catarina

Núbia Saraiva Ferreira Rech

Universidade Federal de Santa Catarina

Marcelo Amorim Sibaldo

Universidade Federal de Pernambuco

Claudia Roberta Tavares Silva

Universidade Federal de Pernambuco

André Luis Antonelli

Universidade Estadual de Maringá

Andrea Knöpfle

Fábio Bonfim Duarte

Universidade Federal de Minas Gerais

Adeilson Pinheiro Sedrins

Universidade Federal do Agreste de Pernambuco

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Déborah de Mendonça Oliveira

Universidade Católica de Brasília

Lilian Coelho Pires

Univ. do Estado de Santa Catarina

Alexandre Costa-Leite

Universidade de Brasília

Ana Paula Scher

Universidade de São Paulo

Maria Cristina Figueiredo Silva

Universidade Federal do Paraná

Keli Cristiane Eugênio Souto

Univ. Estadual de Montes Claros

Zenaide Dias Teixeira

Universidade Estadual de Goiás

Thiago Costa Chacon

Universidade de Brasília

Aveliny Mantovan Lima

Universidade de Brasília

Ezekiel J. Panitz

Universidade de São Paulo

Leonor Simioni

Universidade Federal do Pampa

Patricia de Araujo Rodrigues

Universidade Federal do Paraná

Helena da Silva Guerra Vicente

Universidade de Brasília

Rerisson Cavalcante de Araújo

Universidade Federal da Bahia

Poliana Camargo Rabelo

Carlos Felipe da Conceição Pinto

Universidade Federal da Bahia

Andrew Nevins

Universidade Federal do Rio de Janeiro

University College London

Marcus Vinicius da Silva Luguinho
Universidade de Brasília

Alessandro Boechat de Medeiros
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Bruna Elisa da Costa Moreira
Universidade de Brasília

Jairo Moraes Nunes
Universidade de São Paulo

Eduardo Kenedy
Universidade Federal Fluminense

Renato Miguel Basso
Universidade Federal de São Carlos

Aquiles Tescari Neto
Universidade Estadual de Campinas

Suzana Fong
Massachusetts Institute of Technology

Jéssica Viana Mendes
University of Maryland

Eneida de Goes Leal
Pontifícia Univ. Católica do Rio Grande do Sul

Lílian Teixeira de Sousa
Universidade Federal da Bahia

Janayna Maria da Rocha Carvalho
Universidade Federal de Minas Gerais

Karina Gomes Bertolino
Universidade de São Paulo

Maurício Sartori Resende
Universidade Federal de Minas Gerais

Lara Frutos González
Univ. Estadual do Oeste do Paraná

Rozana Reigota Naves
Universidade de Brasília

Teresa Cristina Wachowicz
Universidade Federal do Paraná

Virgínia Andrea Garrido Meirelles
Universidade de Brasília

Esmeralda Vailati Negrão
Universidade de São Paulo

Maria Eugenia Lammoglia Duarte
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Maria José Gnatta Dalcuche Foltran
Universidade Federal do Paraná

Roberlei Alves Bertucci
Univ. Tecnológica Federal do Paraná

Marcos Barbosa Carreira
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Ana Regina Vaz Calindro
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes
Universidade Estadual de Campinas

Luisandro Mendes de Souza
Universidade Federal do Paraná

Paulo Medeiros Junior
Universidade de Brasília

ARTE DA CAPA

Fabrício de Carvalho Côrtes

Parcialmente criada com auxílio de IA generativa (OpenAI)

LEITURA

E PREPARAÇÃO DOS MANUSCRITOS

Paulo Medeiros Junior

Elisabete Luciana Morais Ferreira

Linguística. UnB. Caderno de *Squibs*: temas em estudos formais da linguagem. Programa de Pós-Graduação em Linguística.
Laboratório de Estudos Formais em Sintaxe, Semântica e Pragmática (LabForm/PPGL/UnB).
Vol. 10, N.2 (Dez. 2024). Brasília, DF: Universidade de Brasília.
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas.
Semestral. 2015.
ISSN: 2447-1372 (VERSÃO ON-LINE)
CDD 410
CDU 81

SUMÁRIO

Apresentação

7

Artigo convidado

Marcadores imperativo-hortativos e finitude Rerisson Cavalcante	9
--	---

Squibs

Revisão a Gouet (1976): a concordância em DPs contendo nomes de marcas comerciais Bruna Karla Pereira	24
---	----

NP closest conjunct agreement in Portuguese: a cartographic approach Matheus Gomes Alves	37
--	----

Em busca do <i>telos</i> : ‘ <i>em α tempo</i> ’ e operadores aspectuais no português brasileiro Uiara do Nascimento Nunes Leonardo Alves	47
--	----

Artigos

<i>Glides</i> intervocálicos no português do Brasil: um caso de múltiplas representações subjacentes? Lucas Pereira Eberle	57
--	----

Propriedades pragmáticas do dativo ético no português brasileiro: uma análise minimalista Bárbara Guimarães Rocha	75
---	----

Apresentação

O **Caderno de Squibs: Temas em Estudos Formais da Linguagem** traz a público o seu segundo número de 2024, que contém seis trabalhos: um artigo convidado, três *squibs* e dois artigos, nessa ordem. Os manuscritos desta edição abordam desde questões fonológicas, como as múltiplas possibilidades de realização dos *glides* vocálicos em português, questões sintáticas, como a concordância no sintagma nominal (em diferentes perspectivas, incluindo visões mais tradicionais e o ponto de vista da cartografia sintática), questões semânticas, como a avaliação de operadores aspectuais no português, até questões pragmático-discursivas, como a avaliação do dativo ético em português, ou da interface pragmática-sintaxe, como a discussão sobre marcadores imperativo-hortativos.

O artigo convidado, **Marcadores imperativo-hortativos e finitude**, de autoria de Re-
risson Cavalcante (UFBA), discute características morfossintáticas de sentenças com o marcador hortativo *davay* ('dar') do russo, em comparação com outras línguas. Em seu texto, o autor mostra como se dá a variação translinguística nesse tipo de construção, já que, em russo, o verbo sob o escopo do marcador hortativo pode aparecer no infinitivo ou flexionado em tempo, enquanto em outras línguas — o inglês, o português brasileiro e o coreano, segundo Cavalcante — só ocorre em forma não finita. O autor, ao final de sua argumentação, apresenta três análises possíveis para a diferença apontada acima entre o russo e as outras línguas.

O *squib* de Bruna Karla Pereira (UFVJM), **Revisão a Gouet (1976): a concordância em DPs contendo nomes de marcas comerciais**, discute a concordância em DPs que contêm nomes de marcas comerciais. A autora faz um debate que viabiliza um diálogo entre o texto de Gouet, de 1976, e pesquisas recentes dos anos 2000, notadamente as de Pereira e Kayne. Ao final, a autora resgata as ideias de Gouet e, de certo modo, as atualiza, por considerar sua relevância para os estudos sobre a concordância nominal, principalmente quanto ao papel dos nomes nulos, segundo Pereira.

O *squib* intitulado **NP closest conjunct agreement in Portuguese: a cartographic approach**, de autoria de Matheus Gomes Alves (UFRJ), debate a concordância do adjetivo com o sintagma nominal coordenado mais próximo no português brasileiro. O autor examina, em seu texto, dados em que o adjetivo concorda com o NP que se encontra mais próximo, mas que, na verdade, modifica todo o composto de nomes coordenados. Duas análises são discutidas pelo autor: uma que se baseia na ocorrência de elipse e uma que se constitui sobre o que se conhece como *base-merge-order*. O autor propõe, em sua avaliação, que ambas as análises apresentam soluções razoáveis para o problema, mas defende que a hipótese em termos de *base-merge-order* se mostra menos onerosa para o sistema, já que requer "menos operações especulativas", em suas palavras.

Uiara do Nascimento Nunes e Leonardo Alves, ambos pesquisadores da UFSC, discutem, no *squib* intitulado **Em busca do telos: ‘em α tempo’ e operadores aspectuais no português brasileiro**, como interagem o adjunto temporal *em α tempo* e os predicados do tipo *accomplishment* (processos culminados, em tradução livre). Para desenvolver sua análise, os autores se baseiam no modelo de operadores aspectuais de Altshuler (2014), bem como na análise desenvolvida em Basso e Pires de Oliveira (2010). Segundo os autores, “a integração dessas abordagens contribui para uma descrição mais refinada da relação entre operadores aspectuais e modificadores temporais no PB, contribuindo para uma maior compreensão das propriedades semânticas dos verbos de *accomplishment* no PB”.

O artigo ***Glides intervocálicos no português do Brasil: um caso de múltiplas representações subjacentes?***, de autoria de Lucas Pereira Eberle (Unicamp), investiga a posição silábica em que vai se adjungir o *glide* que é inserido em fronteiras morfológicas internas à palavra no PB. Segundo o autor, seu intuito original era verificar a existência de evidências “experimentais para as propostas de motivação da inserção: se adjungido à segunda vogal (efeito da restrição ONSET) ou à primeira (questões de proeminência)”. Os testes aplicados pelo autor revelaram que *glides* com inserção variável acabaram sendo interpretados preferencialmente na primeira vogal. As conclusões foram, portanto, que os *glides* são primeiramente associados à primeira sílaba, enquanto “*glides* com inserção variável seriam puramente epítéticos”, embora se entenda que se trata de um caso de múltiplas representações subjacentes em competição, conforme o autor.

O último *paper* deste número, o artigo intitulado **Propriedades pragmáticas do dativo ético no português brasileiro: uma análise minimalista**, de autoria de Bárbara Guimarães Rocha (UFMG), visa analisar — em uma perspectiva minimalista — as características pragmáticas do dativo ético no português brasileiro. A autora propõe, baseada na observação das características pragmáticas do dativo ético, que esse tipo de elemento seja licenciado (sintática e semanticamente) por um núcleo aplicativo “que transmite a interpretação semântica de ‘afetação’ ou ‘ancoragem’ através da operação Identificação do Evento, conforme descrito por Pylkkänen (2002)”, em suas palavras. Além disso, ainda segundo a autora, pragmaticamente, esse dativo ético seria licenciado por um núcleo funcional Participante, que seria responsável por relacionar o clíto à sua interpretação pragmática por meio de uma operação de pressuposição. A conclusão de Rocha é a de que a interação entre as características sintáticas, semânticas e pragmáticas, viabilizadas pelas operações básicas MERGE e AGREE, viabiliza uma avaliação minimalista do fenômeno.

Para concluir esta apresentação, queremos registrar nossos agradecimentos aos autores dos textos que compõem a edição, especialmente Rerisson Cavalcante, que prontamente aceitou nosso convite para escrever um artigo para este número. Também queremos agradecer aos colaboradores do Serviço de Gerenciamento de Informação Digital (GID) da Biblioteca Central (BCE) da Universidade de Brasília (UnB), aos pareceristas dos textos selecionados e a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para a publicação desta edição.

Desejamos a todos uma excelente leitura!

Paulo Medeiros Junior

Marcadores imperativo-hortativos e finitude

Imperative-hortative markers and finiteness

Rerisson Cavalcante*

Resumo

Neste texto, discuto diferenças morfossintáticas nos verbos que ocorrem em sentenças com o marcador hortativo *davay* (literalmente, ‘dar’ no imperativo) no russo em comparação com outras línguas. No português brasileiro, inglês e coreano, o verbo sob escopo de um marcador hortativo explícito ocorre na forma não-finita, como em *bora viajar* e *let's have lunch* (‘vamos almoçar’). Em russo, porém, o verbo pode ocorrer na forma infinitiva ou flexionado em tempo, número e pessoa, duas possibilidades condicionadas pelo traço aspectual do verbo. Apresento três possíveis análises para tal diferença entre os hortativos russo e os de outras línguas.

Palavras-chave: imperativos inclusivos; sentenças hortativas; imperativos russos; português brasileiro.

Abstract

In this paper, I discuss morphosyntactic differences in the verb forms occurring in sentences with the hortative marker *davay* (literally, ‘give’) in Russian, compared with other languages. In Brazilian Portuguese, English, and Korean, the verb within the scope of an explicit hortative marker appears in a non-finite form, as in *Bora viajar* (‘let's travel’) and *Let's have lunch*. In Russian, however, the verb can occur either in the infinitive form or inflected for tense, number, and person, depending on its aspectual feature. I present three possible analyses of such differences between Russian hortatives and those in other languages.

Keywords: inclusive imperatives; hortative sentences; Russian imperatives; Brazilian Portuguese.

*Universidade Federal da Bahia, UFBA. E-mail: rerissoncavalcante@gmail.com. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-7255-5422>.

1 Introdução

Neste texto, discuto a estrutura sintática de sentenças imperativas com valor hortativo. Mais particularmente, trato de como marcadores imperativo-hortativos interagem com flexões finitas e infinitivas. No português brasileiro (PB), inglês e coreano, o marcador hortativo se combina com verbos infinitivos ou sem morfologia flexional, como veremos na seção 3. Em russo, porém, o marcador hortativo *davay(te)* se combina com verbos infinitivos, como em (1a)¹, ou flexionados em tempo, número e pessoa, como em (1b) (cf. Hansen, 2024; Podlesskaya, 2006), o que levanta a questão sobre como explicar tal diferença entre as línguas citadas.

- (1) a. **Davay** rubit' etat uzel. (russo)
dar.IMP cortar.INF esse nó
'Vamos cortar esse nó.'
- b. **Davay** otremontiruem direvyaniy dom. (russo)
dar.IMP(PL) reparar.FUT.1PL de.madeira casa
'Vamos consertar essa casa de madeira!'

(Hansen, 2004, p. 262, adaptado)

O texto está organizado da seguinte forma: na seção 2, apresento a família das construções jussivas, com foco em sentenças hortativas do PB, inglês e coreano; na seção 3, trato da incompatibilidade entre marcadores hortativos explícitos e verbos flexionados nessas língua; na seção 4, discuto o caso do russo, em que, diferentemente dos casos anteriores, o marcador hortativo se combina com verbos infinitivos e com verbos flexionados; na seção 5, apresento três possibilidades de análise para as diferenças entre os hortativos russos e de outras línguas.

2 O modo jussivo

Sentenças imperativas exercem um amplo conjunto de funções discursivas (ordens, pedidos, proibições, permissões, hipóteses, votos etc), mas a função de ordenar algo ao ouvinte é vista como sua propriedade prototípica (cf. Potsdam, 1998; Aikhengvald, 2010; Jery; Kissine, 2014; entre outros). Ainda assim, várias línguas possuem estruturas gramaticais que compartilham propriedades morfossintáticas dos imperativos, mas não são direcionadas (exclusivamente) ao ouvinte.

Uma forma de tratar desse fato de modo unificado é considerar que, ao invés de um modo imperativo, as línguas permitem um *modo jussivo*, entendido como aquele em que uma imposição é colocada sobre *algum* dos interlocutores (cf. Pak; Portner; Zanuttini, 2008). As sentenças jussivas que expressam uma obrigação *ao ouvinte ou destinatário* correspondem às imperativas (cf. (2)), as representantes mais famosas do modo jussivo.

- (2) a. Abra a porta! / Cale a boca! / Não faça barulho!
- b. Open the door! / Shut up! / Don't make any noise!

¹Na ortografia cirílica: (1a) “Давайте рубить этот узел”; (1b) “Давайте отремонтируем деревянный дом”.

As que expressam uma imposição *ao próprio falante* seriam as jussivas do subtipo promissivo. O PB não possui formas gramaticais especializadas para o promissivo, mas o coreano utiliza o sufixo verbal *-ma*, para marcar uma sentença como uma promessa (cf. (3)).

- (3) Nayil cemsim-ul sa-**ma**. (coreano)
 amanhã almoço-ACUS comprar-PRM
 'Eu vou comprar o almoço amanhã.'

(Pak; Portner; Zanuttini, 2008, p. 158, adaptado)

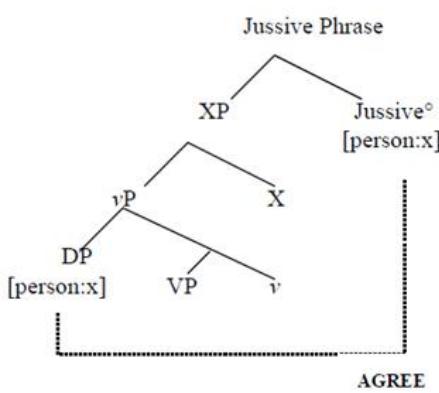
Por fim, as sentenças jussivas que expressam uma obrigação simultânea sobre o ouvinte e o falante são as do subtipo *hortativo*². Outros termos encontrados na literatura são "imperativo inclusivo", "imperativo de primeira pessoa", "exortativo" e "propositivo". Em coreano, as hortativas são marcadas pelo sufixo verbal *-ca*, como em (4).

- (4) Cemsim-ul sa-**ca**. (coreano)
 almoço-ACUS comprar-HORT

(Pak; Portner; Zanuttini, 2008, p. 158, adaptado)

Pak, Portner e Zanuttini (2008) consideram que os marcadores jussivos são gerados no núcleo de uma categoria especializada, JussP, como em (5). O "XP" em (5) corresponde a quaisquer categorias funcionais intermediárias entre JussP e vP. Os autores cogitam AspP, o que sugere uma posição relativamente baixa para JussP na hierarquia sentencial.

- (5) Estrutura de sentenças jussivas (em coreano)



(Pak; Portner; Zanuttini, 2008, p. 165)

Em inglês, podem ser consideradas hortativas sentenças como (6), com *let's*. Potsdam (1998) não usa o termo "hortativo", mas argumenta que, nesses casos, (i) *let's* é uma unidade lexical, que não deve ser vista como contração de *let us*; (ii) não corresponde

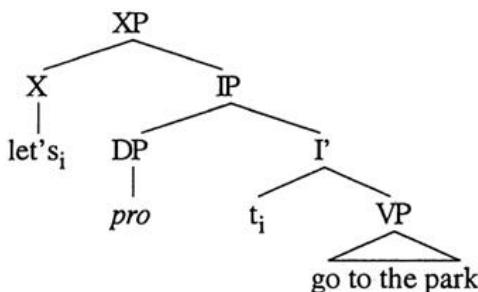
²Alguns autores (cf. Jery; Kissine, 2014, p. 26-31; van der Auwera; Dobrushina; Nina; 2023) usam o termo "hortativo" para qualquer imperativo que não seja de segunda pessoa, incluindo imperativos de terceira pessoa. Os exemplos citados, entretanto, parecem-me corresponder ou a imperativos de segunda pessoa com formas verbais de terceira, por questões de polidez, ou a sentenças *permissivas*, também direcionadas ao ouvinte, em que o falante solicita a este uma permissão para outra pessoa agir de certa forma.

ao verbo lexical *to let* ('permitir'), pois tem comportamento sintático-semântico distinto e (iii) é uma forma específica de imperativos de primeira pessoa do plural.³

O autor propõe que *let's* é um verbo auxiliar, gerado em Iº (como o *do* suporte), que se move para o núcleo de uma categoria mais alta (cf. (7)), que podemos reinterpretar como ForceP ou JussP, mas realocando o JussP acima de TP/IP.

- (6) a. **Let's** go to the park!
ir para o parque
'Vamos/bora ao parque!'
- b. **Let's** be roommates!
ser colegas-de-quarto
'Vamos/bora ser colegas de quarto!'

(7) Estrutura de sentenças imperativas com *let's*



(Potsdam, 1998, p. 272)

No PB, seriam hortativos os "imperativos de primeira pessoa do plural", encontrados em gramáticas normativas, textos religiosos solenes, como traduções da Bíblia, e textos anteriores ao século XX. Em dados como (8), não há um item especializado para a função hortativa. Tal interpretação vem do verbo na primeira pessoa do plural do subjuntivo, uma forma que não é exclusiva da função jussiva/hortativa.

- (8) a. *Façamos* o homem à nossa imagem e semelhança!
(tradução da Bíblia, versão Almeida Corrigida Fiel, 2011)
- b. Mas não *anticipemos* os sucessos; *acabemos* de uma vez com o nosso emplasto.
(Machado de Assis. Memórias Póstumas de Brás Cubas, 1881)

Hortativos semelhantes existem em diversas outras línguas (espanhol, italiano, romeno, húngaro etc), mas tais formas caíram em desuso no PB, com a exceção da forma *vamos* (especialmente quando usada como auxiliar, como em *Vamos sair*) e de algumas usadas como marcadores conversacionais (*digamos*, *suponhamos*).

³Um parecerista chama a atenção para os fatos (i) e (iii) da análise de Potsdam serem "curiosos". Ou seja, não se pode associar *let's* a *let us*, mas, ainda assim, *let's* é "um operador que remete **somente** à primeira pessoa do plural (*nós/us*)". O modo como eu interpreto esse ponto da análise de Potsdam é: *let's* e *let us* não estão em variação estrita; não podem ser usados no mesmo contexto, sem mudança das propriedades da sentença. Mas isso não é incompatível com a possibilidade de *let's* ter se desenvolvido a partir de *let us*, com o 's' retendo o traço de (primeira pessoa do) plural.

Em Cavalcante (2023 e a sair), porém, propus que dados do PB com *bora* (cf. (9)) devem ser vistos como sentenças hortativas; e que *bora* é um marcador hortativo, ocupando o núcleo da categoria responsável por codificar o tipo sentencial em geral (como ForceP) ou o tipo jussivo (como JussP) especificamente (cf. (10)). A análise daria conta de uma série de propriedades de *bora*, como: ocorrência em ordens e convites, mas não em declarativas; incompatibilidade com sujeitos explícitos, com pronomes interrogativos e com a negação sentencial à sua esquerda.⁴

- (9) a. *Bora beber!*
b. *Bora sair amanhã!*
c. *Bora ver um filme!*
d. *Bora jogar bola!*

- (10) *Bora*: gerado em Force^o ou em Juss^o
 - a. [ForceP [Force' **bora** [TP pro [T' [VP pre [V' beber]]]]]]
 - b. [JussP [Juss' **bora** [TP pro [T' [VP pre [V' beber]]]]]]

Essa análise também pode ser aplicada para o *vamos* que ocorre como verbo auxiliar em sentenças hortativas, como em *Vamos sair!* (cf. Cavalcante, 2023 e a sair), que também não pode cair sob o escopo da negação sentencial sem perder a leitura hortativa. Mas, neste caso, *vamos* seria gerado em T^o e depois se moveria para Force^o ou Juss^o.

Na próxima seção, trato da interação dos marcadores hortativos com verbos finitos.

3 Marcadores hortativos e formas verbais não-finitas

Nas três construções com marcadores hortativos citadas anteriormente (com *-ca* em coreano, *let's* em inglês e *bora* no PB), estes se combinam com formas verbais sem marcas flexionais. Isso poderia, em princípio, resultar do fato de o próprio marcador hortativo ser a realização de uma categoria flexional de tempo/concordância (como em Potsdam, 1998), que suprimiria a presença de outros morfemas desse tipo; ou da incompatibilidade da categoria hortativa com TP⁵, a qual talvez selecione um InfP ou VP como complemento.

⁴Quanto a declarativas, uma sentença como *Bora no cinema e depois a um restaurante* não é uma boa resposta a um pedido de informação, como *O que vocês dois vão fazer amanhã?*, pois soa como convite, não como descrição do mundo. A troca de *bora* por *vamos* torna a sentença adequada ao contexto.

Quanto a sujeitos explícitos, dados como *Nós/a gente *bora* (lá/logo)! e *Nós/a gente *bora sair amanhã!* são inaceitáveis, com os pronomes nas posições típicas de sujeito, mas a omissão dos pronomes torna as sentenças boas. Por outro lado, sujeitos extrapostos, com interpretação contrastiva, são aceitáveis, como em *Bora sair daqui, eu e você* e *Bora — eu e você — sair daqui*. Um parecerista também aponta a aceitabilidade de dados como *Vamo estudar nós* ou *Bora viajar só nós*.

Quanto à negação sentencial, sentenças como **Não bora beber / viajar!* são inaceitáveis. A negação só pode ocorrer sob o escopo de *bora*, como em *Bora não beber mais!*. Por outro lado, dados como *Bora (sair) não!* e *Não bora (sair) não!*, são aceitáveis, mas não funcionam como ordens negativas, e sim como rejeições a ordens/convites feitos previamente.

⁵A questão sobre a ausência, em imperativos, de categorias funcionais típicas de sentenças finitas tem longa data na literatura gerativista. Segundo Beukema e Coopmans (1989), imperativos não têm INFL (= IP); para Zanuttini (1991, 1996), imperativos (verdadeiros) não têm TP; segundo Platzack e Rosengren (1998), imperativos não têm FinP, o que resultaria na ausência de TP e MoodP. Outros autores, porém, como Rooryck (1995) e Potsdam (1998), assumem a existência de um IP ou TP em imperativos de segunda pessoa. Neste artigo, focarei a atenção sobre os hortativos.

A ausência de traços de finitude é mais clara no caso do PB, em que há morfologia explícita de infinitivo no verbo com o qual *bora* se combina. A tentativa de flexionar o verbo resulta em agramaticalidade, como se pode ver na comparação entre (11), (12) e (13). Em (11), vemos *bora* combinado com infinitivos impessoais (não-flexionados) e infinitivos pessoais (flexionados em número e pessoa, mas não em tempo).

- (11) a. Bora *sair* amanhã / *estudar* inglês / *ir* pra praia.
- b. *Bora *sairmos* amanhã / *estudarmos* inglês / *irmos* pra praia.

Em (12), vemos a agramaticalidade com flexões finitas no presente: primeira pessoa do plural em (12a); terceira do singular em (12b)⁶.

- (12) a. *Bora *saímos* amanhã / *estudamos* inglês / *vamos* pra praia.
- b. *Bora *sai* amanhã / *estuda* inglês / *vai* pra praia.

Já em (13), vemos a agramaticalidade de *bora* com flexões de futuro: em (13a), com o futuro simples e flexão de primeira pessoa plural; em (13b), com o futuro perifrástico e flexão de terceira singular; em (13c), com o futuro perifrástico e flexão de primeira do plural.

- (13) a. *Bora *sairemos* amanhã / *estudaremos* inglês / *iremos* pra praia.
- b. *Bora *vai sair* amanhã / *vai estudar* inglês / *vai ir* pra praia.
- c. *Bora *vamos sair* amanhã / *vamos estudar* inglês / *vai ir* pra praia.

Poder-se-ia argumentar que a impossibilidade das formas de primeira pessoa do plural, com *-mos*, se deve à substituição do pronome *nós* por *a gente* no PB, que teria levado à perda das flexões correspondentes. Porém, apesar da frequência bem maior de *a gente + verbo.3sg*, as formas verbais (indicativas) da primeira do plural não caíram totalmente em desuso.⁷ E, ainda que tivessem caído, isso não explicaria a agramaticalidade de *bora* com *vamos* (cf. (12a) e (13c)), pois esta forma ainda é frequente no PB.

A perda das demais formas verbais de primeira do plural também não explica a impossibilidade de *bora* com a flexão de terceira pessoa do singular (com sujeito nulo equivalente a *a gente*) (cf. (12b) e (13b)). Os dados de (11) a (13) sugerem que *bora* exige como complemento uma forma verbal infinitiva (ou um Infp ou um TP vazio que selecionaria VP não-finito). Corrobora essa hipótese a possibilidade de locução verbal nas sentenças com *bora*, mas com o auxiliar na forma infinitiva, como nos dados em (14), coletados em redes sociais.

- (14) a. Bora *ir* jogando Skyrim... até sair TES6.
- b. Bora *ir* realizar o sonho de outras pessoas.

Em inglês, o *let's* hortativo se combina com verbos sem flexão e sem o marcador de infinitivo *to*. Isso, em princípio, diz pouco sobre a natureza flexional de tais verbos, uma vez que a forma é compartilhada pela primeira pessoa do plural (*we go*), pelo infinitivo (*to go*) e imperativo (*go!*). Logo, não haveria certeza de se o verbo combinado com *let's*

⁶A comparação com (12b) é importante devido ao uso sistemático de *a gente* como pronome de primeira pessoa do plural, que, no PB, se combina com a forma da terceira pessoa do singular.

⁷Mendonça (2012, p. 4) encontra 29% de *nós* em Vitória (ES). Borges (2004) encontra 26% e 21% de *nós* explícito e 21% e 7% de *nós* implícito em Jaguarão (RS) e Pelotas (RS), respectivamente. Quanto à concordância verbal, em Zilles, Maia e Silva (2000, p. 206), 66% dos dados com *nós* na função de sujeito apresentam o verbo com o morfema *-mo(s)*, dos quais apenas 7,5% foram de *vamos + infinitivo* (p. 211).

é uma forma finita ou infinitiva. Entretanto, o verbo *to be* tem formas diferentes para o plural finito (*are*) e o infinitivo (*be*). Em sentenças hortativas com *let's*, tal verbo assume a forma não-flexionada *be* (cf. (15)). A flexão *are* torna a sentença agramatical (cf. (16)).

- (15) a. Let's *be* Simpson characters for Halloween!
 'Vamos ser personagens dos Simpsons no Halloween!'
- b. Let's you and me *be* roommates!
 'Vamos ser, você e eu, colegas de quarto!'

(Potsdam, 1998, p. 267, 269; traduções minhas)

- (16) a. *Let's *are* Simpson characters for Halloween!
 b. *Let's you and me *are* roommates!

Os dados em (15) e (16) ainda não são suficientes para distinguir se o complemento de *let's* é um InfP ou um VP, uma vez que, em sentenças finitas com *will*, *can* e *do(es)n't*, o verbo lexical também se apresenta na forma não-finita, como em (17). Porém, como apontado antes, Potsdam (1998) considera que *let's* é o núcleo de IP. Por essa análise, o seu complemento seria, de fato, um VP.

- (17) a. John will/can work/be here.
 AUX.FUT/pode trabalhar/estar aqui
 'John vai/pode trabalhar/estar aqui.'
- b. John doesn't work/*be here.
 AUX.NEG trabalhar/estar aqui
 'John não trabalha/está aqui.'

Por outro lado, sentenças hortativas com *let's* podem ter um auxiliar entre *let's* e o verbo lexical, como em (18), o que sugere a existência de ao menos uma categoria flexional intermediária entre o marcador hortativo e o VP lexical, que poderia ser um AspP, embora Potsdam (1998) adote uma análise em que esse tipo de auxiliar é núcleo de um VP adicional.

- (18) Let's have completely **cleaned** the place up by the time he returns!
 Lit: 'Vamos ter limpado completamente o lugar quando ele voltar!'

A situação do coreano é menos clara, já que esta língua não apresenta flexões de pessoa e número, como apontam Pak, Portner e Zanuttini (2008). Mas os autores apontam diferenças entre as formas verbais que ocorrem com marcadores jussivos e as que ocorrem em declarativas e interrogativas. Verbos com morfemas jussivos não aceitam partículas evidenciais nem morfemas de tempo (cf. (19)), que ocorrem nos demais tipos de sentenças.

- (19) a. *ka-ess/ul/nun-**ma**. (promissivo)
ir-PST/FUT/PRES-PRM
- b. *ka-ess/ul/nun-**la**. (imperativo)
ir-PST/FUT/PRES-IMP
- c. *ka-ess/ul/nun-**ca**. (hortativo)
ir-PST/FUT/PRES-EXH

(Pak; Portner; Zanuttini, 2008, 163, adaptado)

Em todos esses casos, o ponto importante é que, qualquer que seja a categoria funcional correspondente, as formas verbais que acompanham os marcadores hortativos são não-finitas. Com base nesses dados, é possível formular a seguinte generalização.

- (A) Marcadores hortativos explícitos são incompatíveis com verbos com marcas flexionais de tempo, número e pessoa.

Notem que a generalização deve ser formulada em termos das *partículas hortativas* em si e não das *sentenças hortativas* de um modo geral, uma vez que sentenças hortativas também podem ser construídas sem marcadores especializados e com o verbo flexionado (ou seja, numa forma não especializada para o modo jussivo), como em *cantemos* e *vamos cantar*.

Entretanto, o marcador hortativo do russo se comporta de modo diferente e foge a essa generalização, como veremos a seguir.

4 Hortativos em russo

O russo expressa o imperativo de primeira pessoa do plural (ou hortativo) de duas maneiras. A primeira — e menos frequente (cf. Podlesskaya, 2006) — é através do verbo lexical, conjugado na primeira pessoa do plural do futuro ou do presente do indicativo⁸, como em (20)⁹.

- (20) a. **Sdyelaem** êta vmyeste! (russo)
fazer.FUT.1PL isso juntos
'Façamos isso juntos!', 'Vamos/bora fazer isso juntos!'
- b. **Slushaem** utchitelya! (russo)
escutar.PRES.1PL professor
'Escutemos o professor!', 'Vamos/bora escutar o professor!'

A segunda maneira é com verbo *davat'* ('dar'), esvaziado do seu significado lexical, comportando-se como um auxiliar, como em (1) e também em (21) e (22). Nesses dados,

⁸O russo não possui modo subjuntivo.

⁹Na ortografia cirílica, os dados em (20), (21) e (22) ficam, respectivamente: "Сделаем это вместе!"; "Слушаем учителя!"; "Давай(те) начинать!"; "Давай(те) играть в шахматы!"; "Давай(те) начнём!"; "Давай(те) сыграем в шахматы!".

davat' pode ser visto como um marcador hortativo e aparece conjugado na forma do imperativo de segunda pessoa do singular (*davay*) ou do plural (*davyte*), mas em ambos os casos as sentenças possuem interpretação de primeira do plural, o imperativo inclusivo (cf. Hansen, 2024; Podlesskaya, 2006; Aikhenvald, 2010, p. 350; e outros).¹⁰

- (21) a. **Davay(te)** natchinat' (russo)
dar.IMP(PL) começar.INF
'Comecemos!', 'Vamos/bora começar!'
 - b. **Davay(te)** igrat' v sharmati! (russo)
dar.IMP(PL) jogar.INF em xadrez
'Joguemos xadrez', 'Vamos/bora jogar xadrez!'
- (22) a. **Davay(te)** natchnyom! (russo)
dar.IMP(PL) começar.FUT.1PL
'Comecemos!', 'Vamos/bora começar!'
 - b. **Davay(te)** cigraem v sharmati! (russo)
dar.IMP(PL) jogar.FUT.1PL em xadrez
'Joguemos xadrez', 'Vamos/bora jogar xadrez!'

Davay(te) se comporta de modo diferente dos marcadores hortativos do PB, inglês e coreano, pois permite dois tipos de combinação: com formas verbais infinitivas, como em (1a) e (21), mas também com verbos conjugados na primeira pessoa do plural do futuro, como em (1b) e (22). Uma vez que *davay(te)* também possui marcas de pessoa e número (*davay* sendo singular, e *davyte* plural), temos a possibilidade de dois verbos conjugados na mesma oração nas sentenças hortativas do russo, um problema descritivo adicional.

Inicialmente, tentemos compreender o primeiro fato: por que o marcador hortativo russo aceita verbos tanto finitos quanto infinitivos?

A escolha da forma infinitiva ou finita não é livre, mas condicionada pelo traço aspectual do verbo. O russo não marca a distinção perfectivo/imperfectivo através de morfemas gramaticais (como em *cantou* e *cantava*), mas sim lexicalmente (cf. Podlesskaya, 2006; Wachowicz; Foltran, 2011, p. 206). Assim, cada verbo é intrinsecamente perfectivo ou imperfectivo¹¹.

Nas sentenças hortativas com *davay(te)*, verbos imperfectivos ocorrem sistematicamente na forma infinitiva, enquanto os perfectivos ocorrem conjugados no futuro. Mas essa não é toda a história. Os verbos imperfectivos e perfectivos russos também têm padrões de conjugação diferentes. O futuro perfectivo é sintético (cf. (23a)), mas o futuro imperfectivo é analítico, expresso com o verbo *bit'* ('ser'), no futuro, combinado com o verbo lexical no infinitivo (cf. (23b))¹².

¹⁰*Davay* também pode ocorrer em permissivos, ou seja, imperativos de segunda pessoa, em que o falante pede ao ouvinte a permissão para ele (o próprio falante) ou uma terceira pessoa agir. Estes dados fogem ao escopo desse trabalho.

¹¹Isso faz com que a maioria dos verbos se manifeste em pares. Por exemplo, nos pares a seguir, o primeiro verbo é sempre a forma perfectiva e o segundo é a forma imperfectiva: (i) *tchitat'* e *pratchitat'* ('ler'); (ii) *gavarit'* e *pagavarit'* ('falar'); (iii) *znat'* e *uznat'* ('saber, ficar sabendo').

¹²Em ortografia cirílica: (23a) "Мы прочитаем эту книгу до конца."; (23b) "Завтра мы будем читать стихи."; (24) Давай(те)будем начинать!

- (23) a. Mi **protchita-em** etu knigu da kantsa. (russo)
 1PL ler.PERF-FUT.1PL esse livro até fim
 'Nós leremos esse livro até o fim.'
- b. Zavtra mi **bud-em** tchitat' ctirri. (russo)
 amanhã 1PL ser-FUT.1PL ler.IMPERF.INF poemas
 'Amanhã, leremos/estaremos lendo poemas'.

O russo omite o verbo *bit'* ('ser'), lexical ou auxiliar, em diversos contextos¹³. Assim, podemos considerar que isso também ocorre nas sentenças hortativas com verbos imperfetivos no infinitivo, como em (1a) e (21). Ou seja, (21a) pode ser vista como equivalente a (24), com a forma *budem* ('seremos') omitida. De fato, a ocorrência do auxiliar *budem* é possível em hortativos, como em *Davyte budem jit'* ('Bora viver!').

- (24) Davay(te) (**budem**) natchinat! (russo)
 dar.IMP(PL) ser.FUT.1PL começar.IMP
 'Vamos (estar a) começar!'

Assim, a coocorrência de formas verbais finitas com um marcador hortativo é a situação *default*, não o caso excepcional, em russo, ao passo que isso é agramatical no PB, inglês e coreano. Isso explica a alternância entre verbos flexionados e não-flexionados nos hortativos russos, mas não explica por que o marcador russo exige formas verbais finitas, ao passo que os marcadores das outras línguas citadas exigem formas não-finitas.

Além disso, um fator complicador adicional é o fato de que o próprio marcador hortativo do russo é também uma forma verbal flexionada pelo menos em pessoa e número¹⁴. Na próxima seção, discuto três possíveis análises iniciais para essa questão.

5 Qual é a estrutura dos hortativos finitos e infinitivos?

Nesta última seção, eu gostaria de apresentar brevemente três possibilidades de análise da estrutura das sentenças hortativas russas com *davyt(e)*, com suas vantagens e desvantagens, assumindo que ainda é necessária pesquisa adicional para descrever mais adequadamente o fenômeno.

A primeira forma de analisar os dados do russo é propor que, em todos os casos, *davyt(e)* é o núcleo de uma categoria mais alta da sentença, responsável pelo tipo senencial, como ForceP. Nas sentenças com o verbo flexionado, este ocorreria em Tº (após passar por Aspº), como na representação em (25) para (22a)).

- (25) a. Davay(te) **natchnyom!** (hortativo perfectivo flexionado)
 dar.IMP(PL) começar.FUT.1PL
- b. [ForceP [Force' davay(te) [TP pro1 [T' **natchnyom1** [AspP [Asp' t'1 [VP t2 [V' t1]]]]]]]]

¹³O verbo *bit'* lexical ('ser') é omitido obrigatoriamente no presente em sentenças estativas (por exemplo, *Maria — krassivaya*'' literalmente 'Maria — linda'), e na construção possessiva negativa (*u minia net bremini*, literalmente 'comigo não tempo', significando 'eu não tenho tempo'). Também é omitida opcionalmente na construção possessiva afirmativa (*u minia est bremya*, literalmente 'comigo é tempo', significando 'eu tenho tempo').

¹⁴Sem entrar na questão sobre se as formas verbais imperativas devem ser vistas como possuindo ou não possuindo tempo.

Nas sentenças com infinitivos, o verbo lexical permaneceria interno ao VP e um verbo auxiliar nulo (versão foneticamente nula de *bit'*) seria gerado em Asp^o e se moveria para T^o, como na representação em (26) para a sentença em (21a).

- (26) a. Davay(te) **natchinat'!** (hortativo imperfectivo infinitivo)
dar.IMP(PL) começar.INF
- b. [ForceP [Force' davay(te) [TP pro₂ [T' Ø₁ [AspP [Asp' t₁ [VP t₂ [V' **natchinat'**]]]]]]]]

Essa análise dá conta das diferenças aspectuais entre as duas versões dos hortativos com *davay(te)*, mas não explica as diferenças entre o russo e as outras línguas em que marcadores hortativos não se combinam com verbos flexionados. Não há motivação, por exemplo, para postular a existência de um auxiliar nulo entre *bora* e o verbo infinitivo, o que, inclusive, faria a previsão errada de possível realização fonética de tal verbo (*bora vamos sair / cantar / passear* é agramatical, a não ser como dois imperativos justapostos).

Por outro lado, o caso do inglês poderia ser explicado dentro dessa análise, assumindo que o marcador *let's* é gerado em T^o e posteriormente movido para Force^o/Juss^o, em linha com Potsdam (1998). *Let's* não se combinaria com verbos flexionados (em tempo, número e pessoa) por ser a própria realização da flexão. A terminação 's, derivada diacronicamente de *us*, pode ser vista como o elemento que codifica o traço de primeira pessoa do plural.

A partícula *-ca* do coreano também poderia ser gerada num núcleo T^o, com movimento para Juss^o, bloqueando assim outras partículas de tempo. A diferença entre *-ca* e *let's* está no fato de que a primeira é um afixo e exige também o movimento do verbo lexical, ao passo que *let's* é uma forma autônoma ou, pelo menos, não-afixal.¹⁵

Essa análise poderia facilmente ser estendida para sentenças hortativas do PB como o auxiliar *vamos* (*Vamos cantar!*) (cf. Cavalcante, 2023 e a sair), que já se comporta como auxiliar em T^o em sentenças declarativas e interrogativas. Porém, essa análise dificilmente poderia ser aplicada ao caso de *bora*, pois não há motivação para tratar essa partícula como um verbo auxiliar ou marcador temporal em T^o.

Uma segunda possibilidade de análise dos hortativos russos é considerar que seriam construções bioracionais: *davay(te)* seria um elemento verbal, lexical, núcleo de VP (posteriormente movido para T^o e Juss^o), que tomaria uma oração como complemento. Os dois verbos flexionados de dados como (22) ocorreriam em orações distintas, não na mesma oração. A ausência de um complementizador entre as duas orações pode ser explicada pelo fato de que o russo permite limitadamente a omissão da conjunção completiva *shtô*, como em (27)¹⁶.

- (27) Dumayu, Ø on iscal tavô parnya. (russo)
pensar.1SG.PRES - 3SG procurar.PASS.SG aquele cara
'Eu acho que ele estava procurando por aquele cara.'

¹⁵Um parecerista aponta que, apesar de (relativamente?) autônomo, *let's* não se comporta com forma livre, pois não pode ocorrer isoladamente, apenas como elemento pré-verbal.

¹⁶Em ortografia cirílica: (27) "Думаю, он искал того парня.>"; (28a) "Не давайте будем говорить по-портugальски; (28b) Давайте не будем говорить по-портugальски.

A hipótese dos hortativos como sentenças bioracionais é inspirada na análise de Hansen (2004) para a gramaticalização de *davay*, pois o autor considera que essa forma ainda não é inteiramente gramaticalizada.

Se Hansen (2004) estiver correto, podemos considerar que isso significa que *davay(te)* ainda mantém traços lexicais, comportando-se como núcleo de um VP, ainda que acumulando também traços hortativos, que o fazem se mover para Juss^o.

Porém, há duas dificuldades para essa análise. A primeira é o fato de que *davay(te)* não mantém seu significado lexical nessas construções (cf. Podlesskaya, 2006). A segunda é que *davay(te)* não pode ficar sob o escopo da negação sentencial (cf. (28a)), apesar de esta anteceder sistematicamente o verbo em russo. O marcador negativo *nie* só pode ocorrer negando a segunda parte da sentença (cf. (28b)), um comportamento semelhante ao do *bora* e do *vamos* hortativos no PB (cf. Cavalcante, 2023 e a sair) e do *let's* do inglês (cf. Potsdam, 1998).

- (28) a. ***Nie** davay(te) gavarit' pa-portugalski. (russo)
NEG dar.IMP(PL) falar.INF em-português
- b. Davay(te) **nie** gavarit' pa-portugalski. (russo)
dar.IMP(PL) NEG falar.INF em-português
'Vamos/bora não falar português.'

A terceira análise possível também é inspirada na análise de Hansen (2004) sobre a gramaticalização apenas parcial de *davay(te)*, mas assume uma outra interpretação para a gramaticalização parcial. Considerando-se que a gramaticalização envolve, entre outros processos, a passagem de um XP pleno para um X^o, é possível que *davay(te)* não funcione como o núcleo de JussP/ForceP, mas como o seu especificador, que entra numa relação de concordância com um núcleo hortativo vazio. Assim, a análise para as estruturas com *davay(te)* seria a das representações em (29) e (30) e não a das configurações em (25) e (26).

- (29) a. Davay(te) natchnyom!

- b. [ForceP [**davay(te)**] [Force' Ø_{hort} [TP pro1 [T' natchnyom1 [AspP [Asp't'1 [VP t2 [V' t1]]]]]]]]]

- (30) a. Davay(te) natchinat'!

- b. [ForceP [**davay(te)**] [Force' Ø_{hort} [TP pro2 [T' Ø1 [AspP [Asp' t1 [VP t2 [V' natchinat']]]]]]]]]

Essa análise é compatível com a generalização em (A), se entendermos que ela se refere a partículas (explícitas) que exercem a função de núcleo hortativo. *Davay(te)* seria um item mais semelhante a um elemento adverbial, que se combina ao núcleo hortativo nulo.

Uma dificuldade para essa análise diz respeito a um item verbal se tornar um sintagma pleno num especificador, ou seja, uma categoria X^o (um V^o) se gramaticalizar num XP. Mas o processo de gramaticalização de *davay(te)* pode ter como ponto de partida, não a forma nuclear V^o, mas um VP com argumentos nulos ou mesmo TP com elipse de VP.

Isso prevê que elementos hortativos podem se realizar de formas distintas:

- (i) como um especificador; ou
- (ii) como um núcleo.

E, como núcleo, esse elemento pode ser:

- (a) um núcleo sem realização fonética compatível com verbos flexionados, como o *Fazemos isso!* do português e casos semelhantes de outras línguas e do russo; ou
- (b) uma forma com traços fonéticos, gerada diretamente em Juss°/Force° (que seria o caso de *bora* do PB) ou gerada em T° e posteriormente movida para Juss°/Force° (que seria o caso de *let's* em *Let's do it!*, do *-ca* do coreano e, talvez, do *vamos* como auxiliar em dados como *Vamos sair!*).

O tema ainda exige pesquisa adicional, que explore a natureza da incompatibilidade entre os marcadores hortativos em posição de núcleo (não gerados em T°) e marcas de finitude nos verbos selecionados.

Referências

- AIKHENVALD, Alexandra Y. *Imperatives and Commands*. New York: Oxford University Press, 2010.
- BEUKEMA, Frits; COOPMANS, Peter Coopmans. A government-binding perspective on the imperative in English. *Journal of Linguistics*, v. 25, n. 2, 1989, p. 417-436. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/4176012>. Acesso em: 13 jan. 2023.
- BORGES, Paulo R. S. *A gramaticalização de a gente no português brasileiro: análise histórico-social-lingüística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas*. 2004. 227 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná, Porto Alegre, 2004.
- CAVALCANTE, Rerisson. Bora como marcador imperativo-hortativo. *Caderno de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem*, v. 9 n. 1, p. 11-20, 2023.
- Van der AUWERA, Johan; DOBRUSHINA, Nina; GOUSSEV, Valentin. Imperative-Hortative Systems. In: DRYER, Matthew; HASPELMATH, Martin; GIL, David; COMRIE, Bernard (org.). *World Atlas of Language Structures*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- JARY, Mary; KISSINE, Ritchie Mikhail. *Imperatives*. Cambridge University Press, 2014.
- HANSEN, Björn. The grammaticalization of the analytical imperatives in Russian, Polish and Serbian/Croatian. *Die Welt der Slaven*, v. 49, p. 257-274, 2004.
- MENDONÇA, Alexandre Kronemberger de. Nós e a gente na cidade de Vitória: análise da fala capixaba. *Revista PerCursos Linguísticos*, v. 2, n. 4, 2012.

PLATZACK, Christer; ROSENGREN, Inger. On the subject of imperatives: a Minimalist account of the imperative clause. *Journal of Comparative Germanic Linguistics*, v. 3, p. 177-224, 1998.

PODLESSKAYA, Vera I. Auxiliation of 'give' verbs in Russian: discourse evidence for grammaticalization. In: TSUNODA, Tasaku; KAGEYAMA, Taro. *Voice and Grammatical Relations: In Honor of Masayoshi Shibatani*. Amsterdam: John Benjamins, 2006. p. 271-298.

POTSDAM, Eric. *Syntactic Issues in the English Imperative*. Nova York: Garland Publishing, 1998.

ROORYCK, Johan. Restricting relativized minimality: the case of Romance clitics. In: AMASTAE, Jon; GOODALL, Grant; MONTALBETTI, M.; PHINNEY, M. (org.). *Contemporary Research in Romance Linguistics: papers from the XXII Linguistic Symposium on Romance Languages*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995. p. 333-354.

WACHOWICZ, Teresa Cristina; FOLTRAN, Maria José. Sobre a noção de aspecto. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 48, n. 2, p. 211-232, 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637179>. Acesso em: 10 ago. 2025.

ZANUTTINI, Raffaela. *Syntactic Properties of Sentential negation: a Comparative Study of Romance Languages*. Tese (Doutorado) – University of Pennsylvania, 1991.

ZANUTTINI, Raffaela. On the relevance of tense for sentential negation. In: BELLETTI, Adriana; RIZZI, Luigi. *Parameters and Functional Heads: Essays in Comparative Syntax*. Oxford University Press, 1996. p. 181-207.

ZILLES, Ana Maria Stahl; MAYA, Leonardo Zechlinski; SILVA, Karine Quadros da. A concordância verbal com a primeira pessoa do plural em Panambi e Porto Alegre, RS. *Organon*, Porto Alegre, v. 14, n. 28/29, p. 195-219, 2000.

AUTORIA**Rerisson Cavalcante (UFBA)**

Conceitualização; Análise Formal; Escrita — Esboço Original; Escrita — Revisão e Edição

Conforme papéis CRediT especificados em:

https://contributorshipcollaboration.github.io/projects/translation/translations/pt_latn/**DADOS DA PUBLICAÇÃO**

Seção: Artigo Convidado

Recebido em: 11/8/2025

Aceito em: 4/9/2025

Publicado em: 13/10/2025

COMO CITAR

CAVALCANTE, Rerisson. Marcadores imperativo-hortativos e finitude.

Caderno de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem, v. 10, n. 2, p. 9-23, 2024.**SOBRE A REVISTA**Submissões: <https://periodicos.unb.br/index.php/cs>*Open Access*Sob licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License*

Revisão a Gouet (1976): a concordância em DPs contendo nomes de marcas comerciais

Revisiting Gouet (1976): nominal agreement in DPs containing brand names

Bruna Karla Pereira*

Resumo

O presente trabalho resgata, a partir de Gouet (1976), reflexões que percorreram as seis últimas décadas, em caráter de vanguarda, e que perduram, com relevância atual, por reconhecerem a necessidade de se considerarem elementos nulos para identificação de padrões formais e sintáticos de concordância. Especificamente, Gouet (1976) aborda dados do francês (*Un Bourgogne blanc, s'il vous plaît!*) em que o artigo se flexiona em gênero diverso do nome que o segue. Para o autor, o gênero do artigo no masculino se deve ao gênero, também no masculino, do nome do produto (*vin*), não expresso, em detrimento do gênero feminino do nome próprio da marca (Bourgogne), expresso. O referido padrão de concordância com nome nulo se mostra consistente com dados do português do Brasil (PB) correspondentes aos do francês, contendo nomes de marcas comerciais (*Um Bourgogne branco, por favor!*), que serão explorados neste trabalho. O referido padrão também se coaduna com aquele revelado por pesquisas recentes (Pereira, 2017, 2018, 2020, 2023a-b, 2024a-c) sobre concordância com *silent nouns* (Kayne, 2005, 2019, 2021), em uma série de outras estruturas do PB. O diálogo com essas pesquisas permite a elaboração de uma proposta de análise sintática dos dados então apresentados. Dessa forma, as reflexões de Gouet (1976) são, a partir deste trabalho, resgatadas, revisitadas e assim presentificadas, devido à sua contribuição para os estudos de concordância nominal, especialmente no que se refere ao papel dos nomes nulos.

Palavras-chave: concordância nominal; traços de gênero e número; nomes próprios de marcas comerciais; *silent nouns*; estrutura do DP.

Abstract

This paper retrieves a work by Gouet (1976) that has traversed the last six decades and has endured, with current relevance, by recognizing, in a pioneering manner,

*Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, UFVJM. Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com estágio de doutorado pela University of Cambridge e pós-doutorado pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT). E-mail: brunaufm@gmail.com.br. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-4958-8621>. Agradeço a: Richard Kayne a valiosa indicação de leitura de Gouet (1976) e Morin (1977), em comunicação via e-mail, em dezembro de 2024; PRPPG/UFVJM o apoio a projeto de pesquisa prévio em tópico correlacionado; e meu companheiro de vida a generosidade de prover condições propícias para que eu pudesse me concentrar, em caráter intensivo, na redação deste artigo.

the need to consider null elements for identifying formal and syntactic concord patterns. Specifically, Gouet (1976) addresses data from French (*Un Bourgogne blanc, s'il vous plait!*), where the article (*un*) is inflected in a gender different from the gender of the noun (*Bourgogne*) that follows it. According to the author, the article's masculine gender reflects the masculine gender of the product name (*vin*), which is covert in the phrase, as opposed to the feminine gender of the brand name (*Bourgogne*), which is overt. The mentioned agreement pattern with a null noun proves to be consistent with data from Brazilian Portuguese (BP) (*Um Bourgogne branco, por favor!*), corresponding to those of French that contain commercial brand names, which will be explored in this paper. The mentioned pattern also aligns with the one revealed by recent research (Pereira, 2017, 2018, 2020, 2023a-b, 2024a-c) on a series of other BP structures that show agreement with silent nouns (Kayne, 2005, 2019, 2021). The dialogue with this research allows for proposing a syntactic analysis of the data, thus presented. Therefore, this paper revisits Gouet (1976) due to its contribution to the studies on nominal concord, especially concerning the role of covert nouns.

Keywords: nominal agreement; gender and number features; commercial brand names; silent nouns; DP-structure.

1 Introdução

Neste trabalho, apresenta-se uma leitura de Gouet (1976), com uma amostra de dados do português do Brasil (doravante PB), que ilustram suas observações ora descritas para o francês, bem como se estabelece um diálogo de suas observações com pesquisas recentes sobre *silent nouns* (Kayne, 2005, 2019, 2021) e concordância nominal no PB (Pereira, 2017, 2018, 2020, 2023a-b, 2024a-c).

Especificamente, Gouet (1976) aborda dados do francês (1a) em que o artigo se flexiona em gênero diverso do nome que o segue. Para o autor, o gênero do artigo no masculino se deve ao gênero, também no masculino, do nome do produto (*vin*), não expresso, em detrimento do gênero feminino do nome próprio da marca (*Bourgogne*), expresso. O referido padrão de concordância se mostra consistente com dados do português do Brasil (PB) correspondentes aos do francês, como (1b)¹, contendo nomes de marcas comerciais.

- (1) a. Un Bourgogne blanc, s'il vous plait!

(Gouet, 1976, p. 695)

- b. Um Bourgogne branco, por favor!

Justifica-se uma retomada do trabalho de Gouet (1976), por se tratar de texto que, publicado há cerca de 50 anos, veicula uma reflexão atual sobre a consideração de nomes nulos na depreensão de padrões de concordância nominal. Por isso, merece ser evi-denciado, em uma publicação recente que remembre seu cinquentenário. Justifica-se esta recuperação ainda pelo fato de o trabalho revelar dados do francês com um padrão de concordância correspondente a dados do PB que, embora frequentes e produtivos, ainda não foram tratados na literatura. Sobretudo, justifica-se uma revisitação a Gouet

¹"Um Bourgogne branco para todos os momentos!". Disponível em: <<https://www.instagram.com/animavinumbrasil/p/C0hqa58pEgC/>>. Acesso em: 20 fev. 2025.

(1976) pelo fato de suas reflexões apresentarem pontos de interseção com estudos recentes de estruturas contendo aparente disparidade na concordância nominal. Tais estudos demonstram, ao contrário de disparidade, a existência de um padrão coeso de concordância com *silent nouns*. Portanto, ao revisitar Gouet (1976), o presente trabalho serve como contributo para os estudos de concordância nominal, de um ponto de vista translingüístico, bem como para a descrição da gramática do PB.

Diante disso, este artigo se organiza em três seções nucleares: a primeira se concentra nos dados do francês, demonstrados por Gouet (1976); a segunda evidencia uma amostra de dados do PB com padrão semelhante àquele apresentado no francês; e a terceira, com o fim de elaborar uma proposta de análise, estabelece um paralelo entre as reflexões de Gouet (1976) e pesquisas recentes que tratam de *silent nouns* na checagem de traços- φ .

2 Gouet (1976): concordância² em dados do francês contendo nomes de marcas comerciais

Gouet (1976) aborda dados do francês que ilustram uma relação entre traços formais de gênero e nomes nulos, no caso de ocorrências que envolvem nomes próprios de marcas de vinho e cerveja. Em tais ocorrências, utiliza-se o nome da marca comercial precedido por artigo. Por sua vez, a flexão do artigo é determinada pelo gênero do nome do produto referido (*cerveja* ou *vinho*), que não é realizado foneticamente.

Assim, segundo o autor, ao pedir uma cerveja ao garçom, em um bar, utiliza-se, por exemplo, (2a). Em (2a), observa-se o nome da marca *Heineken*, precedido por artigo flexionado no feminino. Isso ocorre, segundo o autor, porque *bière* ('cerveja'), palavra elíptica, é feminina e determinaria, portanto, a realização do artigo, no feminino. Por isso, (2b), com artigo no masculino, é agramatical. Nesse caso, "o gênero do sintagma é sempre feminino"³ (Gouet, 1976, p. 694, tradução minha).

- (2) a. Une Kronengbourg/33/Münich/Heineken/Stella, s'il vous plait!
'Uma Kronengbourg/33/Münich/Heineken/Stella, por favor!'

(Gouet, 1976, p. 694)

- b. *Un Heineken, s'il vous plait!

(Gouet, 1976, p. 694)

Dessa forma, para o autor, (3a) seria construída a partir de uma regra de apagamento (*deletion rule*), que suprimiria, dentre outras formas, a palavra *bière*, expressa em (3b).

²Vale observar que, em momento algum do texto, o autor menciona o termo *agreement* ou *concord*. Por estar interessado em regras de transformação por apagamento, faz uso de dados com marcação de gênero com o fim exclusivo de evidenciar tais regras. Com efeito, o autor reconhece abertamente a necessidade de se explicarem as restrições de gênero apresentadas: "to account for such superficial constraints as gender (case also deserves study)" (Gouet, 1976, p. 696), necessidade esta que move a presente revisitação ao referido trabalho.

³"The gender of the phrase is always feminine" (Gouet, 1976, p. 694).

- (3) a. Une Heineken.
 'Uma Heineken.'

(Gouet, 1976, p. 694)

- b. Une bière de (nom, marque) Heineken.
 'Uma cerveja de nome/marca Heineken.'

(Gouet, 1976, p. 694)

Ainda, segundo o autor, ao pedir um vinho ao garçom, em um bar, utiliza-se, por exemplo, (4a)⁴. (4a) seria construída a partir de regras de transformação⁵ responsáveis por suprimir, dentre outras formas, a palavra *vin*, expressa em (4b). Logo, o uso do artigo no masculino refletiria o gênero de *vin* ('vinho'), nome suprimido.

- (4) a. Un bourgogne blanc, s'il vous plait.
 'Um Bourgogne branco, por favor.'

(Gouet, 1976, p. 695)

- b. Un vin blanc provenant de Bourgogne.
 'Um vinho branco proveniente de Borgonha.'

(Gouet, 1976, p. 695)

Ademais, o autor destaca que "o gênero precisa ser masculino, mesmo que o nome designativo da origem do vinho seja intrinsecamente feminino. Este é o caso de Bourgogne, nome de uma província que ocorre como tal apenas no feminino"⁶ (Gouet, 1976, p. 694, tradução minha). O autor destaca ainda que, em (4a), não apenas o artigo se flexiona no masculino como também o adjetivo *blanc*⁷, em decorrência de o nome nulo *vin* ser palavra masculina⁸.

⁴"Un bourgogne/bordeaux/blanc/rouge, s'il vous plait!" (Gouet, 1976, p. 694).

⁵"this deletion will be (11), followed by permutation (12): (11) Un vin blanc provenant de Bourgogne → Un blanc de Bourgogne → (12) Un bourgogne blanc" (Gouet, 1976, p. 695).

⁶"Notice that the gender has to be masculine, even if the noun designating the origin of the wine is intrinsically feminine. This is the case for Bourgogne, a province name that occurs as such only in the feminine" (Gouet, 1976, p. 694).

⁷"This phrase is in the masculine, as can be seen from the form of both the article and the adjective" (Gouet, 1976, p. 695).

⁸Gouet (1976) explica ainda que, em situações específicas, quando o artigo é flexionado no feminino (ia), o nome elíptico indicaria o recipiente da bebida, como "uma garrafa de vinho branco da Bourgogne", conforme dados em (i). Nota o autor que, em (ia,b), somente o artigo *une* é flexionado no feminino, devido ao gênero de *bouteille* ('garrafa'), nome feminino, que aparece explícito em (ic). Assim, o adjetivo *blanc* é mantido no masculino, devido ao gênero masculino de *vin*. Com efeito, aponta o autor que (id), com o adjetivo no feminino, é agramatical.

- (i) a. Une bourgogne blanc pour la 2!
 b. Une bourgogne blanc
 c. Une bouteille de vin blanc provenant de Bourgogne.
 d. *Une bourgogne blanche pour la 2!

(Gouet, 1976, p. 695)

Contrastivamente, não se observa no PB, pelo menos nesses casos, a possibilidade apresentada no francês de utilização de um nome nulo de recipiente que justifique outra flexão em gênero. Como apresentado em (7a, b), na seção seguinte, o gênero do artigo reflete o gênero do nome do produto. Portanto,

Conclui o autor que o fenômeno é bastante produtivo e que somente um tratamento que leve em conta a supressão nominal seria capaz de descrevê-lo:

The phenomena appear to be very productive. They affect a large range of proper names that tend to substitute for the names of items such as soap, clothes, furniture, and tools or machines of all kinds [...] Interpretation rules could perhaps account for the meaning of some of our examples, but they are not supposed to account for such superficial constraints as gender (case also deserves study).

It is thus hard to see how any treatment other than deletion by a transformation would succeed in describing such data in a natural fashion. (Gouet, 1976, p. 696)⁹

Mais exemplos do fenômeno no francês aparecem em Morin (1977) e são ilustrados com nomes de marcas de automóveis. Assim, (5a)¹⁰ se refere a marcas de carro (*voiture*, nome feminino), e (5b), a marcas de caminhão (*camion*, nome masculino).

- (5) a. une Peugeot, une Renault, une Buick
‘uma Peugeot’

(Morin, 1977, p. 749)

- b. un Renault, un Berliet, un GMC.
‘um Renault’

(Morin, 1977, p. 749)

Embora Morin (1977) desenvolva uma linha de argumentação em contestação à proposta de Gouet (1976), o que se pode observar, do ponto de vista da flexão do determinante, é justamente o que proporia Gouet (1976): em (5a), a realização do artigo *une*, no feminino, seria devida ao nome suprimido *voiture* (‘carro’), palavra feminina. Igualmente, em (5b), a realização do artigo *un*, no masculino, seria devida ao nome suprimido *camion* (‘caminhão’), palavra masculina.

Além disso, o fenômeno também pode ser ilustrado com dados de Morin (1977), contendo marcas de bebidas. Como se observa em (6), o artigo precedente ao nome da

“*uma Canção”, referindo-se a “uma taça de vinho Canção”, não funcionaria. Também não funcionaria “*um João Mendes”, referindo-se a “um copo de cachaça João Mendes”. Em ambos os casos, seriam necessárias a expressão da preposição ‘de’ e a presença de antecedente recuperável, para que ocorra elipse de *taça* ou de *copo*: “uma (taça) do (vinho) Canção” ou “um (copo) da (cachaça) João Mendes”.

⁹“O fenômeno parece ser muito produtivo. Ele afeta uma extensa variedade de nomes próprios que tendem a substituir nomes dos itens, tais como sabão, roupas, móveis, e utensílios ou máquinas de todos os tipos [...]. Regras de interpretação poderiam talvez explicar o significado de alguns de nossos exemplos, mas não é esperado que consigam explicar tais restrições superficiais como gênero (caso também que merece estudo). É, portanto, difícil ver como qualquer tratamento diferente de supressão por transformação poderia ser bem sucedido na descrição desses dados de forma natural.” (Gouet, 1976, p. 696, tradução minha)

¹⁰A tradução para este caso seria “um Peugeot”, pois o exemplo de Morin (1977) trata de carro (*voiture*), que é uma palavra masculina no português. Contudo, como será discutido na seção seguinte, é possível, no português, o uso do feminino em artigos prévios a nomes de marcas de automóveis, na referência a caminhonete, por exemplo. Então, como existe essa possibilidade, mantém-se a tradução literal, no feminino, para ser fiel ao exemplo do francês, também no feminino.

marca se flexiona no feminino, em possível concordância com os respectivos nomes elípticos, no feminino¹¹: *liqueur* (6a), *eau-de-vie* (6b) e *eau minérale* (6c). Para esse entendimento, ler-se-iam: (6b) como “uma (aguardente de marca) Vodka” e (6c) como “uma (água mineral de marca) Vitelloise”.

- (6) a. une Chartreuse, une Bénédictine
‘uma Chartreuse’

(Morin, 1977, p. 750)

- b. une Vodka, une Banantyne
‘uma Vodka’

(Morin, 1977, p. 750)

- c. une Vitelloise, une Orangina
‘uma Vitelloise’

(Morin, 1977, p. 750)

Em suma, Gouet (1976) observa a marcação de gênero, em dados do francês contendo nomes de marcas comerciais de produtos como cerveja e vinho. Nesses dados, a flexão em gênero do determinante e de modificadores não é acionada pelo nome expresso da marca, mas pelo nome elíptico do produto referido. Dessa forma, conclui-se que, para depreensão do padrão de concordância apresentado, é necessário que se considerem os traços formais de gênero do nome elidido.

¹¹Morin (1977, p. 750) apresenta os dados seguintes (i) como supostos contraexemplos para a análise de Gouet (1976), pois, nesses casos, haveria ocorrência de artigo no masculino em desacordo com o gênero feminino dos nomes das respectivas bebidas: *liqueur* (ia), *eau-de-vie* (ib) e *eau minérale* (ic). No entanto, à luz do tratamento proposto por Gouet (1976), admite-se que esses dados poderiam ser interpretados com um nome elíptico indicando recipiente, como *verre* ('copo'), que é masculino. Assim, (ib), por exemplo, poderia ser lido como “*un (verre de) Orangina*”. Portanto, não seria um contraexemplo, pelo fato de uma possível variação já ter sido prevista por Gouet (1976), em certos casos.

- (i) a. un Grand-Marnier
b. un Orangina, un Black-and-White
c. un Vitel
(Morin, 1977, p. 750)

3 Concordância em dados do PB contendo nomes de marcas comerciais

O fenômeno¹², exemplificado no francês, também é registrado no PB, em dados contendo marcas de diversos produtos, como se observa em (7)¹³.

- (7) a. um Canção
 a'. um (vinho da marca) Canção
 b. uma Heineken
 b'. uma (cerveja da marca) Heineken
 c. uma João Mendes
 c'. uma (cachaça da marca) João Mendes
 d. um Fiat
 d'. um (carro da marca) Fiat
 e. uma Honda
 e'. uma (moto da marca) Honda
 f. uma Hilux
 f'. uma (caminhonete da marca) Hilux
 g. uma Brastemp
 g'. uma (lavadora da marca) Brastemp
 h. uma Oral B
 h'. uma (escova de dentes da marca) Oral B

Dessa forma, no PB, em (7a), o artigo se flexiona no masculino, em concordância com o nome elidido *vinho*, mesmo que o nome expresso da marca *Canção* seja feminino. Em (7b), o artigo se flexiona no feminino¹⁴, em concordância com o nome elidido *cerveja*.

¹²O fenômeno também pode ser observado no italiano, em dados com nomes de vinhos (i - iii). Nesses dados, os nomes das marcas aparecem precedidos por artigo *il* no masculino, possivelmente em concordância com *vino* ('vinho'), nome masculino elidido, mesmo que os nomes das marcas sejam femininos, como *Selva*, *Barbera* e *Toscana*. Em (iii), observa-se que também o adjetivo *bianco* se flexiona no masculino, em concordância com *vino*.

(i) “Il Selva della Tesa è fermentato in barrique.”
 Disponível em: <https://www.cadelbosco.com/wp-content/uploads/importmedia/2024-02-16_Wine-News.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2025.

(ii) “Il Barbera d’Asti L’Avvocata di Luigi Coppo è un’espressione emblematica della Barbera.”
 Disponível em: <<https://www.vino.com/dettaglio/barbera-dasti-docg-lavvocata-coppo-2023.html>>. Acesso em: 16 fev. 2025.

(iii) “Il Bianco Toscana Monna 1475 di Capezzana è un vino bianco fresco e aromatico.”
 Disponível em: <<https://www.vino.com/dettaglio/toscana-igt-bianco-monna-1475-tenuta-di-capezzana-2023.html>>. Acesso em: 16 fev. 2025.

¹³(7a): marca local de Flores da Cunha (Rio Grande do Sul). (7c): marca local de Perdões (Minas Gerais).

¹⁴Destaca-se também a possibilidade de a sequência apresentar um nome masculino (*Puro Malte*), mantendo-se a flexão do artigo no feminino (*uma*), devido à concordância com o nome elíptico *cerveja* (i,i').

Em (7c), o artigo se flexiona no feminino, em concordância com o nome elidido *ca-chaça*, mesmo que o nome expresso da marca *João Mendes* seja masculino. Em (7d), (7e), (7f), (7g) e (7h), a flexão do artigo se dá de acordo com o gênero dos nomes elididos, respectivamente: *carro*, *moto*, *caminhonete*, *lavadora* e *escova de dentes*.

Ademais, destaca-se, no PB, a presença do mesmo padrão de flexão de determinantes precedendo nomes de estabelecimentos, como em (8a-f), e também revistas, como em (8g), o que caracteriza a produtividade bem como a regularidade do fenômeno. Em (8a-g)^{15,16}, a flexão do artigo se dá de acordo com o gênero e com o número dos nomes elípticos, respectivamente: *farmácia*, *loja*, *clínica*, *hospital*, *igreja*, *hotel* e *revista*.

- (8) a. a Araújo
- a'. a (drogaria de nome) Araújo
- b. a Lojas Rede
- b'. a (loja de nome) Lojas Rede
- c. a Freud Cidadão
- c'. a (clínica de nome) Freud Cidadão
- d. o Vera Cruz
- d'. o (hospital de nome) Vera Cruz
- e. a São José/Santo Antônio/Sagrado Coração
- e'. a (igreja de nome) São José/Santo Antônio/Sagrado Coração
- f. o Rainha do Brasil
- f'. o (hotel de nome) Rainha do Brasil
- g. a Estudos Linguísticos
- g'. a (revista de nome) Estudos Linguísticos

(i) uma Puro Malte

(i') uma (cerveja de tipo) Puro Malte

¹⁵Listam-se exemplos dos respectivos DPs, realizados em sentenças:

- (8) a. Comprei um condicionador na Araújo.
- b. “Fui na **lojas Rede** King BH gente, quem é de BH sabe que essa loja é uma perdição.”
Disponível em: <<https://www.instagram.com/ssorayav/reel/DE5ELe1O8tg/>>. Acesso em: 17 fev. 2025.
- c. Visitei a Freud Cidadão.
- d. Conheci o Vera Cruz.
- e. A São José foi construída há poucos anos.
- f. “O Rainha do Brasil foi pensado para que o devoto tenha o suporte e o descanso que ele e sua família precisam.”
Disponível em: <<https://www.a12.com/redacaoa12/santuarionacional/hotel-rainha-do-brasil-10-anos-acolhendo-o-devoto-da-mae-aparecida>>. Acesso em: 17 fev. 2025.
- g. “A Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978) publica, desde sua criação, artigos.”
Disponível em: <<https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos>>. Acesso em: 17 fev. 2025.

¹⁶(8b): nome de loja de cosméticos em Belo Horizonte (Minas Gerais). (8c): nome de clínica médica em Belo Horizonte (Minas Gerais). (8d): nome de hospital em Belo Horizonte (Minas Gerais). (8e): São José / Santo Antônio: nomes de igrejas em Perdões (Minas Gerais), mas também frequentes em outras cidades da federação. Sagrado Coração: nome de igreja em Diamantina (Minas Gerais). (8f): nome de hotel em Aparecida (São Paulo).

Nota-se, em (8a), a flexão do artigo no feminino de acordo com o gênero de *farmácia*, independentemente de o nome da farmácia *Araújo* ser masculino. Em (8b), a flexão do artigo ocorre no singular, independentemente de o nome da loja *Lojas Rede* ser plural. Em (8c), a flexão do artigo ocorre no feminino¹⁷, independentemente de o nome da clínica *Freud Cidadão* ser masculino. Em (8d), a flexão do artigo ocorre no masculino, independentemente de o nome do hospital *Vera Cruz* ser feminino. Em (8e), a flexão do artigo ocorre no feminino, independentemente de o nome da igreja *Sagrado Coração* ser masculino. Em (8f), a flexão do artigo ocorre no masculino, independentemente de o nome do hotel *Rainha do Brasil* ser feminino. Ainda quanto a (8f), vale destacar um dado do francês “le Reine Elizabeth”¹⁸ no qual se evidencia o mesmo fenômeno: *le* se flexiona no masculino, em concordância com o gênero de *hôtel*, mesmo que o nome do hotel *Reine Elizabeth* seja feminino. Por último, em (8g), a flexão do artigo ocorre no feminino e singular, independentemente de o nome da revista *Estudos Linguísticos* ser masculino e plural.

Em suma, pode-se observar, nos dados do francês com nomes de marcas, evidenciados por Gouet (1976), que os itens nominais, referentes aos produtos, mesmo suprimidos, desencadeiam a flexão em gênero no determinante e nos modificadores. O fenômeno, produtivo no francês e intrigante ao olhar dos pesquisadores já nos anos 70, também se mostra frequente no PB.

4 Proposta de análise: a sintaxe de estruturas contendo elisão e nomes de marcas comerciais

Esta seção fornece uma proposta de análise sintática para dados como aqueles apresentados por Gouet (1976), considerando-se a estrutura interna do DP e a checagem de traços formais de gênero e número. Essa análise é feita com base no que tem sido desenvolvido por Pereira (2017, 2018, 2020, 2023a-b, 2024a-c), para construções que evidenciam concordância com *silent nouns* (Kayne, 2005, 2019, 2021). Para explicitação da proposta, retomam-se os dados seguintes (9)¹⁹, renumerados e/ou adaptados, bem como se procede à derivação sintática (10).

¹⁷Neste caso, “o Freud Cidadão” também é possível, como em “Atendo no Freud Cidadão”, se o entendimento for “o (consultório) Freud Cidadão”. Vale destacar que, por se tratar de elisão de nomes com antecedente recuperável, seja o antecedente expresso ou não, certa variabilidade é prevista, como identificado neste caso em que se recuperam antecedentes feminino e masculino, como ‘clínica’ e ‘consultório’. Outro caso de variabilidade seria na ocorrência de nomes de redes sociais de comunicação em que também se recuperam antecedentes feminino e masculino, como ‘plataforma/rede’ e ‘serviço/meio’. Por isso, em observação ao comentário de um dos pareceristas, embora a escolha do masculino em “o Facebook”, “o Instagram” e “o Tiktok” possa ser predominante, também são permitidas ocorrências no feminino, como se constata em “Apareceu na Facebook” (Disponível em: <<https://www.instagram.com/reel/ChcZy9dlRMd/>>. Acesso em: 29 jul. 2025).

¹⁸Dado referido por David Pesetsky, por ocasião de comunicação pessoal, durante visita ao MIT, em abril de 2022.

¹⁹(9a): cf. “Um Bourgogne branco para todos os momentos!”

Disponível em: <<https://www.instagram.com/animavinumbrasil/p/C0hqa58pEgC/>>. Acesso em: 20 fev. 2025.

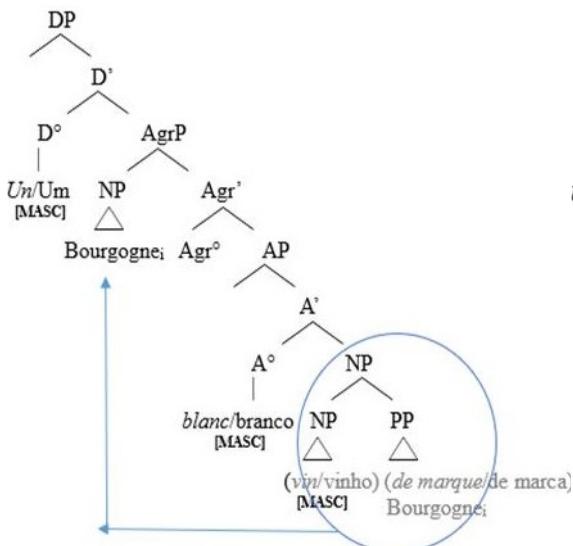
(9b): cf. “Une Heineken froide protégée de la lumière et de l’air.”

Disponível em: <<https://www.heineken.com/ca/fr/home>>. Acesso em: 20 fev. 2025.

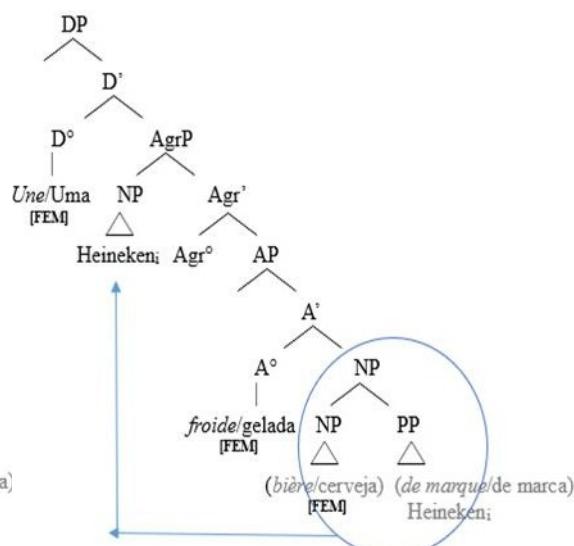
- (9) a. Un Bourgogne blanc / Un (vin de marque) Bourgogne blanc
 'Um Bourgogne branco' / 'Um (vinho de marca) Bourgogne branco'

- b. Une Heineken froide / Une (bière de marque) Heineken froide
 'Uma Heineken gelada' / 'Uma (cerveja de marca) Heineken gelada'

(10a) para (9a)



(10b) para (9b)



Fonte: elaborado pela autora.

O diagrama arbóreo, em (10), é feito com base em Cinque (2005). Nele, observa-se que o nome elidido do produto se realiza como núcleo do NP, enquanto o nome da marca comercial se realiza dentro de um PP, que, por sua vez, é derivado em posição de adjunção. O movimento do NP, em *pied-piping*, para uma posição Agree acima de onde o AP é inserido, garante a realização do adjetivo posposto ao NP. Dessa forma, o nome elidido funciona como alvo para checagem (Chomsky, 2001; Pesetsky, 2007) de traços de gênero das sondas, no determinante e no modificador adjetival. Assim, a flexão se dá porque o determinante e modificadores concordam em gênero com o nome nulo (*cerveja* ou *vinho*), que se aloja dentro do NP, na estrutura interna do DP.

Essa proposta de derivação sintática e análise da checagem de traços se configura como uma aplicação daquela desenvolvida para outras estruturas do PB (Pereira, 2017, 2018, 2020, 2023a-b, 2024a-c), que revelam aparente disparidade na concordância nominal, como (11).

- (11) a. 10 ovos caipira vermelhos
 a'. 10 ovos [(de TIPO) caipira] vermelhos
 b. lavagem expresso
 b'. lavagem [(de TIPO) expresso]

(Pereira, 2023a, p. 31-32, 2024c, p. 306-308)

Em (11a), *caipira* não se flexiona no plural, segundo essa análise, por estar em con-

cordância com um *silent noun* TIPO²⁰, que contém traços formais de número singular. Desse modo, a concordância de *caipira* não se estabelece com o nome explícito *ovos*, no plural, mas com o *silent* TIPO. Este se situa em um PP, localizado em fase de adjunção ao NP que tem como núcleo *ovos*, como se pode observar na derivação proposta em Pereira (2023a, p. 31, 2024c, p. 306). Igualmente, em (11b), a concordância em gênero de *expresso* não se estabelece com o nome explícito *lavagem*, no feminino, mas com o *silent* TIPO, que contém traços formais de gênero masculino. Portanto, o que se apresenta, superficial e aparentemente, como disparidade demonstra, na verdade, um padrão coeso de concordância com *silent nouns* no PB.

Em suma, a análise sintática da derivação estrutural e da checagem de traços formais, proposta inicialmente para estruturas com *silent nouns*, pode ser implementada nos dados do francês, ilustrados por Gouet (1976) e atestados no PB²¹.

5 Considerações finais

O teor das reflexões depreendidas em Gouet (1976) sobre o papel de nomes elididos no licenciamento da concordância nominal justifica sua recuperação, de modo a: (i) fundamentar a análise e elucidação do fenômeno em outras línguas além do francês, conforme atestado no PB; (ii) estabelecer um paralelo com pesquisas recentes sobre *silent nouns*; e (iii) impedir que fiquem no esquecimento percepções pretéritas e vanguardistas da literatura sobre o tópico, alvo de investigação atual. Dessa forma, observa-se que recursos relacionados à supressão nominal, para checagem de traços formais, são naturalmente parte do funcionamento das línguas e, portanto, parte da qual a análise linguística deve se ocupar.

Referências

CHOMSKY, Noam. Derivation by phase. In: KENSTOWICZ, Michael (ed.). *Ken Hale: a life in language*. Cambridge, MA: The MIT Press, 2001. p. 1-52.

CINQUE, Guglielmo. Deriving Greenberg's Universal 20 and its exceptions. *Linguistic Inquiry*, Massachusetts, v. 6, n.3, p.315-332, 2005.

²⁰A utilização de maiúsculas reproduz a forma utilizada por Kayne (2005, 2019, 2021), para representar *silent nouns*.

²¹No entanto, ressalva-se que *silent nouns* são de natureza distinta dos nomes suprimidos, tratados por Gouet (1976) e presentemente exemplificados com dados do PB. Não é foco do presente trabalho essa diferenciação, que demandaria outro artigo, mas uma das diferenças pode ser rastreada em Kayne (2019, 2021) segundo o qual *silent nouns* são categorias de elipse não recuperável, isto é, sem antecedente ("antecedentless deletion", Kayne (2019, p. 1)). Por sua vez, os nomes elididos, nos dados apresentados (1-9), são de elipse recuperável ("recoverable deletion", Kayne (2021, p. 1)). Assim, em (1-9), o antecedente é recuperável, na situação de fala, com ou sem material linguístico expresso. Contrastivamente, no caso dos *silent nouns*, a categoria nula é depreendida por vias formais e estruturais unicamente. Dessa diferença, deriva-se outra: como os nomes elididos em (1-9) são dependentes de um antecedente recuperável no contexto, certa variação é prevista, como "o (periódico) Caderno de *Squibs*" ou "a (revista) Caderno de *Squibs*". Tal variação não é esperada com *silent nouns*. Ainda outra diferença reside na categoria dos itens elididos, visto que *silent nouns*, como *tom*, *tamanho*, *tipo* (Pereira, 2023a, 2024c), *conjunto* (Pereira, 2018), *hora* (Pereira, 2017), dentre outros, operam com valor funcional, enquanto nomes comuns (1-9), como *vinho*, *cerveja*, *cachaça*, *carro*, *igreja*, *loja*, *clínica* e *revista*, têm valor lexical.

GOUET, Michel. On a class of circumstantial deletion rules. *Linguistic Inquiry*, n.7, p. 693-687, 1976.

KAYNE, Richard. *Movement and Silence*. Oxford; New York: Oxford University Press, 2005.

KAYNE, Richard. *A note on the tension between silent elements and lexical ambiguity, with special reference to inalienable possession*. Mailing List, 24 nov. 2019. p. 1-9

KAYNE, Richard. *On the why of NP-deletion*. Mailing List, 6 nov. 2021. p. 1-10.

MORIN, Yves-Charles. Re: On a class of circumstantial deletion rules. *Linguistic Inquiry*, n.8, p. 747-751, 1977.

PEREIRA, Bruna Karla. "10 ovos caipira vermelhos": silent nouns na concordância nominal do PB. *Cadernos CESPUC de Pesquisa*. Série Ensaios, n. 44, 2023a, p. 19-39.

PEREIRA, Bruna Karla. "A cerveja desce redondo": uma análise da concordância nominal com o silent noun MODO no PB. In: SEMINÁRIO DO GEL, 69, 2023, São Paulo. *Caderno de Resumos...* São Paulo: USP, 2023b, p. 189-190.

PEREIRA, Bruna Karla. "Deu bom/ruim": concordância com o silent noun RESULTADO. In: SEMINÁRIO DO GEL, 70, 2024, Campinas. *Caderno de Resumos...* Campinas: UNICAMP, 2024a, p. 250.

PEREIRA, Bruna Karla. Copular exclamatives and gender agreement. In: GUESSER, Simone; MARCHESAN, Ani; MEDEIROS, Paulo (ed.). *Wh-exclamatives, Imperatives and Wh-questions: Issues on Brazilian Portuguese*. Berlin, Boston: De Gruyter, 2024b, p. 117-142.

PEREIRA, Bruna Karla. Feature checking and silent nouns in Brazilian Portuguese nominal agreement. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 77, p. 290-315, 2024c.

PEREIRA, Bruna Karla. Gênero em sentenças copulares no PB: da "discordância" entre sujeito e predicativo para a concordância entre adjetivo e *silent noun*. *Caderno de Squibs*, v. 6, p. 66-90, 2020.

PEREIRA, Bruna Karla. Inflection of 'cada' and number feature valuation in BP. *Estudos Linguísticos e Literários*, v. 61, p. 85-103, 2018.

PEREIRA, Bruna Karla. The DP-internal distribution of the plural morpheme in Brazilian Portuguese. *MIT Working Papers in Linguistics*, v. 81, p. 85-104, 2017.

PESETSKY, David; TORREGO, Esther. The syntax of valuation and interpretability of features. In: KARIMI, Simin et al. (ed.). *Phrasal and clausal architecture*. Amsterdam: John Benjamins, 2007. p. 262-294.

AUTORIA**Bruna Karla Pereira (UFVJM)**

Conceitualização; Análise Formal; Escrita — Esboço Original; Escrita — Revisão e Edição

Conforme papéis CRediT especificados em:

<https://contributorshipcollaboration.github.io/projects/translation/translations/pt/>**DADOS DA PUBLICAÇÃO**Seção: *Squibs*

Recebido em: 23/2/2025

Aceito em: 14/7/2025

Publicado em: 13/10/2025

COMO CITAR

PEREIRA, Bruna Karla. Revisão a Gouet (1976): a concordância em DPs contendo nomes de marcas comerciais.

Caderno de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem, v. 10, n. 2, p. 24-36, 2024.**SOBRE A REVISTA**Submissões: <https://periodicos.unb.br/index.php/cs>*Open Access*Sob licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License*

NP closest conjunct agreement in Portuguese: a cartographic approach

Concordância com o constituinte mais próximo em sintagmas nominais no português: uma abordagem cartográfica

Matheus Gomes Alves*

Abstract

This squib investigates adjective agreement with the closest coordinated NP in Portuguese. Using a qualitative analysis of secondary data from Villavicencio and Sadler (2005), it examines cases where adjectives agree with the nearest NP while semantically modifying the entire CoordP. Two derivational proposals are compared: an ellipsis-based approach and a base-merge-order approach. Both account for the data, but the base-merge-order derivation seems more economical and requires fewer speculative operations. Pending questions include experimental validation of these derivations and whether similar agreement patterns appear in other Romance languages.

Keywords: coordination; syntactic cartography; agreement; φ -features; Portuguese.

Resumo

Este *squib* investiga a concordância do adjetivo com o sintagma nominal coordenado mais próximo em português. Por meio de análise qualitativa de dados secundários de Villavicencio e Sadler (2005), examinam-se casos em que o adjetivo concorda com o NP mais próximo, mas semanticamente modifica toda a CoordP. Duas propostas derivacionais são comparadas: uma baseada em elipse e outra na ordem de merge base. Ambas explicam os dados, mas a derivação baseada em merge base é mais econômica e requer menos operações especulativas. Questões pendentes incluem a validação experimental dessas derivações e a investigação de padrões de concordância semelhantes em outras línguas românicas.

Palavras-chave: coordenação; cartografia sintática; concordância; φ -features; português.

*Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ. E-mail: matheus.ling@letras.ufrj.br. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-8109-5299>.

1 Introduction

In this squib, I adopt the core assumptions of Syntactic Cartography (Kayne, 1994; Cinque, 2005, 2023; Scott, 2002; Laenzlinger, 2011). Within the Principles and Parameters framework, Syntactic Cartography aims to provide precise ‘maps’ of sentence structure in natural languages. More specifically, this approach proposes a universal base order for adjectives (Cinque, 2005, 2023; Scott, 2002; Laenzlinger, 2011).

Cinque (2005) argues that the merge order of demonstratives, numerals, adjectives, and nouns is a primitive of Universal Grammar: DemP > NumP > AP > N. If, as Cinque (2023) further suggests, linearization is part of Narrow Syntax (the Faculty of Language in the narrow sense), then languages may employ at least four strategies to linearize these constituents: (i) no movement, as in English; (ii) simple movement, as in Brazilian Portuguese; (iii) movement with pied-piping of the *whose pictures* type, also attested in Brazilian Portuguese and other SVO languages; and (iv) movement with pied-piping of the *pictures of whom* type, found in SOV languages such as Japanese. In Portuguese, derivations of the *whose pictures* type can occur, in which the NP moves above AP to an AgrAP projection, carrying AP along, yielding structures such as DemP > NumP > AgrAP [NP]_i > AP > t_i, as in *esses três homens charmosos* ('these three charming men'). In English-like languages, by contrast, no such movement takes place: NP remains below AP, yielding structures such as *charming men*.

With respect to the linearization of adjectives, Laenzlinger (2011) proposes that the extended projection of NP contains a rich field of adjectival modification in Narrow Syntax, namely: AP Comment > AP Evidential > AP Size > AP Length > AP Height > AP Speed > AP Depth > AP Width > AP Temperature > AP Humidity > AP Age > AP Shape > AP Color > AP Nationality > AP Material > NP. Languages vary, however, in the type and height of movement involved. In English, the underlying merge order is relatively transparent, since it is reflected directly in surface word order. In Brazilian Portuguese, by contrast, this order is obscured by movement operations employed in adjectival modification.

Turning to coordination, I assume it to be an asymmetrical structure. Following Aixiu and Abeillé (2021), Demonte and Pérez-Jiménez (2012), and Willer and Gold (2017), coordination results from a CoordP head that relates two symmetrical categories in the sense of Tescari Neto (2013), but within an asymmetrical configuration. For example, a phrase such as *charming men and women* is analyzed as a CoordP headed by the conjunction *and*, which relates the first NP (*men*) to the second NP (*women*).

According to Villavicencio and Sadler (2005), Portuguese¹ licenses two main agreement strategies when the adjective follows a CoordP but takes scope over the entire constituent: (i) agreement with the closest NP, as in *Esta canção anima os corações e mentes*

¹I thank the reviewer for this important observation. The data from Villavicencio & Sadler (2005) refer to Brazilian Portuguese (BP), although the authors do not specify the regional or idiolectal variety. I follow their description for the purpose of our analysis. I acknowledge that, in some varieties of BP, the adjective in sentences such as *Esta canção anima os corações e mentes brasileiras* may be interpreted as modifying only the second conjunct (*mentes*). This variation illustrates that multiple readings are possible and can coexist within BP. Our derivational proposal is compatible with both readings: it captures the wide-scope reading over the entire CoordP, as in *corações e mentes brasileiros*, while also allowing for a restricted reading under certain conditions. Future research could investigate these differences systematically, using acceptability judgments and corpus studies to determine how variation in scope interacts with dialectal and stylistic factors.

brasileiras ('This song cheers [the] hearts-MASC and minds-FEM Brazilians-FEM'); and (ii) agreement with the entire CoordP, as in *Esta canção anima os corações e mentes brasileiros* ('This song cheers [the] hearts-MASC and minds-FEM Brazilians-MASC'). Notably, however, sentences such as *Esta canção anima as mentes e corações brasileiras* ('*This song cheers [the] minds-FEM and hearts-MASC Brazilian-FEM') are ungrammatical, since the adjective *brasileiras*, morphologically marked for gender and number, agrees only with the NP *mentes*, which is already specified as feminine plural.

The aim of this squib is to contribute to the description of agreement in natural languages. More specifically, I propose a syntactic derivation for the agreement of adjectives with the closest coordinated NP in Portuguese. This study is motivated by the lack of research within Syntactic Cartography on the representation of coordination in sentence structure. While traditional grammars have addressed aspects of the phenomenon (Cunha and Cintra, 2016; Rocha Lima, 2021; Bechara, 2019), analytical proposals that seek explanatory adequacy remain scarce. The methodology adopted here consists of a qualitative analysis of secondary data from Villavicencio and Sadler (2005), which illustrate cases where adjectives agree with the closest coordinated NP while nonetheless taking scope over the CoordP as a whole.

This squib is organized into three sections, besides this introduction. Section 2 outlines the theoretical assumptions adopted in this proposal. Section 3 develops and discusses syntactic derivations for adjective agreement with the closest coordinated NP. Section 4 presents final considerations and future directions, including the design of a psycholinguistic experiment.

2 Theoretical framework

In the second half of the 1990s, a new proposal for analyzing the functional categories of natural languages was put forward: the cartographic project (Rizzi, 1997; Cinque, 1999, 2005, 2023). According to Cinque (2006, p. 3), this project aimed to "draw maps as detailed as possible of the functional structure of the sentence and its phrases". Within the scope of this project, all languages share the same set of rigidly ordered functional projections. Interlinguistic variation in the expression of such projections is related, even if partially, to the fact that specific movements can be parameterized in languages. In general terms, the cartographic project, when presented as a research enterprise of the Theory of Principles and Parameters, assumes a set of axioms: Binary Branching (Kayne, 1984), Linear Correspondence Axiom (Kayne, 1994), Full Interpretation Principle (Chomsky, 1995), Uniformity Principle (Chomsky, 2001) and One Feature, One Head Principle (Kayne, 2005). These axioms are briefly reviewed below.

Kayne (1984), when proposing Binary Branching, postulates that any non-terminal node can dominate, at most, two child nodes. It is also pointed out that such a principle is necessary so that there is no ambiguity, for example, in the resumption of a referent or even an anaphora. Thus, Binary Branching can be justified by imperatives of the Binding Theory itself.

Kayne (1994), based on crosslinguistic evidence, proposes the Asymmetry Hypothesis, whose central claim is that linear order is strictly determined by hierarchical relations.

In particular, the Linear Correspondence Axiom (LCA) establishes a direct mapping between asymmetric c-command and precedence: if W and Y are non-terminal nodes, W dominates w and Y dominates y , and w asymmetrically c-commands y , then W precedes Y . Thus, linear order is not an independent component of grammar but a consequence of hierarchical structure. From this perspective, the apparent variation among languages is derived from movement operations: although all languages share an underlying SVO base order, the parameterization of movements can yield surface orders with final heads. Another implication of this hypothesis is that specifiers and adjuncts are always merged to the left of a head, while complements are merged to the right. Moreover, each projection contains only one specifier, in line with the asymmetry requirement².

Chomsky (2001) explicitly assumes the Uniformity Principle. Within the scope of this principle, all languages would share the same set of functional projections of the same type and order. Thus, there would be no parameterization of type or order of functional projections in languages. The presence of these projections in languages is not conditioned, for example, by morphological specificity. Therefore, even if there is no specific morphology to grammaticalize a given projection in a language X , its existence and availability to this language is assumed. This principle underlies what has been conventionally called, in syntactic cartography, the strong hypothesis. According to this hypothesis, languages can parameterize the types of movement they perform, but they cannot parameterize the type and order of the functional projections available in the Faculty of Language.

Finally, Kayne (2005) introduces the One Feature, One Head Principle. Beyond predicting the mononuclearity of heads—that each head bears a single feature checked through movement—the principle holds that semantic properties may be syntacticized, i.e., encoded in the derivation prior to spell-out. Accordingly, whenever a functional category is attested in a language and carries semantic import, it is expected to be syntacticized, for example through morphological marking or the presence of adverbs.

2.1 Proposals for NP-AP Agreement

Cinque (2005) argues that the merge order of demonstratives, numerals, adjectives, and nouns is a primitive of Universal Grammar: DemP > NumP > AP > N. If, as Cinque (2023) further proposes, linearization is part of Narrow Syntax, then languages can resort to at least four strategies for ordering these constituents: (i) no movement, as in English; (ii) simple movement, as in Brazilian Portuguese; (iii) movement with pied-piping of the *whose pictures* type, also found in Brazilian Portuguese and other SVO languages; and (iv) movement with pied-piping of the *pictures of whom* type, characteristic of SOV languages such as Japanese.

²I thank the reviewer for this important observation. I agree that our initial formulation might have conveyed the impression that Kayne's (1994) proposal simply states that syntactic derivations must be linearized, which indeed sounds trivial. I have revised the paragraph to emphasize the core insight of the Linear Correspondence Axiom (LCA): namely, that linear order is strictly derived from hierarchical structure. More specifically, linear precedence is determined by asymmetric c-command, so that structural hierarchy fully determines word order. This reformulation highlights the fact that Kayne's Asymmetry Hypothesis does not merely assume linearization as an outcome of derivation, but rather posits a tight connection between hierarchical relations and linear order, from which the asymmetry of phrase structure follows.

In Portuguese, derivations of the *whose pictures* type are possible. In such cases, the NP moves above AP to an AgrAP projection, carrying AP along (Cinque, 2023). The resulting structure is DemP > NumP > AgrAP [NP]_i > AP > t_i, as in *esses três homens charmosos* ('these three charming men'). By contrast, in English, no such movement takes place: the NP remains below AP, yielding structures such as *charming men*.

With respect to the linearization of adjectives in natural languages, Laenzlinger (2011) argues that the extended projection of the NP contains a full field of adjectival modification within Narrow Syntax, namely: AP Comment > AP Evidential > AP Size > AP Length > AP Height > AP Speed > AP Depth > AP Width > AP Temperature > AP Humidity > AP Age > AP Shape > AP Color > AP Nationality > AP Material > NP. Languages, he suggests, may differ in both the type and the height of movement involved. In English, this underlying merge order is relatively transparent, since it surfaces directly in linearization. In Portuguese, however, the order is obscured by movement operations employed in the derivation of adjectival modification.

Cinque (2023) further refines the analysis, proposing the following merge order of constituents in the extended NP projection: DemP (*these*) > Dem ReinforcerP (*here*) > MultiplierP (*two*) > CardinalP (*hundred*) > ClassifierP > MeasureP (*two shades*) > DegreeP (*too*) > AP (*red*) > NP (*lipsticks*). Each of these projections, Cinque argues, is directly dominated by an AgrP, which hosts moved constituents and thereby triggers agreement. On this view, the sharing of φ -features within the extended NP projection emerges as a byproduct of movement operations.

2.2 Coordination

Coordination is generally assumed to be an asymmetrical structure. Following Aixiu and Abeillé (2021) and Demonte and Pérez-Jiménez (2012), it is analyzed as the projection of a CoordP head that relates two symmetrical categories (in the sense of Tescari Neto, 2013) within an asymmetrical configuration.

Aixiu and Abeillé (2021) investigate Closest Conjunct Agreement (CCA) in French attributive adjective agreement, drawing on both a large corpus and an acceptability-judgment experiment. Their findings challenge the prescriptive norm by showing that feminine agreement is acceptable with attributive adjectives in cases of conflicting co-ordinated nouns. This phenomenon parallels patterns observed in other Romance languages, including Spanish, Italian, and Portuguese. The corpus data further reveal that, contrary to traditional descriptions of French grammar, CCA is frequently attested—particularly with prenominal adjectives, where it is in fact the most common pattern. The authors argue that the preference for CCA in such contexts may be explained by a combination of structural factors, such as hierarchical coordination (Kayne, 1994), and cognitive considerations, such as incremental processing.

Demonte and Pérez-Jiménez (2012) examine the complexity of CCA in Romance, countering earlier claims (e.g., Camacho, 2003) that the phenomenon does not occur inside DPs with coordinated nouns. Based on extensive corpus evidence—including singular, plural, group, mass, abstract, and deverbal nouns—the study confirms the presence of CCA in Spanish and demonstrates that coordinated noun phrases ([D [NP y NP]]) cannot be reduced to ellipsis.

The authors further argue that singular agreement (CCA) between determiners, prenominal adjectives, and the first conjunct can be derived from the interaction of two types of nominal features: *c*-features (concord) and *i*-features (index). Both are syntactically active within the DP domain, with number operating as a dual-scope feature: morphologically as concord, and referentially as index. The proposal maintains that concord and index differ primarily in terms of the interface at which they are interpreted: concord features at PF, index features at LF. As a result, there is no need to posit distinct syntactic operations for concord-agreement and index-agreement. Agreement, on this view, is a single syntactic operation applying uniformly across domains, matching features regardless of type. Variation between singular and plural marking in adjectives following coordinated noun phrases is thus attributed to post-syntactic operations at PF, where terminals are linearized and feature-specific processes take place.

3 Analysis

According to Villavicencio and Sadler (2005), Portuguese licenses only two major agreement strategies when the adjective is postposed to a CoordP, but assigns scope to the entire CoordP, namely: 1) agreement of the adjective with the closest NP (*Esta canção anima os corações e mentes brasileiras* / 'This song cheers hearts-MASC and minds-FEM Brazilians-FEM') and 2) agreement of the adjective with the entire CoordP (*Esta canção anima os corações e mentes brasileiros* / 'This song cheers hearts-MASC and minds-FEM Brazilians-MASC'). An immediate problem that may emerge is to derive these occurrences in which the AP agrees with an NP, but has scope over the entire CoordP. That is precisely what this squib is shedding light at.

Two major proposals are presented in this section: 1) an ellipsis proposal, and 2) a base order proposal. Albeit the pros and cons of these two proposals, they seem to be able to explain Villavicencio and Sadler (2005) data. According to the first proposal, a CoordP does not have underlying φ -features of gender. NP1 and NP2 compete to check their underlying φ -features of gender within the entire CoordP. The NP closer to the AP may win this competition, by means of movement and ellipsis. To derive *corações e mentes brasileiras* ('hearts and brazilians-FEM minds-FEM'), Cinque's (2023) base merge order within the extended projection of the NP is adopted, alongside with Kayne's (1994) asymmetrical account of coordination. There would be the following steps:

1. Merge of a CoordP head that hosts in its Spec position NP1 and in its complement position NP2: ([CoordP [NP1] **Coord** [NP2]])
2. Merge of Cinque's (2023) projections within the extended projection of both NPs: ([DemP > Dem reinforcerP > MultiplierP > CardinalP > Classifier P > MeasureP > DegreeP > AP > [NP1]] **Coord** [DemP > Dem reinforcerP > MultiplierP > CardinalP > Classifier P > MeasureP > DegreeP > AP > [NP2]])
3. NP movement to AgrP projections that immediately c-commands the AP field: ([DemP > Dem reinforcerP > MultiplierP > CardinalP > Classifier P > MeasureP > DegreeP > [AgrP NP1] > AP > [t₁]] **Coord** [DemP > Dem reinforcerP > MultiplierP > CardinalP > Classifier P > MeasureP > DegreeP > [AgrP NP2] > AP > [t₂]])

4. AP ellipsis in PF: ([DemP > Dem reinforcerP > MultiplierP > CardinalP > Classifier P > MeasureP > DegreeP > [AgrP NP1] > AP > [t₁]) **Coord** [DemP > Dem reinforcerP > MultiplierP > CardinalP > Classifier P > MeasureP > DegreeP > [AgrP NP2] > AP > [t₂]])

Taking Villavicencio and Stadler's (2005) occurrence into account, there would be: [CoordP [corações-MASC] e [mentes]-FEM] ([CoordP [hearts-MASC] and [minds-FEM]]) in the first step. In the second step, there would be: [DemP > (...) > [AP **brasileiro**] > [corações-MASC]] e [DemP > (...) > [AP **brasileiro**] > [mentes-FEM]] ([DemP > (...) > [AP **brazilian**] > [hearts-MASC]] e [DemP > (...) > [AP **brazilian**] > [minds-FEM]]). In the third step, there would be: [DemP > (...) > [AgrP corações-MASC] > [AP brasileiros-MASC] > [t₁]] e [DemP > (...) > [AgrP mentes-FEM] > [AP brasileiras-FEM] > [t₂]] ([DemP > (...) > [AgrP **hearts**-MASC] > [AP brazilian-MASC] > [t₁]] e [DemP > (...) > [AgrP **minds**-FEM] > [AP brazilian-FEM] > [t₂]]). In the fourth step, there would be ellipsis of the AP brasileiros-MASC, thus linearizing *corações e mentes brasileiras* ('hearts-MASC and Brazilian-FEM minds-FEM'). As it can be surmised, this approach is based on movement (Portuguese is an AP mandatory movement language) and on ellipsis³.

The second approach is solely based upon phrasal movement. According to the second proposal, the entire CoordP may be subjected to Cinque's (2023) hierarchy, thus licensing: DemP (*these*) > Dem reinforcerP (*here*) > MultiplierP (*two*) > CardinalP (*hundred*) > Classifier P > MeasureP (*two shades*) > DegreeP (*too*) > AP (*red*) > CoordP (*lipsticks and eyelashes*). To derive *corações e mentes brasileiras*, CoordP is raised to the specifier position of an AgrP head which immediately c-commands the AP field and the features of the closest NP are copied by the maximal projection. There would be the following steps:

1. Merge of a CoordP head that hosts in its Spec position NP1 and in its complement position NP1: ([CoordP [NP1] **Coord** [NP2]])
2. Merge of Cinque's (2023) projections within the extended projection of the CoordP: DemP > Dem reinforcerP > MultiplierP > CardinalP > Classifier P > MeasureP > DegreeP > AP > [CoordP [NP1] **Coord** [NP2]])
3. CoordP movement to an AgrP projection that immediately c-commands the CoordP field: DemP > Dem reinforcerP > MultiplierP > CardinalP > Classifier P > MeasureP > DegreeP > [AgrP **CoordP**] > AP > [t_{CoordP}]

³I thank the reviewer for this insightful comment. I agree that a derivation alone may seem stipulative if not supported by independent evidence. I would like to clarify that the ellipsis-based proposal for adjectival agreement in Portuguese is grounded in two independently motivated phenomena: (i) the availability of AP ellipsis in Portuguese (see, e.g., Villavicencio; Sadler, 2005), and (ii) the obligatory movement of APs within the extended NP projection (Cinque, 2023). My analysis makes explicit predictions regarding the two agreement strategies attested in the data. When AP ellipsis applies, the adjective surfaces agreeing with the closest NP, as in *corações e mentes brasileiras*. When ellipsis does not apply, the AP spells out once with default masculine agreement, as in *corações e mentes brasileiros*. These predictions naturally account for the coexistence of both patterns documented in Portuguese and show that our proposal is not purely stipulative but explanatory. Furthermore, this proposal opens avenues for empirical testing. For example, one can investigate whether heavier or semantically complex APs resist ellipsis, predicting that local agreement with the closest NP becomes less likely. Corpus studies could also examine the relative frequency of default masculine vs. closest-NP agreement, while controlled acceptability judgments could evaluate speaker intuitions across different syntactic environments. Such diagnostics would provide independent evidence for the viability of the derivational operations proposed here.

4. Copy of the φ -features of the closest NP to the maximum projection: DemP > Dem reinforcerP > MultiplierP > CardinalP > Classifier P > MeasureP > DegreeP > [AgrP CoordP [NP1-MASC] and [NP2-FEM]] > AP [ADJECTIVE-FEM] > [t_{CoordP}]

Taking Villavicencio and Stadler's (2015) occurrence into account, there would be: [CoordP [corações-MASC] e [mentes-FEM] ([CoordP [hearts-MASC] and [minds-FEM]]) in the first step. In the second step, there would be: DemP > (...) > AP [brasileiro] > [CoordP [corações] e [mentes]] (DemP > (...) > AP [brazilian] > [CoordP [hearts] and [minds]]). In the third and fourth steps, there would be: DemP > (...) > [AgrP CoordP [corações] e [mentes]] > AP [brasileiras] > [t_{CoordP}] > DemP > (...) > [AgrP CoordP [hearts-MASC] and [minds-FEM]] > AP [brazilian-FEM] > [t_{CoordP}].

To both approaches a remnant problem is posed: how would *corações*-MASC e *mentes*-FEM *brasileiros*-MASC ('hearts-MASC and Brazilian-MASC minds-FEM') be derived? It is discussed, within the first approach, that instead of erasing the first masculine AP in the extended projection of *hearts*, there would be the erasing of the second feminine AP in the extended projection of *minds*⁴. Finally, there would be subtraction of this adjective and remnant movement of NP1 (*hearts*), the CoordP head, and NP2 (*minds*). These operations are knowingly laborious to Narrow Syntax (Chomsky, 1995) and there is a lack of evidence for all of them in the phenomenon under scrutiny. Therefore, the second approach may explain in a more economic fashion this occurrence. Within the second approach, after the movement of the CoordP to Spec AgrP there would be the copy of hearts φ -features to the maximal projection, thus linearizing: *corações*-MASC e *mentes*-FEM *brasileiros*-MASC ('hearts-MASC and Brazilian-MASC minds-FEM').

4 Final remarks

The specific purpose of this squib was to propose a syntactic derivation for the agreement of the adjective with the closest coordinated NP in Portuguese sentences. The methodology of this work consisted of the qualitative analysis of secondary data from Villavicencio and Sadler (2005), that illustrated the occurrences of adjectives agreeing with the closest coordinated NP, but with scope over the CoordP. Two major proposals were presented to explain Villavicencio and Sadler (2005) data: 1) an Ellipsis based approach and 2) a base merge order approach.

Even though both approaches were able to explain the results of Villavicencio and Sadler (2005), the second approach seemed to be more economic to *Narrow Syntax*. To test the felicity of the second test, a Self-Paced Reading Test could be proposed. The task would be to read sentences displaying NP-AP agreement and to answer questions about these sentences. For example, the participants would read a sentence like *Essa canção anima os corações*-MASC e *mentes*-FEM *brasileiros*-MASC ('This song cheers the hearts-MASC

⁴I thank the reviewer for raising this important point. In this proposal, both operations—erasing the AP of the first NP or the second NP—are in principle possible. However, I argue that there is a systematic preference in Portuguese for preserving the φ -features of the first NP (*corações* in the example *corações e mentes brasileiras*). This preference could be motivated by principles of syntactic economy (Chomsky, 1995), as erasing the second AP would perhaps require additional operations, including remnant movement and further copying, making the derivation less economical. Optionality might be at stake: while both operations are theoretically available, the attested pattern reflects the more economical choice.

and Brazilian-MASC minds-FEM'). After reading the sentence, they would answer a question about the *hearts and minds*, such as: which one is Brazilian? There would be given three options: A) *hearts*, B) *minds* and c) *hearts and minds*. Should participants answer A and B more frequently, there would be evidence in favor of the first elliptical approach. However, should participants choose more frequently option C, there would be evidence in favor of the second base merge order approach, since the entire CoordP would be under the scope of the AP. The dependent variables would be the alternatives chosen by the participants (A x B x C) and the independent variable would be the scope reading of the adjective (NP1 x NP2 x CoordP).

References

- AIXIU, A.; ABEILLÉ, A. Closest conjunct agreement of attributive adjectives. *Journal of French Language Studies*, v. 32, n. 3, p. 1-28, 2022.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 39. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- CAMACHO, J. Coordination and Agreement. In: CAMACHO, J. *The Structure of Coordination: Conjunction and Agreement Phenomena in Spanish and Other Languages*. Dordrecht: Springer Netherlands, 2003. p. 91-150.
- CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.
- CHOMSKY, N. *O programa minimalista*. Tradução de Eduardo Paiva Raposo. Lisboa: Caminho, 1999.
- CHOMSKY, N. Derivation by phase. In: KENSTOWICZ, M. (ed.). *Ken Hale: A Life in Language*. Cambridge, MA: MIT Press, p. 1-52, 2001.
- CINQUE, G. *Adverbs and functional heads: A cross-linguistic perspective*. New York: Oxford University Press, 1999.
- CINQUE, G. Deriving Greenberg's Universal 20 and its exceptions. *Linguistic Inquiry*, v. 36, n. 3, p. 315-332, 2005.
- CINQUE, G. *On linearization: Toward a restrictive theory*. Cambridge, MA: MIT Press, 2023.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital Ltda., 2016.
- DEMONTE, V.; PÉREZ-JIMÉNEZ, I. Closest conjunct agreement in Spanish DPs: syntax and beyond. *Folia Linguistica*, v. 46, n. 1, p. 21-73, 2012.
- KAYNE, R. S. *Connectedness and binary branching*. Dordrecht: Foris, 1984.
- KAYNE, R. S. *The antisymmetry of syntax*. Cambridge, MA: MIT Press, 1994.
- KAYNE, R. S. *Movement and silence*. Oxford: Oxford University Press, 2005a.
- LAENZLINGER, C. *Elements of comparative generative syntax: A cartographic approach*. Padova: Unipress, 2011

RIZZI, L. The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, L. (ed.). *Elements of grammar: A handbook of generative syntax*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, p. 281–337, 1997. DOI: 10.1007/978-94-011-5420-8_7

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympo Editora, 2021.

SCOTT, G.-J. Stacked Adjectival Modification and the Structure of Nominal Phrases. In: CINQUE, G. (ed.). *Functional Structure in DP and IP: The Cartography of Syntactic Structures*. Oxford: Oxford University Press. 2002. p. 91-122.

TESCARI NETO, A. *On verb movement in Brazilian Portuguese: A cartographic study*. PhD Thesis. Venice: Università Ca' Foscari, 2013.

VILLAVICENCIO, A.; SADLER, L. An HPSG account of closest conjunct agreement in NP coordination in Portuguese. In: MÜLLER, S. (ed.). *Proceedings of the 11th International Conference on HPSG*. Stanford: CSLI Publications, p. 427-447, 2005.

AUTHOR

Matheus Gomes Alves (UFRJ)

Conceptualization; Formal Analysis; Writing — Original Draft Preparation; Writing — Review & Editing

Contributor Roles Taxonomy (CRedit):

https://contributorshipcollaboration.github.io/projects/translation/translations/pt_latn/

MANUSCRIPT INFORMATION

Section: *Squibs*

Received: March 13, 2025.

Accepted: September 3, 2025.

Published: October 13, 2025.

HOW TO CITE

ALVES, Matheus Gomes. NP closest conjunct agreement in Portuguese: a cartographic approach.

Caderno de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem, v. 10, n. 2, p. 37-46, 2024.

ABOUT US

Submission guidelines: <https://periodicos.unb.br/index.php/cs>

Open Access

Under a *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License*



Em busca do *telos*: ‘*em α tempo*’ e operadores aspectuais no português brasileiro

In pursuit of *telos*: ‘*in α time*’ and aspectual operators in Brazilian Portuguese

Uiara do Nascimento Nunes^{*}
Leonardo Alves[†]

Resumo

Este *squib* investiga a interação entre o adjunto temporal *em α tempo* e os predicados do tipo *accomplishment* no português brasileiro, fundamentando-se no modelo de operadores aspectuais de Altshuler (2014) e na análise de Basso e Pires de Oliveira (2010). Segundo o modelo, o operador perfectivo de Altshuler mapeia os eventos para seus estágios maximais sem exigir necessariamente que eles alcancem a culminação. Em contraste, o adjunto *em α tempo* delimita o intervalo temporal em que o evento ocorre e reforça a leitura télica, ou seja, a expectativa de que o evento seja completado. Assim, mesmo em contextos nos quais a culminação não está intrinsecamente garantida pelo predicado verbal, *em α tempo* atua como um modificador que explicita a duração e exige a culminação do evento. A integração dessas abordagens contribui para uma descrição mais refinada da relação entre operadores aspectuais e modificadores temporais no PB, contribuindo para uma maior compreensão das propriedades semânticas dos verbos de *accomplishment* no PB.

Palavras-chave: aspecto; *em α tempo*; operador perfectivo; semântica formal; telicidade.

Abstract

This squib investigates the interaction between the temporal adjunct *in α time* and accomplishment predicates in Brazilian Portuguese, drawing on Altshuler’s (2014) model of aspectual operators and the analysis by Basso and Pires de Oliveira (2010). According to the model, Altshuler’s perfective operator maps events to their maximal stages without necessarily requiring that they reach culmination. In contrast,

^{*}Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC. E-mail: uiaranunes@gmail.com. ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0004-9159-0073>. Graduada em Letras — Inglês, com pós-graduação em Tradução e em Ensino de Português como Língua Estrangeira. Bolsista Capes. Atualmente, leciona português como língua estrangeira e cursa o mestrado em Linguística na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com foco em semântica formal.

[†]Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC. E-mail: dadoleo91@gmail.com. ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0009-8933-7489>. Graduado em Relações Internacionais. Bolsista Capes. Integrante do GT Geopolíticas do Multilinguismo, da Cátedra UNESCO em Políticas Linguísticas para o Multilinguismo (UCLPM) e do Grupo de Pesquisa em Políticas Linguísticas Críticas e Direitos Linguísticos (PoLiTicas). Cursa o mestrado em Linguística na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com foco em políticas linguísticas.

the temporal adjunct *in α time* delineates the temporal interval in which the event occurs and reinforces the telic reading — that is, the expectation that the event will be completed. Thus, even in contexts where the culmination is not intrinsically guaranteed by the verbal predicate, *in α time* functions as a modifier that makes the duration explicit and requires the event’s culmination. The integration of these approaches contributes to a more refined description of the relationship between aspectual operators and temporal modifiers in Brazilian Portuguese, leading to a deeper understanding of the semantic properties of accomplishment verbs in this language.

Keywords: aspect; *in α time*; perfective operator; formal semantics; telicity.

1 Introdução

Adjuntos temporais desempenham um papel relevante na delimitação das propriedades aspectuais de predicados verbais. O adjunto em inglês *in α time*, mais especificamente, tem sido descrito na literatura como um elemento que diz respeito à delimitação temporal de eventos, denotando duração e estando associado à ideia de *telos* (culminação), ou seja, à ideia de que o evento não só deixou de se desenvolver, mas também foi considerado finalizado. Sua função semântica seria expressar que o evento denotado, télico em sua essência, ocorreu dentro do intervalo temporal especificado. E sua combinação seria restrita a sintagmas verbais que denotam eventos télicos, pois dependeria da existência de um ponto culminante inerente ao predicado verbal (Rothstein, 2004).

No caso do português brasileiro (PB), como argumentam Basso e Pires de Oliveira (2010), uma vez que o *telos* não é intrínseco ao predicado verbal nessa língua, *em α tempo* atuaria como um marcador temporal que conecta a delimitação de tempo a uma expectativa de culminação, forçando uma leitura télica. Os autores problematizam a visão tradicional da literatura, a qual associa certos predicados verbais, como aqueles categorizados por Vendler (1957) como accomplishment, à condição necessária de culminação do evento. Por isso, seria preciso desenvolver uma análise mais fina para o PB, e contrária à literatura tradicional, que desse conta da combinação de *em α tempo* com verbos que não culminam. Repetimos aqui um exemplo em (1), em que a culminação pode não ocorrer (Pires de Oliveira; Basso, 2010, p. 126).

- (1) João construiu a casa, mas não terminou/mas não inteira/mas não completamente.

Diante desse quadro, é pertinente buscar entender melhor o aspecto dos predicados verbais e sua relação com o *telos*, assim como a proposta de Altshuler (2014), a qual sugere operadores aspectuais que desvinculam a perfectividade da noção de culminação obrigatória. Em seu modelo, o operador perfectivo mapeia o conjunto de eventos descrito pelo VP para seu estágio maximal, o qual possui uma leitura télica, mas o *telos*, em termos de semântica de mundo possíveis, não necessariamente é alcançado no mundo atual. Acreditamos que essa formalização seja uma ferramenta teórica promissora para compreender melhor a interação entre predicados verbais do tipo *accomplishment* e modificadores como *em α tempo*, especialmente em casos nos quais o *telos* não é intrínseco ao VP, mas pode ser garantido composicionalmente, como no PB.

O objetivo deste trabalho, portanto, é analisar a interação entre o adjunto *em α tempo* e predicados do tipo *accomplishment* no PB, à luz do modelo de operadores aspectuais de Altshuler (2014). Argumentamos que o operador perfectivo nos fornece uma base teórica mais fina que acomoda tanto eventos culminados quanto não culminados, e que o adjunto *em α tempo* atua como um modificador que delimita temporalmente o evento denotado, adicionando uma leitura télica à expectativa de culminação gerada pelo predicado verbal. Essa abordagem busca sustentar a proposta de Basso e Pires de Oliveira (2010), segundo a qual *em α tempo* explicita a culminação do predicado verbal.

Dessa forma, ao integrar as perspectivas de Altshuler (2014) e as de Basso e Pires de Oliveira (2010), buscamos contribuir para uma formalização que articule operadores aspectuais e modificadores temporais no PB, oferecendo uma compreensão mais refinada do papel de *em α tempo* no PB.

Este *squib* está dividido em cinco seções, além desta introdução. Na seção 2, apresentamos a base teórica, discutindo a noção de telicidade e estrutura interna dos eventos a partir de Vendler (1957), Krifka (1989, 1998) e Rothstein (2004), bem como a formalização do operador perfectivo proposta por Altshuler (2014). A seção 3 analisa o adjunto *em α tempo* e sua relação com o *telos*, em diálogo com Rothstein (2004) e com a proposta de Basso e Pires de Oliveira (2010). Na seção 4, aplicamos o modelo de Altshuler (2014) ao português brasileiro, observando como *em α tempo* impõe composicionalmente a culminação em predicados do tipo *accomplishment*, com base em dados discutidos por Rodrigues de Souza (2018). A seção 5 apresenta as conclusões do trabalho e, por fim, a seção 6 traz considerações finais e sugestões de continuidade da pesquisa.

2 Base teórica

2.1 Telicidade e estrutura interna dos eventos

A ideia de ponto final intrínseco a eventos denotados por predicados verbais, mais tarde consolidada como *telicidade* (Krifka, 1989, 1998), foi inicialmente discutida por Vendler (1957) como um critério a ser levado em consideração na análise de predicados verbais, especificamente aqueles identificados como *accomplishments* e *achievements*. Esse conceito remete à presença de um ponto culminante, ou *telos*, que caracteriza eventos cujo significado implica a realização de um estado final definido. Por exemplo, na sentença *João atravessou a rua*, a ação expressa pelo verbo pressupõe a existência de um ponto final em que João necessariamente concluiu a ação de atravessar a rua. Nesse sentido, dizer que João não concluiu essa ação significa dizer que a sentença é falsa.

Os predicados verbais que nos interessam, os do tipo *accomplishments*, segundo Vendler (1957), denotam eventos caracterizados por possuírem um processo que se desenvolve ao longo de um período de tempo definido e que culminam. Por exemplo, em *Maria escreveu uma carta*, o predicado verbal descreve um evento que passa por um processo (como escrever uma introdução, o desenvolvimento e assim por diante) e, finalmente, culmina com a conclusão da carta. Esses predicados verbais exigem um intervalo durante o qual o processo ocorre, seguido de um término natural, diferenciando-se dos *achievements*, que são eventos de culminação instantânea.

A *homogeneidade* e a *heterogeneidade* também são conceitos fundamentais na semântica formal e são usados para explicitar ainda mais as diferentes propriedades dos predicados verbais. A homogeneidade é associada a predicados atéticos, como *correr*, nos quais qualquer subparte do evento também satisfaz as mesmas condições de verdade que o evento como um todo. Por exemplo, se *Maria está correndo* é verdadeiro para um intervalo de tempo t , também será verdadeiro para qualquer subintervalo desse tempo, desde que Maria continue correndo durante esses momentos menores. Predicados homogêneos, tipicamente associados a eventos atéticos ou estados, possuem a propriedade de *cumulatividade*, ou seja, somar partes do evento ou estado não altera sua natureza semântica. Já a heterogeneidade, refere-se ao fato de que o evento denotado por um predicado pode ser composto por partes diferentes. Isso significa que o evento não é uniformemente cumulativo ou divisível em partes idênticas, mas pode variar internamente, como o evento de escrever uma carta.

Isso nos leva ao conceito de *atomicidade*, conforme explorado por Krifka (1989, 1998), que diz respeito à (in)divisibilidade do evento em partes menores equivalentes. Eventos atômicos não têm subpartes significativas, enquanto eventos não atômicos podem ser decompostos em partes uniformes. Por exemplo, em *Maria escreveu uma carta*, o evento completo de escrever a carta é atômico porque ele não pode ser dividido em partes menores, como escrever a introdução da carta, sem que o evento descrito perca seu sentido integral. Krifka propôs que predicados télicos podem ser modelados em termos de *quantização*, ou seja, que eventos atômicos têm uma estrutura finita e delimitada que permite a individuação de unidades mínimas, em contraste com os predicados cumulativos, típicos de eventos homogêneos e atéticos.

Rothstein (1999 *apud* Altshuler, 2014) aprofunda a análise aspectual dos predicados verbais e, especialmente em relação aos verbos de *accomplishment*, propõe uma categorização que faz uma distinção entre partes *próprias* e partes *não próprias* dos eventos. As partes próprias são aquelas que contribuem estruturalmente para o desenvolvimento e culminação do evento, enquanto as partes não próprias não possuem essa relação essencial com o todo. Por exemplo, o ato de escrever uma introdução de uma carta seria uma parte própria do evento de escrever a carta, ao passo que abrir uma janela durante a escrita dessa carta seria uma parte não própria do evento. Altshuler (2014) utiliza essa distinção ao parametrizar o operador progressivo descrito por Landman (1992 *apud* Altshuler, 2014, p. 738), criando uma tipologia de operadores aspectuais baseada em dois critérios principais: (1) se o operador requer partes próprias do evento ($e' \subset e$), o que implica que o predicado verbal é heterogêneo e apresenta estágios estruturados rumo à culminação; e (2) se o operador impõe uma condição de estágio maximal (*maximal stage requirement*), a qual é satisfeita quando o evento culmina ou deixa de se desenvolver no mundo atual.

Com base nesses parâmetros, Altshuler (2014) propõe que os VPs de *accomplishment* podem ser analisados em termos de subpartes próprias, dependendo do operador aspectual em questão. No caso do progressivo em inglês, conforme proposto por Landman (1992), exige-se que e' seja uma subparte própria do evento ($e' \subset e$), ou seja, que seja uma parte do evento maior, mas sem incluir sua culminação. Além disso, essa subparte deve contribuir necessariamente para a culminação do evento em um mundo possível próximo, implicando continuidade estrutural e desenvolvimento rumo à conclusão do evento. Em contrapartida, o imperfeito russo é mais flexível, permitindo que e' seja qualquer parte do evento ($e' \subseteq e$), incluindo o próprio evento completo, e que não esteja diretamente ligado à culminação. Isso significa que, diferentemente do progressivo,

o operador imperfeito russo não impõe a necessidade de que o evento esteja em um estágio que o levará necessariamente à culminação. Essa diferença reflete-se na análise dos operadores aspectuais como funções partitivas que operam sobre conjuntos de eventos e suas subpartes, explicando variações linguísticas no uso do aspecto e no tratamento de eventos não culminados.

A abordagem de Altshuler (2014) integra os avanços teóricos de Landman (1992) e Rothstein (2004) ao oferecer uma análise sistemática e formalmente fundamentada sobre a interação entre operadores aspectuais e a estrutura interna dos eventos. Essa proposta também substitui a noção amplamente debatida de *aspecto neutro*¹ (Smith, 1991), ao introduzir critérios formais baseados na relação entre eventos, suas partes constitutivas e as condições modais que determinam sua evolução em mundos possíveis.

No contexto do PB, experimentos (Rodrigues de Souza, 2018, p. 10) mostram que, em sentenças com verbos de *accomplishment* no aspecto perfectivo, o alcance do *telos* não é uma condição obrigatória, o que contraria pressupostos clássicos da literatura aspectual, como os de Rothstein (2004). No entanto, a combinação entre tais predicados e o adjunto em α tempo nos levaria sempre a uma leitura télica. Nesse sentido, Rodrigues de Souza (2018, p. 41) confirma que esse predicado verbal gera leituras indeterminadas, permitindo tanto a interpretação de culminação quanto a de não culminação. O experimento segue a hipótese de Pires de Oliveira e Basso (2010), a qual aponta para essa leitura indeterminada e que, por isso, rejeita abordagens que tratam o adjunto como um simples indicador de tempo para que um evento alcance o *telos*, argumentando que *em α tempo* atua diretamente sobre o evento ao qual se aplica. No caso dos predicados de *accomplishment*, o adjunto mediria a duração necessária para que o evento alcançasse sua culminação e também forçaria a leitura télica do VP.

A proposta de Altshuler, ao integrar um operador modal de análise aspectual, oferece uma explicação robusta para o caso do PB. Esse operador formaliza a relação entre as fases dos eventos e suas culminações. Assim, ele acomoda interpretações flexíveis do PB, reconhecendo que o pretérito perfeito não necessariamente acarreta o alcance do *telos*, mas também pode expressar apenas a cessação do desenvolvimento do evento. Dessa forma, a abordagem de Altshuler complementa os resultados de Rodrigues de Souza (2018) e a hipótese de Pires de Oliveira e Basso (2010) ao formalizar a relação entre telicidade e perfectividade, preenchendo lacunas deixadas por análises anteriores, baseadas em regras rígidas de compatibilidade entre predicados e o adjunto em questão.

2.2 Operador perfectivo em Altshuler: formalização e aplicações

Altshuler (2014), ao propor sua tipologia de operadores aspectuais partitivos, apresenta um quadro com seus respectivos parâmetros. Esse quadro considera três dimensões principais: (1) a exigência de *eventos singulares*; (2) o requisito de *estágio maximal*; e (3) o possível envolvimento de *estágios próprios*. É importante, neste ponto, chamar atenção

¹Smith (1991) propõe o conceito de aspecto neutro como uma categoria que emerge da interação entre o aspecto situacional e o aspecto gramatical. O aspecto neutro é caracterizado pela ausência de marcadores explícitos que indiquem se o evento foi concluído ou está em progresso, permitindo interpretações mais flexíveis dependendo do contexto discursivo. Essa categoria é distinta dos aspectos perfectivo e imperfectivo, pois não se compromete com uma perspectiva temporal específica, sendo útil para línguas em que o aspecto gramatical é opcional ou ausente.

para o fato de que o *estágio maximal* não exige que o evento alcance o *telos* no mundo atual, ou seja, o evento pode simplesmente deixar de se desenvolver no mundo atual e alcançar o *telos* em um mundo acessível a partir do atual. Com base nesses parâmetros, os operadores perfectivos e imperfectivos podem ser organizados de acordo com sua interação com diferentes classes de predicados verbais.

O operador perfectivo, mais especificamente, é formalizado (Altshuler, 2014, p. 754) como uma função que é aplicada à extensão de um VP (conjunto de eventos) e que pode retornar o estágio maximal do evento em um mundo próximo ao atual:

$$Op(P) = \lambda P. \lambda e'. \exists e. \exists w. [STAGE(e', e, w^*, w, P)]$$

Onde e' é um estágio de e , e pertence ao conjunto de eventos P no mundo w e w^* é o mundo atual. E $[[STAGE(e', e, w^*, w, P)]]^{M,g} = 1$ sse:

- (i) a história denotada em $w, g(w)$, é a mesma que a história em $g(w^*)$, até e incluindo o intervalo de tempo de $\tau(g(e'))$
- (ii) $g(w)$ é uma opção razoável para $g(e')$ em $g(w^*)$
- (iii) $[[P]]^{M,g}(e, w) = 1$
- (iv) $g(e') \subseteq g(e)$

Podemos perceber que (iv) permite que e' seja o evento completo ($e' = e$) ou um estágio qualquer ($e' \subseteq e$). Por isso, diferentemente do operador progressivo, o operador perfectivo não exige estágios próprios, permitindo que eventos atômicos (como aqueles denotados por verbos do tipo *achievement*) satisfaçam os requisitos sem coerção².

3 Em α tempo e o telos

Rothstein (2004) explora o uso do adjunto *in α time* no contexto da aspectualidade e telicidade das expressões verbais. Segundo a autora, um predicado perfectivo denota um evento necessariamente télico, e a adição de *in α time* especifica que o evento é completado dentro de um intervalo de tempo definido por α . Por exemplo, em construções como *Mary built a house in a year* ('Mary construiu uma casa em um ano'), a presença de *in α time* demonstra a conclusão do evento de construção da casa dentro do tempo de um ano. Essa abordagem assume que *in α time* revela a natureza télica intrínseca ao predicado verbal.

Basso e Pires de Oliveira (2010) argumentam que o adjunto *em α tempo*, quando aplicado a VPs perfectivos, pressupõe a existência de um *telos*, mas esse *telos* não é necessariamente garantido apenas pelo VP. Por exemplo, em João construiu uma casa, a perfectividade indica que o evento deixou de progredir, mas não implica automaticamente que

²Coerção é o processo linguístico pelo qual uma expressão é ajustada para se alinhar às exigências semânticas ou contextuais, mesmo diante de uma incompatibilidade aparente.

o telos foi alcançado (que a casa foi completamente construída). O adjunto *em α tempo*, por sua vez, mede o tempo do evento e, além disso, força uma leitura télica. Assim, uma frase como João construiu uma casa em um ano alcançaria o *telos* não devido ao VP, mas à exigência do adjunto. Dessa forma, a análise critica abordagens que vinculam rigidamente VPs de *accomplishment* a uma interpretação intrinsecamente télica do verbo, argumentando que o adjunto opera modificando ou reforçando o aspecto do evento, conectando-o a um *telos*. Assim, *em α tempo* não apenas descreve a duração de eventos télicos, mas também impõe um *telos*.

Altshuler (2014), como sua proposta de operador partitivo deixa claro, também argumenta que um VP perfectivo não implica necessariamente a culminação (ou *telos*) de um evento (pelo menos no mundo atual), contestando a visão tradicional de que a perfectividade está intrinsecamente vinculada à completude. Ele sugere que a perfectividade está mais ligada à exigência de um estágio maximal imposta por operadores perfectivos, e não à exigência do *telos*. Assim, a relação entre perfectividade e culminação é contingente, e não essencial, dependendo de operadores gramaticais específicos em cada língua.

Além disso, Altshuler (2014, p. 739) defende que o *telos* pode surgir como implicatura devido a uma competição com outros marcadores aspectuais na língua. Essa implicatura ocorre quando há *alternativas concorrentes* — outras construções ou operadores disponíveis na língua — que tornam mais saliente a interpretação de culminação para uma dada sentença. Ele observa que a presença de modificadores contextuais ou outras expressões que delimitam eventos pode influenciar a interpretação aspectual ao integrar com operadores e com a semântica do VP. Esses modificadores contribuem para reforçar ou cancelar a implicatura da culminação. Assim, a interpretação não depende exclusivamente do operador aspectual, mas resulta de uma composição semântica do VP com outros constituintes da sentença e do contexto discursivo.

Essa perspectiva aproxima-se da proposta de Basso e Pires de Oliveira (2010), que rejeita a ideia de que a interpretação aspectual resulte apenas do tipo de evento veiculado pelo VP. Mas enquanto Altshuler (2014) sugere que a culminação pode surgir como implicatura devido à interação entre operadores aspectuais e modificadores, para Basso e Pires de Oliveira (2010), a presença do adjunto *em α tempo* orienta a interpretação e pressupõe que o evento seja interpretado como culminando: se o predicado já contém um *telos*, o adjunto mede o tempo até atingi-lo; se não, “algum tipo de acomodação de pressuposição entra em jogo” (Basso e Pires de Oliveira, 2010; p. 89).

Entendemos, dessa forma, que o modelo de Altshuler (2014) oferece uma abordagem semântica que pode contribuir para esclarecer a relação entre VPs de *accomplishment* e o alcance do *telos* no PB. Sua formalização do operador perfectivo como um mecanismo que não exige culminação no mundo atual apresenta uma alternativa ao modelo de Rothstein (2004), que assume um vínculo mais rígido entre perfectividade e telicidade. Além disso, sua abordagem complementa a proposta de Basso e Pires de Oliveira (2010), ao fornecer uma base formal para compreender como esses adjuntos podem reforçar pragmaticamente a expectativa de culminação, sem que ela esteja semanticamente garantida pelo VP.

4 Aplicação do modelo de Altshuler ao PB e o adjunto *em α tempo*

A formalização do operador perfectivo de Altshuler (2014) e a análise realizada por Pires de Oliveira e Basso (2010) oferecem perspectivas complementares sobre a relação entre perfectividade, telicidade e o adjunto *em α tempo*. Enquanto Altshuler (2014) propõe que o operador perfectivo mapeie conjuntos de eventos do VP para seus estágios maximais, Basso e Pires de Oliveira (2010) defendem que o adjunto *em α tempo* atua informando a duração do evento e forçando uma leitura télica, a qual não é intrínseca ao VP de *accomplishments* no PB. Essa perspectiva nos parece muito frutífera para compreender melhor o comportamento semântico de *em α tempo*.

Vejamos, por exemplo, a sentença *Eu li um livro ontem em 2 horas*, na qual o adjunto *em 2 horas* fornece uma delimitação explícita do intervalo de tempo em que o evento ocorre. De acordo com o modelo de Altshuler (2014), o operador perfectivo mapeia eventos do VP para seus estágios maximais, sem exigir necessariamente sua culminação no mundo atual. Essa flexibilidade nos vem a calhar porque, no PB, dizer algo como *Eu li um livro ontem* não garante semanticamente que o livro tenha sido terminado. O adjunto *em α tempo*, por sua vez, delimita o intervalo de tempo durante o qual deve ocorrer, reforçando a expectativa de culminação. Formalmente, fazendo-se uso da semântica de situações, o adjunto poder ser descrito da seguinte maneira:

$$\forall e \forall \alpha [duração(e, \alpha) \rightarrow \exists e' (e' \subseteq e \wedge culmina(e, e'))]$$

Onde:

- *duração(e, α)*: o evento *e* tem a duração de tempo *α*;
- *e' ⊆ e*: *e'* é uma subparte de *e*;
- *culmina(e', e)*: o evento *e* culmina em sua subparte *e'*.

A formalização do adjunto *em α tempo* mostra como ele complementa a flexibilidade do operador perfectivo de Altshuler (2014), o qual não exige culminação (no mundo atual) ao apresentar eventos. Enquanto o operador perfectivo mapeia os eventos descritos pelo VP para seus estágios maximais, o adjunto *em α tempo* introduz uma restrição que impõe a culminação no intervalo temporal especificado. Essa complementariedade é particularmente interessante por permitir vincular o evento à sua culminação de forma mais precisa.

5 Conclusão

Este trabalho discutiu a interação entre predicados do tipo *accomplishment*, fazendo uso do operador perfectivo modelado por Altshuler (2014), e o adjunto *em α tempo* do PB, à luz da análise de Pires de Oliveira e Basso (2010). A formalização apresentada mostra

como *em α tempo* impõe composicionalmente a culminação dos VPs de *accomplishment*, ao delimitar um intervalo temporal no qual o evento deve alcançar o *telos* e forçar uma leitura télica. Assim, propomos uma explicação formal para o comportamento de *em α tempo*, evidenciando seu papel na imposição da telicidade. Nossa abordagem busca contribuir para uma descrição mais precisa da semântica aspectual no PB.

6 Considerações finais

Este trabalho se restringiu à análise da interação entre o adjunto *em α tempo* e predicados do tipo *accomplishment* no PB, deixando de abordar outros elementos relevantes, como o adjunto *por α tempo* ou ocorrências de *em α tempo* com predicados de outras classes aspectuais. No entanto, reconhecemos que a tipologia de operadores aspectuais partitivos proposta por Altshuler (2014) oferece um arcabouço teórico promissor para a investigação de outras combinações entre adjuntos temporais e predicados no PB. Dada a complexidade dessas questões, sua exploração fica como sugestão para trabalhos futuros.

Referências

- ALTSHULER, D. A Typology of Partitive Aspectual Operators. *Natural Language & Linguistic Theory*, v. 32, n. 4, 2014. p. 735-775.
- BASSO, R. M.; PIRES DE OLIVEIRA, R. ‘Em X Tempo’ e ‘Por X Tempo’ no Domínio Tempo-Aspectual. *Revista Letras*, Curitiba, v. 81, 2010. p. 77-98.
- KRIFKA, M. Nominal Reference, Temporal Constitution and Quantification in Event Semantics. In: RENZI, L.; DI SCIULLO, A.-M. (ed.). *Semantics and Contextual Expression*. Dordrecht: Foris, 1989. p. 75-115.
- KRIFKA, M. The Origins of Telicity. In: ROTHSTEIN, S. (ed.). *Events and Grammar*. Dordrecht: Kluwer, 1998. p. 197-235.
- LANDMAN, F. The Progressive. *Natural Language Semantics*, v. 1, p. 1-32, 1992.
- PIRES DE OLIVEIRA, R.; BASSO, R. M. Sobre a Semântica e a Pragmática do Perfectivo. *Revista Letras*, Curitiba, v. 81, 2010. p. 123-139.
- RODRIGUES DE SOUZA, N. *A Acionalidade e os Medidores de Tempo no Português Brasileiro: experimentos de aceitabilidade e de interpretação*. 2018. Monografia (Graduação em Letras Português) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.
- ROTHSTEIN, S. *Structuring Events: A Study in the Semantics of Lexical Aspect*. Malden: Blackwell Publishing, 2004.
- SMITH, C. S. *The Parameter of Aspect*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1991.
- VENDLER, Z. Verbs and Times. *The Philosophical Review*, v. 66, n. 2, 1957, p. 143-160.

AUTORIA**Uiara do Nascimento Nunes (UFSC)**

Conceitualização; Investigação; Escrita — Esboço Original; Escrita — Revisão e Edição; Análise Formal; Validação

Leonardo Alves (UFSC)

Conceitualização; Investigação; Escrita — Esboço Original; Escrita — Revisão e Edição; Visualização

Conforme papéis CRediT especificados em:

https://contributionshipcollaboration.github.io/projects/translation/translations/pt_latn/**DADOS DA PUBLICAÇÃO**Seção: *Squibs*

Recebido em: 14/4/2025

Aceito em: 28/8/2025

Publicado em: 13/10/2025

COMO CITARNUNES, Uiara do Nascimento; ALVES, Leonardo. Em busca do *telos*: ‘em α tempo’ e operadores aspectuais no português brasileiro. *Caderno de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem*, v. 10, n. 2, p. 47-56, 2024.**SOBRE A REVISTA**Submissões: <https://periodicos.unb.br/index.php/cs>*Open Access*Sob licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License*

Glides intervocálicos no português do Brasil: um caso de múltiplas representações subjacentes?

Intervocalic glides in Brazilian Portuguese:
a case of multiple underlying representations?

Lucas Pereira Eberle*

Resumo

Neste trabalho, investigou-se a posição silábica a que se adjunge o *glide* inserido entre fronteiras morfológicas internas à palavra no português brasileiro, como em ['freju] (categórico) e [pe'sowə] ~ [pe'soə] (variável). O objetivo era encontrar evidências experimentais para as propostas de motivação da inserção: se adjungido à segunda vogal (efeito da restrição ONSET) ou à primeira (questões de proeminência). Foi aplicado um Teste de Inversão de Sílabas, e os resultados mostraram que *glides* com inserção variável foram preferencialmente interpretados na primeira vogal. Concluiu-se que os *glides* são primeiramente associados à primeira sílaba e que podem ser ressilabificados posteriormente, enquanto *glides* com inserção variável seriam puramente epentéticos. Ademais, argumentou-se que este fenômeno é um caso de múltiplas representações subjacentes em competição.

Palavras-chave: *glides* epentéticos; silabificação; múltiplas representações subjacentes; português brasileiro; morfofonologia.

Abstract

Glides can occur between morphological boundaries within words in Brazilian Portuguese, as in ['freju] 'brake' (categorical) and [pe'sowə] ~ [pe'soə] 'person' (variable). This study experimentally investigated the syllabic position of the epenthesis to discover whether the insertion is motivated by ONSET (insertion in the second vowel) or prominence augmentation (first vowel). A Syllable Reversal Task revealed that glides with variable insertion were more often associated with the first vowel. It was concluded that glides are primarily associated with the first syllable and can later be syllabified to the second one, while glides with variable insertion are purely epenthetic. Moreover, it was argued that this phenomenon is a case of a competition of multiple underlying representations.

Keywords: epenthetic glides; syllabification; multiple underlying representations; Brazilian Portuguese; morphophonology.

*Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP. E-mail: eberle.lp@gmali.com. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-4275-7848>. O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil, processo nº 2021/12853-4.

1 Introdução

No português brasileiro (PB), *glides* podem ser inseridos em fronteiras morfológicas internas a palavras que apresentem um encontro vocálico (hiato) entre radical e sufixo. Esta inserção nem sempre é categórica e, muitas vezes, é variável em posições átonas para vogais anteriores e em posições acentuadas para vogais posteriores. Ademais, em alguns contextos, é evitada, como exemplificado no quadro abaixo:

Quadro 1 — Assimetria da inserção do *glide*¹

Palavra	Input	Output	Tipo de inserção
a. freio	/fre+o/	*['freʊ] ~ ['frejʊ]	categórica
b. cear	/se+ar/	[se'ar] ~ [sejar]	variável
c. pessoa	/peso+a/	[pe'soə] ~ [pe'sowə]	variável
d. voar	/vo+ar/	[vo'ar] ~ *[vowar]	evitada

Fonte: elaborado pelo autor.

Esta assimetria pode ser analisada mediante fatores morfonológicos, como a estrutura morfológica dessas palavras e acento. No PB, a vogal simples [e] não ocorre em sílaba acentuada quando ocupa a posição de primeira vogal do hiato (Camara Jr., 1970) — *[e.V] → [ejV], como mostrado no Quadro 1 — (a). Entretanto, essa não é a única posição em que a epêntese pode ocorrer com a vogal [e]. Alguns verbos aceitam a epêntese também em posições átonas (Quadro 2 — (a)) ao mesmo tempo em que evitam o alteamento para [i], enquanto outros preferem o alteamento em vez da epêntese, como apresentado a seguir:

Quadro 2 — Assimetria /e'V/

Palavra	Input	Fiel	Epêntese	Alteamento
a. cear	/se+ar/	[se'ar]	[sejar]	*[si'ar]
b. mapear	/map+e+ar/	[mape'ar]	*[mapejar]	[mapi'ar]

Fonte: elaborado pelo autor.

De acordo com Eberle (2023b), essa assimetria, que será mais discutida na seção seguinte, resulta da diferença na estrutura morfológica dos verbos terminados em -ear. No Quadro 2, estão representados os verbos em que a vogal /e/ é analisada como parte da raiz (a), enquanto em (b) a vogal /e/ é um morfema verbalizador (Resende, 2020).

Em relação à vogal /o/, essa é sempre analisada como parte da raiz, e a assimetria é encontrada apenas em relação ao acento, tanto em verbos quanto em nomes. Se a vogal /o/ for acentuada, a epêntese é variável (Quadro 3 — (a)), porém, quando é átona, a epêntese é evitada (Quadro 3 — (b)) e o alteamento preferível, como no quadro a seguir:

¹O asterisco (“*”) é utilizado para marcar formas agramaticais.

Quadro 3 — Assimetria /o.V/

Palavra	Input	Fiel	Epêntese	Alteamento
a. pessoa	/peso+a/	[pe'soə]	[pe'sowə]	*[pe'sue]
b. voar	/vo+ar/	[vo'ar]	*[vowar]	[vu'ar]

Fonte: elaborado pelo autor.

A motivação para a epêntese nesses contextos no PB é discutida na literatura por dois caminhos: (i) a inserção ocorreria no ataque da segunda vogal por pressão da restrição ONSET, em que todas as sílabas devem ter ataque silábico (cf. Rodrigues, 2007), portanto a silabificação de *freio* seria [fre.ju]; ou (ii) ocorreria na coda da primeira sílaba, por questões de proeminência em posições fortes, como sílabas acentuadas e/ou raízes (Eberle, 2022, 2023a, 2023b) — [frej.u].

O objetivo deste trabalho é investigar experimentalmente onde, de fato, ocorre a inserção do *glide*, para que, assim, com base nas respostas, seja possível refutar ou não as propostas para motivação da inserção (ONSET ou questões de proeminência).

Para alcançar tal objetivo, este trabalho é guiado por três perguntas: (i) Qual a motivação da epêntese: por pressão do ONSET ou por proeminência? (ii) Onde a epêntese ocorre: na coda da sílaba 1 ou no ONSET da sílaba 2? (iii) E por que há variação, às vezes ocorrendo a epêntese e às vezes não?

Na seção seguinte, serão apresentados brevemente os argumentos para cada uma das propostas de motivação da inserção do *glide* e uma terceira proposta que comprehende que o *glide* seja ambissilábico (parte das duas sílabas), que, todavia, não analisa a motivação da inserção. Em seguida, será apresentado o experimento realizado para analisar a silabificação do *glide* (Teste de Inversão de Sílabas² — Treiman e Danis (1988), Schiller *et al.* (1997, tradução nossa)). Após isso, serão apresentados os resultados, a discussão e, por fim, as conclusões do artigo.

2 Posições de adjunção do *glide* intervocálico

Eberle (2022, 2023a, 2023b) argumenta, baseado em Beckman (1998) e Smith (2005), que o *glide* é inserido por demanda de aumento de proeminência em sílabas fortes. De acordo com Beckman (1998), sílabas acentuadas, sílabas iniciais e raízes são posições de maior proeminência psicolinguística e fonética, isto é, raízes são psicolinguisticamente mais proeminentes porque estariam relacionadas com acesso lexical. Paralelamente, sílabas acentuadas, por terem durações maiores que sílabas átonas no PB, são foneticamente mais proeminentes.

Smith (2005) argumenta, em seu trabalho, que posições proeminentes demandam material segmental também proeminente. No contexto de hiato em que se desenvolve este

²Syllable Reversal Task.

trabalho, defende-se que a proeminência seria relativa à duração das vogais. Dessa forma, os ditongos [ej] e [ow] teriam durações maiores que as suas vogais simples correspondentes, [e] e [o], pois seriam somadas às durações da vogal e do *glide*, assim como estas vogais seriam mais longas que as vogais [i] e [u], pois, de acordo com Flemming (2004), vogais baixas são mais longas que vogais altas. A partir disso, pode-se formar uma escala de duração dos vocoides, como representado em (1).

- (1) Vogais baixas > ej ow > e o > i u

Assim, os ditongos seriam preferidos nas posições fortes (tônica e raiz), enquanto as vogais mais curtas seriam preferidas em posições fracas (átona ou afixo).

Em função de a epêntese ocorrer apenas quando as vogais /e/ e /o/ estão em posição de acento, ou, se /e/ for átona, apenas quando é parte da raiz, Eberle (2023b) argumenta que a epêntese ocorre na sílaba da primeira vogal para que a demanda por maior proeminência (maior duração) das posições fortes seja satisfeita — /'freo/ → ['frej.u], /se'ar/ → [sej.ar] e /pe'soa/ → [pe'sow.e]. Segundo o autor, apenas vogais baixas teriam duração longa o suficiente para satisfazer a demanda por proeminência em contexto de hiato.

Ademais, se o *glide* fosse inserido na segunda vogal — ['fre.ju] —, a violação da demanda por aumento de proeminência em posições fortes não seria satisfeita e uma sílaba fraca teria sua duração aumentada.

Ainda em relação à assimetria nos verbos terminados em *-ear* apresentada no Quadro 2, Eberle (2023b) defende, também com base em Beckman (1998), que exista uma maior fidelidade em vogais que são parte da raiz do que em vogais que são afixos, de forma que o alteamento de /e/ para [i] na raiz é evitado (Quadro 2 — (a)). Como raízes são posições de alta proeminência, o aumento para [ej] é aceitável, mesmo que viole a restrição WTS (*weight-to-stress*) que milita para que toda sílaba pesada seja acentuada — /se'ar/ → [sej'ar]. Por outro lado, quando se trata de um afixo, a fidelidade com a raiz não afeta a vogal /e/, e o alteamento para [i] ocorre seguindo o padrão da língua em alterar vogais pretônicas — /map+e+ar/ → [mapi'ar].

Em contrapartida, Rodrigues (2007) analisa o *glide* intervocálico [j] como sendo motivado pela restrição ONSET (isto é, todas as sílabas devem ter ataque), defendendo que, ao longo da história, teria ocorrido a promoção dessa restrição de marcação acima das restrições de fidelidade, o que explicaria o porquê de os hiatos passarem a ser evitados ao longo da evolução da língua.

Para a autora, o *glide* seria inserido primeiramente na segunda sílaba do hiato, para os casos de inserção em posição acentuada — [ma'pe.jo]. Além disso, em sua análise, o *glide* seria ressilabificado para a primeira sílaba para satisfazer a restrição que milita para que toda sílaba acentuada seja pesada. Ademais, a autora considera que verbos como *cear* e *frear* (Quadro 1 — (b) / Quadro 2 — (a)) já possuiriam o *glide* na forma subjacente, com base no princípio de riqueza da base, argumentando que isso explicaria o porquê de o *glide* poder aparecer em posição átona. Contudo, essa proposta assume que existiriam ditongos crescentes na forma subjacente, o que é amplamente contra-argumentado pela literatura. De acordo com Bisol (1989, 2005), Camara Jr. (1970), Madruga e Abaurre (2015) e outros, o português não teria ditongos crescentes fonológicos, e a formação destes seria resultado de processos de ressilabificação pós-lexical.

Além disso, essa análise não explica por que o *glide* seria ressilabificado em silabas átonas, como em *ceamos* [sej'jẽmʊs], pois não há o que motive a ressilabificação, já que a não ocorrência desta não violaria STW (WTS)³, como a autora argumenta em seu trabalho, por meio do *tableau* reproduzido a seguir:

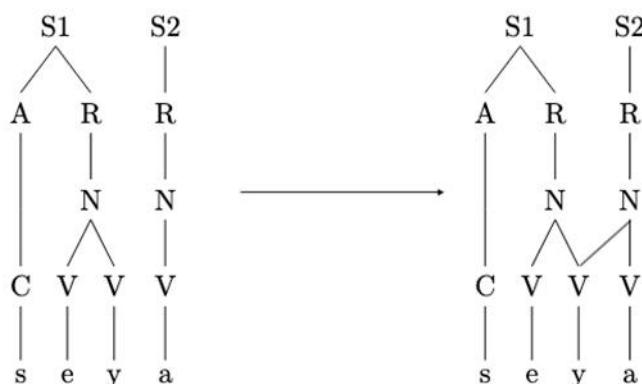
Quadro 4 — Análise da forma *ceamos*⁴

/se.'ja.mos/	ONSET	DEP IO	WTS	OCP	HARMONY
a. [se.'a]mos	*!		*		
b. ['sej.'a]mos	*!	*	*		
c. [sew.'wa]mos		*	*	*	*!
d. [sew.'a]mos	*!	*			
e. [sej.'ja]mos		*	*	*	

Fonte: Rodrigues (2007, p. 23).

Outro autor que discute a silabificação destes *glides* é Couto (1994). Em seu trabalho sobre ditongos crescentes e ambissilabicidade, o autor propõe que o *glide* intervocálico se adjunge à primeira vogal e é ressilabificado posteriormente para a segunda vogal do hiato, conforme representado no seguinte esquema:

Figura 1 — Ressilabificação do *glide* para núcleo da segunda sílaba



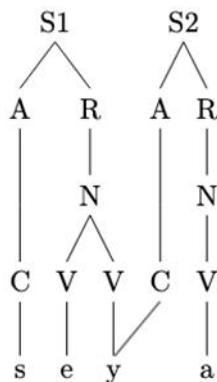
Fonte: Couto (1994, p. 134, adaptado).

O autor acrescenta que o *glide* poderia ser reinterpretado como consoante posteriormente, por ocupar uma posição de consoante (ataque silábico), conforme apresentado a seguir:

³A sigla correta para a restrição é STW (*stress-to-weight*). Rodrigues (2007), entretanto, utiliza WTS (*weight-to-stress*), embora a defina como “peso ao acento: toda sílaba acentuada deve ser pesada”. Dessa forma, sua análise não está incorreta; apenas o nome da restrição está trocado.

⁴Descrição das demais restrições por Rodrigues (2007, p.11-12): DEP (todo elemento do output deve apresentar um correspondente no input; não pode haver inserção do *input* para o *output*); WTS (peso ao acento: toda sílaba acentuada deve ser pesada) e OCP (não podem existir elementos idênticos adjacentes).

Figura 2 — Ressilabificação do *glide* para ataque da segunda sílaba



Fonte: Couto (1994, p. 134, adaptado).

Ademais, Couto (1994) também comenta a possibilidade de o *glide* surgir no ataque da segunda vogal e ser ressilabificado posteriormente para a primeira vogal (como propõe Rodrigues (2007)), mas argumenta que, em casos de apagamento da segunda vogal, o *glide* é mantido, como, por exemplo, em (*ele*) *veio*, que pode ser pronunciado [vej]. Segundo o autor, isso justificaria a inserção mostrada na Figura 1. Por fim, o autor conclui que:

Em síntese, é bem verdade que o [y]⁵ que se insere entre duas vogais para desfazer hiato forma, num primeiro momento, ditongo decrescente com a vogal precedente. No entanto, pela própria posição em que ele se insere — eminentemente consonantal — e por sua natureza [-cons, +alt -rec], passa a funcionar como ataque da sílaba seguinte. (COUTO, 1994, p. 136)

Por fim, entender onde o *glide* é inserido pode auxiliar na argumentação sobre o motivo de ele ser inserido: se for inserido primeiramente na primeira sílaba, a análise de Couto (1994) e Eberle (2023b) ganhariam força; porém, se for inserido primeiramente na segunda sílaba, então a análise de Rodrigues (2007) seria mais adequada. Ademais, espera-se encontrar diferença entre *glides* de inserção variável e categórica a partir da abordagem de Couto (1994). A inserção variável ocorreria na posição de coda da primeira sílaba, pois é nela que inicialmente ocorre a inserção, enquanto *glides* categóricos, por serem estáveis, poderiam ocupar ambas as posições.

3 Teste de Inversão de Sílabas

Para investigar a intuição dos falantes sobre a posição de adjunção do *glide*, aplicou-se um experimento denominado Teste de Inversão de Sílabas (Treiman; Danis, 1988; Schiller *et al.*, 1997), que consiste em apresentar uma palavra para os participantes e pedir que invertam a ordem das sílabas desta palavra.

⁵Símbolo fonético de acordo com IPA: [j].

3.1 Estímulos

Foram selecionadas 16 palavras-alvo: 12 com inserção variável (das quais 6 eram com a vogal /e/ pretônica e 6 eram com a vogal /o/ acentuada) e 4 com inserção categórica (vogal /e/ acentuada). Também se controlou a vogal seguinte, que variou entre /a/, /e/ e /o/, para testar se vogais semelhantes influenciariam as respostas. Além disso, o experimento continha 16 palavras distratoras, das quais 8 não apresentavam nenhum hiato (como *parede*) e 8 apresentavam hiato postônico (como *náusea*).

Quadro 5 — Palavras-alvo

Tipo de inserção	Primeira vogal	Segunda vogal		
		/a/	/e/	/o/
categórica	/e/	cadeia, ceia	-	correio, freio
variável	/e/	cear, estrear	ceei, estreei	freou, estreou
	/o/	boa, pessoa	doe, perdoe	enjoo, voo

Fonte: elaborado pelo autor.

3.2 Preparação

Após selecionadas as palavras, foram montados dois experimentos: no primeiro experimento, os estímulos foram apresentados sem a pronúncia do *glide* intervocálico quando a inserção era variável, ('cear' — [se'ar])⁶; no segundo experimento, os *glides* com inserção variável foram pronunciados, ('cear' — [seja'r])⁷. A gravação de todos os estímulos foi feita por uma falante da região de Campinas/SP, de 23 anos, com experiência prévia em gravações de estímulos para experimentos de fonologia. A divisão em dois experimentos foi pensada para investigar se a presença do *glide* nos estímulos poderia influenciar as respostas e para que houvesse uma uniformização dos *inputs* dados aos participantes, para que não houvesse influência da presença do *glide* variável em estímulos seguintes que não o apresentassem. Quanto ao *glide* categórico, ambos os experimentos continham as mesmas palavras com a pronúncia do *glide*.

Os experimentos foram montados na plataforma Experigen (Becker; Levine, 2013), e as palavras-alvo e palavras distratoras foram apresentadas apenas em formato de áudio, em uma tentativa de evitar que houvesse interferência da escrita nas respostas, já que os *glides* com inserção variável não aparecem na ortografia. Após aceitarem o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), os participantes fizeram um curto treinamento com três palavras, em que foram instruídos sobre como responder ao experimento. Foi pedido que, após ouvirem o áudio, respondessem primeiro a *última sílaba* e, em seguida, o *restante da palavra*; por exemplo, ao ouvirem a palavra "pessoa" [pe'sowə], era esperado que os participantes respondessem de quatro maneiras distintas, conforme exemplificado no quadro abaixo:

⁶O experimento pode ser acessado através do link: <https://sandalo.phonologist.org/lpe7/>.

⁷O experimento pode ser acessado através do link: <https://sandalo.phonologist.org/lpe8/>.

Quadro 6 — Respostas esperadas

Respostas possíveis	Silabificação	Posição de inserção
a. [a pesow]	[pe'sow.e]	primeira sílaba do hiato
b. [wa peso]	[pe'so.we]	segunda sílaba do hiato
c. [wa pesow]	[pe'sow.we]	ambas as sílabas do hiato
d. [a peso]	[pe'so.e]	<i>glide</i> não inserido na resposta

Fonte: elaborado pelo autor.

As respostas também foram gravadas em áudio, para evitar interferência da forma escrita. Foi utilizado o *website* gratuito *123apps*⁸ para gravação dos áudios, e os participantes foram instruídos a fazer o *upload* do arquivo de áudio (.mp3) em uma pasta do Google Drive através de um formulário do Google.

3.3 Materiais e procedimentos

Os participantes foram recrutados por meio *online*, através de divulgação em *e-mail* institucional e redes sociais privadas do autor. Como os experimentos foram realizados de forma totalmente remota, os materiais usados foram o próprio computador e o microfone pessoal dos participantes; quanto ao local de pesquisa, os participantes foram instruídos a ficar em um ambiente com boa acústica e bom isolamento sonoro.

No total, os experimentos foram realizados com 23 participantes, sendo que 11 participaram da primeira versão do experimento e 12 da segunda; nenhum participante realizou os dois experimentos. O critério de seleção foi o participante ser falante nativo do português, nascido no estado de São Paulo, e a designação dos experimentos foi feita aleatoriamente, conforme demonstração de interesse da pessoa em participar. Todos os participantes eram maiores de 18 anos, falantes nativos do português brasileiro, da região de São Paulo, e tinham nível superior de escolaridade (completo ou incompleto); por se tratar, em sua maioria, de universitários, as idades variaram entre 18 e 35 anos. Acredita-se que a baixa adesão de participantes tenha ocorrido devido à montagem do experimento, que demandava algumas séries de procedimentos. Entende-se que os resultados a serem apresentados são de caráter preliminar, mas que, ainda assim, demonstram padrões da língua.

4 Resultados

Foram obtidas 318 respostas referentes às palavras-alvo, excluindo-se os erros, das quais 132 respostas foram referentes à primeira versão do experimento (doravante referido

⁸Disponível em: <https://123apps.com/pt/>. Acesso em: 28 set. 2025.

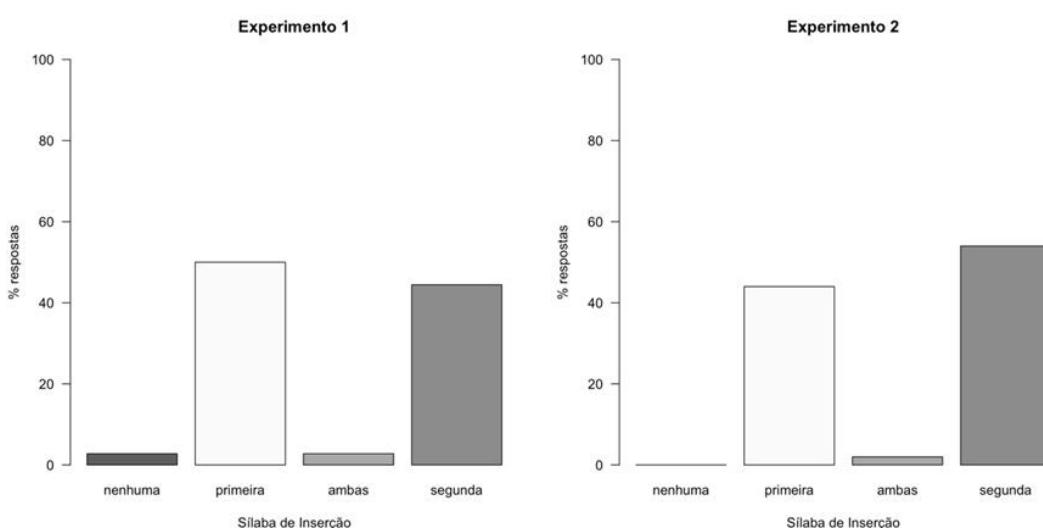
como grupo 1), em que o *glide* não foi pronunciado (inserção variável), e 186 respostas da segunda versão (grupo 2), em que o *glide* foi pronunciado.

Em relação ao *glide* categórico, no grupo 1, os resultados mostraram que o *glide* foi inserido 50% das vezes na primeira sílaba ([o frej]), 44% na segunda sílaba ([jo fre]), 3% em ambas as sílabas ([jo frej]), e, em 3% das respostas, não foi inserido ([o fre]). O teste de qui-quadrado realizado no software R (Team, 2022) apontou não haver diferença significativa entre a inserção na primeira ou segunda sílaba: χ^2 (1, N = 34) = 0,12, p > 0,05.

Semelhantemente, no grupo 2, o *glide* categórico foi inserido 54% das vezes na segunda sílaba, 44% na primeira e 2% em ambas, não apresentando nenhuma resposta sem o *glide*. O teste de qui-quadrado também não apontou uma diferença significativa entre a inserção na primeira e segunda sílaba: χ^2 (1, N = 49) = 0,51, p > 0,05.

Os resultados referentes às respostas do *glide* categórico estão representados na figura a seguir:

Figura 3 — Posição de inserção do *glide* categórico nas respostas dos experimentos 1 e 2



Fonte: elaborado pelo autor.

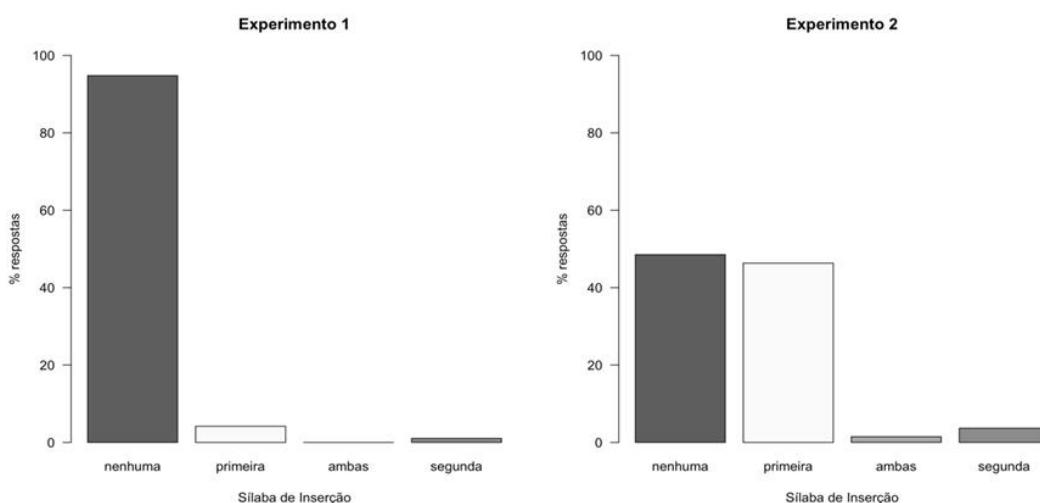
Por outro lado, em relação ao *glide* com inserção variável, no grupo 1, que não ouviu a pronúncia do *glide* nos estímulos, obteve-se um grande número de respostas sem o aparecimento do *glide* (95%) ([a peso]), seguido de 4% das respostas com inserção na primeira sílaba ([a pesow]) e 1% na segunda ([wa peso]), sendo a diferença geral significativa (χ^2 (3, N = 96) = 249,75, p < .001). Contudo, não foi atestada diferença significativa entre a inserção na primeira e segunda sílaba (χ^2 (1, N = 5) = 1,8, p > 0,05).

No grupo 2, que ouviu a pronúncia do *glide* nos estímulos, o *glide* não foi inserido em 49% das respostas, foi alocado na primeira sílaba do hiato em 46% das respostas

([a pesow]), na segunda vogal em 4% ([wa peso]) e, em ambas, em 1% das respostas. No aspecto geral, a diferença é significativa (χ^2 (3, N = 136) = 109,71, p < 0,001), e, comparando-se a diferença entre a inserção na primeira e segunda sílaba do hiato, o teste também aponta uma diferença significativa (χ^2 (1, N = 68) = 49,471, p < 0,001).

Os resultados referentes às respostas do *glide* variável estão representados na figura a seguir:

Figura 4 — Posição de inserção do *glide* variável nas respostas dos experimentos 1 e 2



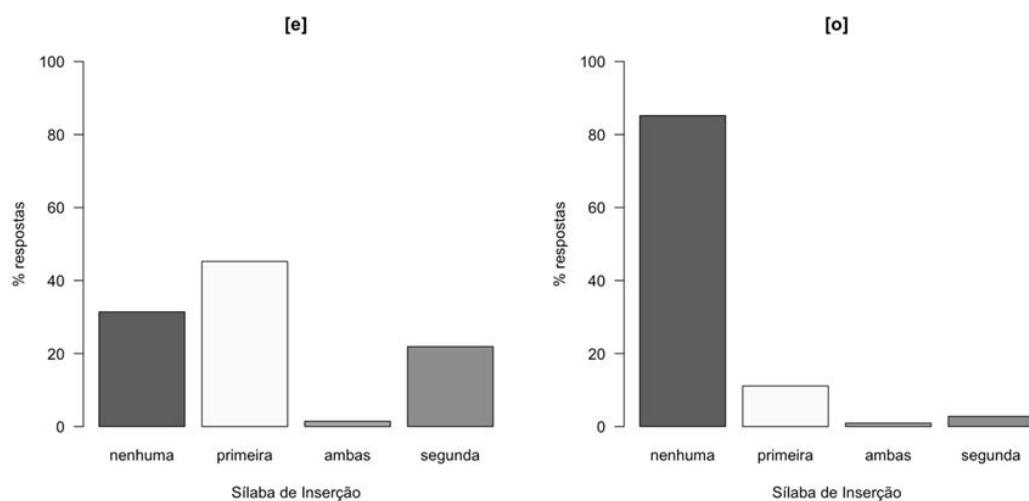
Fonte: elaborado pelo autor.

Em função de o *glide* de inserção variável e categórica ter relação direta com a qualidade vocálica da primeira vogal, apresentam-se a seguir os resultados relativos à qualidade vocálica. Quando a vogal era [e], os resultados mostraram que o *glide* foi inserido 45% das vezes na primeira sílaba ([o frej]), 22% na segunda sílaba ([jo fre]), 1,5% em ambas as sílabas ([jo frej]), e não foi inserido em 31,5% das respostas ([o fre]). O teste de qui-quadrado apontou haver diferença significativa entre as variáveis: χ^2 (3, N = 210) = 85,35, p < 0,05.

Quando a vogal era [o], os resultados mostraram que o *glide* foi inserido 11% das vezes na primeira sílaba ([a vow]), 3% na segunda sílaba ([wa vo]), 1% em ambas as sílabas ([wa vow]), e não foi inserido em 85% das respostas ([a vo]). O teste de qui-quadrado também apontou haver diferença significativa: χ^2 (1, N = 108) = 211,19, p < 0,05.

Os resultados referentes às respostas do *glide* variável estão representados na figura a seguir:

Figura 5 — Posição de inserção do *glide* variável nas respostas dos experimentos x vogal



Fonte: elaborado pelo autor.

Para investigar as assimetrias e os possíveis efeitos descritos anteriormente, foi testado um modelo multinomial para prever a ocorrência de inserção de *glide* (não inserção, inserção na primeira sílaba, na segunda sílaba ou em ambas).

O modelo inicial foi ajustado com a função *multinom()* do pacote *nnet* (Ripley, 2023) e incluiu como variáveis preditoras: a presença ou ausência de *glide* na pronúncia, a classe gramatical (verbo ou substantivo), o acento da primeira vogal (tônica ou pretônica), o número de sílabas (duas ou três), a semelhança articulatória entre as vogais, a qualidade da primeira vogal ([e] ou [o]), a qualidade da segunda vogal ([a], [e], [o], [ɐ], [i] ou [u]) e a presença do *glide* na ortografia.

Apesar de apresentar bom ajuste e desempenho preditivo, o modelo mostrou sinais de superparametrização: alguns preditores apresentaram *Odds Ratios* extremamente altos e erros-padrão muito pequenos, sugerindo instabilidade das estimativas. Para contornar esse problema e facilitar a interpretação, foi ajustado um modelo simplificado contendo apenas quatro preditores:

- (i) presença ou ausência de *glide* na pronúncia;
- (ii) classe gramatical (verbo ou substantivo);
- (iii) acento da primeira vogal (tônica ou pretônica);
- (iv) qualidade da primeira vogal ([e] ou [o]).

O modelo simplificado apresentou AIC de 412,82, Pseudo-R² (McFadden, 1974) de 0,48 e acurácia de 74,21%. Também foi testado um modelo com todas as interações possíveis

entre essas variáveis, mas o desempenho não melhorou (AIC: 424,61; Pseudo-R²: 0,46; acurácia: 74,53%) e o problema de superparametrização permaneceu.

Os resultados do modelo simplificado mostraram que a presença de *glide* na pronúncia favorece fortemente a inserção na primeira sílaba ($OR = 43,18$), em comparação com a inserção na segunda sílaba ($OR = 9,41$). As demais variáveis não apresentaram efeitos estatisticamente significativos ou a superparametrização permaneceu. Os resultados gerais encontram-se no Apêndice.

5 Discussão

Os resultados e testes estatísticos apontaram que há preferência pela inserção na primeira sílaba do hiato, comparando-se com a não inserção e a inserção na segunda sílaba quando o *glide* estava presente nos estímulos (tanto para inserção categórica, quanto variável). Como hipotetizado durante a montagem dos experimentos, esperava-se que a presença do *glide* no estímulo influenciasse as respostas. Entende-se que, por terem sido inseridos preferencialmente na primeira vogal, os *glides* epentéticos seriam alocados primeiramente na primeira sílaba, como proposto por Couto (1994) e Eberle (2023b). Isso é reforçado por não haver diferença significativa na comparação entre inserção na primeira e segunda sílaba ou entre segunda sílaba e não inserção.

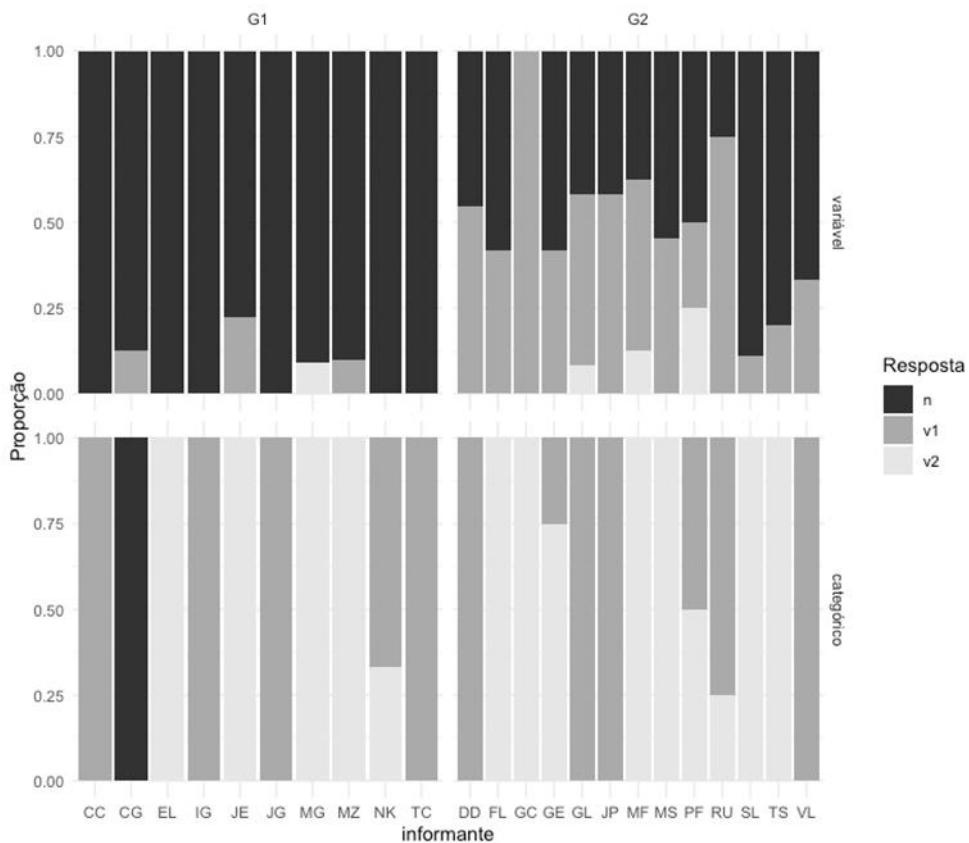
Por terem comportamentos distintos no experimento, defende-se que os *glides* com inserção categórica e variável se comportam também diferentemente na gramática. Essa distinção pode ser analisada por diferentes representações subjacentes, o que é possível com base no princípio de Riqueza da Base na Teoria da Optimalidade (Prince; Smolensky, 1993).

Argumenta-se que, independentemente da palavra, os *glides* categóricos (presentes na ortografia) não seriam inseridos, mas apresentariam o *glide* já na forma subjacente, por exemplo, /frejo/, sem uma especificação da estrutura silábica, o que permite possuírem um caráter ambissilábico, isto é, poderem ser alocados tanto na primeira sílaba do hiato quanto na segunda. Isso configura uma melhor generalização do fenômeno, divergindo do que propõe Rodrigues (2007), que argumenta que o *glide* seria presente no *input* exclusivamente nos verbos *frear* e *cear*.

Com base no *framework* da Teoria da Optimalidade (Prince; Smolensky, 1993), em que se pressupõe que existam restrições universais violáveis e que a gramática de uma língua seja a hierarquização dessas restrições, defende-se que a distinção do alocamento do *glide* se daria, portanto, no conflito entre as restrições de demanda por proeminência e ONSET: os falantes que alocaram o *glide* na primeira sílaba teriam as restrições de demanda por aumento de proeminência acima da restrição ONSET, mas falantes que alocaram na segunda sílaba teriam ONSET acima das demais.

Isso é evidenciado pelos dados, que mostram que, de fato, os participantes foram majoritariamente homogêneos em suas respostas referentes ao *glide* categórico ao inserirem apenas na primeira ou segunda sílaba, como mostrado na Figura 6. Dos 23 participantes, 19 responderam homogeneamente, não havendo um padrão de preferência ao comparar os dois experimentos. Isto é, entende-se que existem duas gramáticas em competição na língua.

Figura 6 — Proporção de respostas por informante (subdivida em experimento e tipo de inserção)



Fonte: elaborado pelo autor.

Enquanto isso, *glides* de inserção variável seriam puramente epentéticos e não estariam na forma subjacente, /fread/, e, quando inseridos, seriam primeiramente alocados na primeira sílaba, o que demonstra que as restrições de proeminência estariam acima de ONSET para *glides* epentéticos. Isso pode ser facilmente modelado ao inserir restrições contextuais para *glides* epentéticos. Além disso, na Figura 6, pode-se ver que mesmo participantes que alocaram todos os *glides* categóricos na segunda sílaba colocaram os *glides* variáveis preferencialmente na primeira sílaba.

Entretanto, um problema emerge desta análise: a mesma raiz teria duas formas subjacentes distintas. Nos casos em que o *glide* é categórico, a raiz apresentaria o *glide*, /frej/, porém, nos casos em que o *glide* é variável, ele não estaria presente, /fre/. Pater *et al.* (2012) argumentam que diversos fenômenos nas línguas naturais apresentam ambiguidade na representação subjacente, como o artigo indefinido *a/an* do inglês. A forma *a* ocorre antes de consoantes e *an* antes de vogais, mas é impossível dizer se a forma subjacente é /an/, ocorrendo apagamento antes de consoantes, ou /a/, ocorrendo inserção de /n/ entre vogais. Para os autores, este é um exemplo em que múltiplas formas subjacentes ocorrem nas línguas.

Para os autores, todas as formas de superfície (formas observadas) podem ser candidatos a formas subjacentes. A ideia é que qualquer representação subjacente é potencialmente válida para mapear uma forma de superfície e que o mapeamento é determinado apenas pelas violações de restrições, não sendo necessária apenas uma única forma subjacente para cada forma (Pater *et al.*, 2012, p. 65).

O mesmo debate pode ser aplicado ao fenômeno discutido neste artigo; embora as condições sejam fonologicamente definidas, as variações do morfema de raiz não são sincronicamente acessíveis através de uma derivação fonológica. Portanto, como as duas formas ocorrem na língua, [frej] e [fre], ambas as formas podem ser representações subjacentes desta raiz.

Se os estímulos do experimento forem interpretados como *inputs* da gramática, cada grupo de informante teria diferentes formas subjacentes; ou seja, assim como nos experimentos os diferentes *inputs* resultaram em diferentes *outputs*, entende-se que o mesmo processo ocorre na gramática interna de cada falante, em que duas formas subjacentes conflitam e, portanto, a variação ocorre.

Por fim, com base na preferência pela inserção na primeira sílaba nos *glides* epentéticos, defende-se que esta é a posição em que *glides* são primeiramente associados e que sua ressilabificação seria uma etapa posterior nos casos de *glide* categórico. Isso não ocorreria com *glides* variáveis, que não seriam estáveis a ponto de poderem ser ressilabificados. Assim, os resultados do Teste de Inversão de Sílabas servem como evidência de que a motivação principal para a epêntese é a demanda por aumento de proeminência, como proposto por Eberle (2023b), e não somente ONSET, como propõe Rodrigues (2007), que seria uma motivação secundária e explicaria o porquê de o *glide* ser ressilabificado.

6 Conclusão

Neste artigo, investigou-se a posição silábica a que se adjunge o *glide* que ocorre entre fronteiras morfológicas internas à palavra, como em *freio*, ['freju], que é um fenômeno categórico, e *pessoa*, [pe'sowə] ~ [pe'soə], cuja inserção é variável. O objetivo era encontrar evidências em relação à motivação da inserção do *glide*, pois, a depender da sílaba do hiato à qual ele se adjunge (se à primeira, ['frej.u], ou à segunda, ['fre.ju]), a motivação para a epêntese seria diferente.

Os resultados do Teste de Inversão de Sílabas e os modelos estatísticos multinomiais mostraram que houve uma preferência pela inserção na primeira sílaba do hiato quando o *glide* foi pronunciado nos estímulos. Assim, defendeu-se que esta seria a posição em que os *glides* epentéticos são primeiramente associados, o que reforça as propostas de Couto (1994) e Eberle (2022, 2023a, 2023b), que defendem que o *glide* surge na primeira sílaba do hiato para satisfazer demandas de aumento de proeminência.

Pela distinção nos resultados, argumentou-se que a diferença entre *glides* puramente epentéticos (inserção variável) e categóricos ocorreria na gramática, de forma que cada raiz possuiria duas formas subjacentes distintas, uma com *glide* e outra sem, e que, independentemente da representação subjacente utilizada pelo falante, o candidato ótimo seria determinado pelas violações de restrições. Resta ainda, porém, aplicar uma análise mais aprofundada do funcionamento desta gramática com múltiplas representações

subjacentes, para entender melhor as assimetrias deste fenômeno. Cabe também realizar novos testes aplicando-se os dois experimentos aos mesmos participantes, para verificar se, de fato, existem gramáticas em competição e se os falantes percebem a diferença entre os estímulos.

Referências

- BECKER, M.; LEVINE, J. *Experigen: an online experiment platform*. 2013. Disponível em: <http://becker.phonologist.org/experigen/>. Acesso em: 01 jan. 2025.
- BECKMAN, J. N. *Positional faithfulness*. 1998. Tese (Doutorado em Filosofia) – Departamento de Linguística, University of Massachusetts Amherst, Amherst, 1998.
- BISOL, L. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 185-224, 1989.
- BISOL, L. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- CAMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 1970.
- COUTO, H. H. Ditongos crescentes e ambissilabicidade em português. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 29, n. 4, p. 129-141, 1994.
- EBERLE, L. P. *Monotongação, ditongação e resolução de hiatos: um estudo com palavras reais e logatomas no português falado em São Paulo*. 2022. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2022.
- EBERLE, L. P. Aumento de proeminência e maximização de contraste via epêntese de glide no português brasileiro. *Letras de Hoje*, v. 58, n. 1, e44765, 2023a. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2023.1.44765>.
- EBERLE, L. P. O efeito da proeminência de raízes na resolução de hiatos do português: Por que podemos falar fre(i)ar, mas não passe(i)ar? *Caderno de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem*, v. 9, n. 1, p. 21-30, 2023b.
- MADRUGA, M.; ABAURRE, M. B. M. Restrições fonotáticas de onset e ditongos crescentes em português. *Revista da ABRALIN*, v. 14, n. 1, 2015.
- MCFADDEN, D. Conditional logit analysis of qualitative choice behavior. In: ZAREMBKA, P. (ed.). *Frontiers in Econometrics*. New York: Academic Press, 1974. p. 105–142.
- PARKER, S. G. *Quantifying the sonority hierarchy*. 2002. Tese (Doutorado em Filosofia) – Departamento de Linguística, University of Massachusetts Amherst, Amherst, 2002.
- PARKER, S. Sonority. *Suprasegmental and Prosodic Phonology*, [s. l.], v. 3, p. 1160-1184, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/9781444335262.wbctp0049>. Acesso em: 24 ago. 2023.
- PATER, J.; STAUBS, R.; JESNEY, K.; SMITH, B. C. Learning probabilities over underlying representations. *Proceedings of the Twelfth Meeting of the Special Interest Group on Computational Morphology and Phonology*. 2012. p. 62-71.
- PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. *Optimality theory: Constraint interaction in generative grammar*. Technical Report TR-2, Rutgers Center for Cognitive Science, Rutgers University, 1993.

RESENDE, M. *A morfologia distribuída e as peças da nominalização: morfofonologia, morfossintaxe, morfossemântica*. 2020. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020.

RIPLEY, B. nnet: Feed-forward Neural Networks and Multinomial Log-Linear Models. R package version 7.3-19. 2023. Disponível em: <https://CRAN.R-project.org/package=nnet>. Acesso em: 28 set. 2025.

RODRIGUES, M. C. O hiato no português: a tese da conspiração. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 42, n. 3, p. 7-26, 2007.

SCHILLER, N. O.; MEYER, A. S.; LEVELT, W. J. M. The syllabic structure of spoken words: Evidence from the syllabification of intervocalic consonants. *Language and Speech*, v. 40, n. 2, p. 103-140, 1997.

SMITH, J. L. *Phonological augmentation in prominent positions*. New York: Routledge, 2005.

TEAM, R. DEVELOPMENT CORE. *R*: a language and environment for statistical computing. Vienna, Austria: The R Foundation for Statistical Computing, 2022. Disponível em: <https://www.R-project.org>. Acesso em: 8 maio 2024.

TREIMAN, R.; DANIS, C. Syllabification of intervocalic consonants. *Journal of Memory and Language*, v. 27, n. 1, p. 87-104, 1988.

Apêndice

	(Intercept)	glide_prons	classe_gramnome	classe_gramverbo	acento_V1ton	V1o
v1	-2.885968	3.765391	-0.0206113	0.313308448	2.818543	-5.265207
v1v2	-8.762445	13.561792	-10.746834	-7.543875146	-3.427508	-4.184489
v2	-4.176009	2.241463	0.06913289	-0.001540611	5.659934	-6.6542
Odds Ratio						
		glide_prons	classe_gramnome	classe_gramverbo	acento_V1ton	V1o
v1		43.18	0.98	1.37	16.75	0.01
v1v2		775910.15	0.00	0.00	0.03	0.02
v2		9.41	1.07	1.00	287.13	0.00

AUTORIA**Lucas Pereira Eberle (UNICAMP)**

Conceitualização; Análise Formal; Escrita — Esboço Original; Escrita — Revisão e Edição

Conforme papéis CRediT especificados em:

https://contributorshipcollaboration.github.io/projects/translation/translations/pt_latn/**DADOS DA PUBLICAÇÃO**

Seção: Artigos

Recebido em: 29/1/2025

Aceito em: 14/7/2025

Publicado em: 13/10/2025

COMO CITAREBERLE, Lucas Pereira. *Glides intervocálicos no português do Brasil: um caso de múltiplas representações subjacentes?* *Caderno de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem*, v. 10, n. 2, p. 57-74, 2024.**SOBRE A REVISTA**Submissões: <https://periodicos.unb.br/index.php/cs>*Open Access*Sob licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License*

Propriedades pragmáticas do dativo ético no português brasileiro: uma análise minimalista

Pragmatic properties of the ethical dative in Brazilian Portuguese:
a minimalist analysis

Bárbara Guimarães Rocha*

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar as características pragmáticas do dativo ético em português brasileiro (PB) numa perspectiva minimalista (Chomsky, 1995 e trabalhos subsequentes). O dativo ético é necessariamente um clítico de 1^a pessoa, ou seja, é um participante do discurso (falante). Esse clítico é concatenado acima do VP, ou seja, ocorre imediatamente antes do verbo, e é interpretado como “afetado” ou “relacionado” de alguma forma ao evento descrito pelo verbo. O dativo ético no PB ocorre preferencialmente em contextos de força ilocucionária imperativa ou exclamativa, mas pode aparecer em sentenças declarativas. Observando as características pragmáticas do dativo ético, proponho que este seja licenciado sintática e semanticamente por um núcleo funcional Aplicativo, que transmite a interpretação semântica de “afetação” ou “ancoragem” através da operação Identificação do Evento, conforme descrito por Pylkkänen (2002); e seja pragmaticamente licenciado por um núcleo funcional Participante, que relaciona o clítico à sua interpretação pragmática através de uma operação de pressuposição. Assim, este artigo mostra que a interação entre as características sintáticas, semânticas e pragmáticas através das operações mínimas MERGE e AGREE torna possível analisar o dativo ético em uma perspectiva minimalista.

Palavras-chave: dativo ético; estrutura argumental; aplicativos; minimalismo; sintaxe formal.

Abstract

The aim of this paper is to analyze the pragmatic features of the ethical dative in Brazilian Portuguese (BP) from a minimalist perspective (Chomsky, 1995 and subsequent work). The ethical dative is necessarily a 1st person clitic, i.e. it is a participant

*Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, POSLIN. Faculdade de Letras, FALE. E-mail: rocha.barbara@icloud.com. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-1731-7082>.

Agradeço à profa. Jânia Martins Ramos por orientar a dissertação que originou esse trabalho. Agradeço também ao prof. Aroldo Leal de Andrade, por me introduzir ao mundo da estrutura informacional e da pragmática, e por suas inestimáveis contribuições. Agradeço ao prof. Fábio Bonfim Duarte, por suas observações sobre a natureza sintática do dativo ético. Agradeço imensamente aos três pareceristas, por suas excelentes sugestões e questionamentos. Por fim, agradeço à CAPES, pelo financiamento do meu trabalho.

in the discourse (speaker). This clitic is merged above the VP, that is, it occurs immediately before the verb and is interpreted as in some way “affected by” or “related to” the event described by the verb. The ethical dative in BP occurs preferentially in contexts of imperative or exclamative illocutionary force but can appear in declarative sentences. Looking at the pragmatic features of the ethical dative, I propose that it is syntactically and semantically licensed by an Applicative functional head, which conveys the semantic interpretation of “affectation” or “anchorage” through the Event Identification operation, as described by Pylkkänen (2002); and it is pragmatically licensed by a Participant functional head, which relates the clitic to its pragmatic interpretation through a presupposition operation. Thus, this paper shows that the interaction between syntactic, semantic and pragmatic features through the minimal operations MERGE and AGREE makes it possible to analyze the ethical dative from a minimalist perspective.

Keywords: ethical dative; argument structure; applicatives; minimalism; formal syntax.

1 Introdução¹

O objetivo deste trabalho é analisar as propriedades do dativo ético no PB em um panorama minimalista (Chomsky, 1995 e trabalhos subsequentes). O dativo ético consiste em um clítico de 1^a pessoa que ocorre imediatamente antes do verbo e é interpretado como um participante do discurso (falante) que é de alguma forma “afetado” ou “relacionado” ao evento descrito pelo verbo. O clítico ocorre preferencialmente² em sentenças com forte força ilocucionária, tais como imperativas (i) e exclamativas (ii). O dativo ético pode aparecer também em declarativas (iii).

- (i) IMPERATIVAS
 - a. Não **me** fique grávida!
 - b. Vocês não **me** copiem o texto todo não!
 - c. Vê se a Bruninha **me** escova os dentes direito!
 - d. Você **me** faz esse dever de casa agora!
- (ii) EXCLAMATIVAS
 - a. Como que o sasha (*sic*) **me** perde esse gol?
- (iii) DECLARATIVAS
 - a. Essa menina ali, ela **me** dança de um jeito tão bonitinho!
 - b. Ele sempre **te** saiu um grande mentiroso.
 - c. Tenho certeza de que você vai **me** ganhar esse torneio.

¹Dois falantes do mineirês com alta escolaridade foram consultados quanto a julgamentos de gramaticalidade e interpretação dos enunciados que constam desse trabalho. Outros dialetos merecem ser investigados em pesquisas futuras.

²Um dos pareceristas discorda da observação que o dativo ético ocorre preferencialmente em contextos de imperativas e exclamativas. De fato, o dativo ocorre em contextos de sentenças declarativas com naturalidade, em pelo menos alguns dialetos. Minha afirmação se dá pela minha própria experiência com essas construções, que ocorrem preferencialmente nesses contextos que eu chamei de “força ilocucionária forte”. Pode ser interessante notar que estou localizada em Minas Gerais, onde o dativo me parece ser mais comum em imperativas e exclamativas.

O presente artigo se baseia nos fundamentos do Programa Minimalista (Chomsky, 1995), e nas propostas do núcleo VOICE (Kratzer, 1996) e do núcleo Aplicativo (Pylkkänen, 2002). Minha proposta é relacionar as interpretações semânticas e pragmáticas do dativo ético com suas propriedades sintáticas, e propor uma derivação dessa construção no português brasileiro. O artigo também se baseia no trabalho de Bastos-Gee (2014) sobre construções éticas no português brasileiro.

Este artigo está organizado da seguinte forma: a seção 2 apresenta uma análise dos dados em (i)-(iii). A seção 3 apresenta uma análise mais aprofundada dos dados e uma proposta minimalista tentativa do licenciamento do dativo ético no processo de sua derivação. A seção 4 apresenta as considerações finais.

Na próxima seção, retomo e considero sentenças como (i)-(iii) acima em seu contexto de enunciação, a fim de buscar, através da identificação de suas propriedades, uma abordagem tentativa para o licenciamento e representação do dativo ético em uma perspectiva minimalista.

2 Os dados

Como visto anteriormente, o dativo ético pode ocorrer em diferentes contextos. Nesta seção, analiso os dados em (i)-(iii), repetidos abaixo em seu contexto de enunciação e tento capturar suas propriedades semânticas, pragmáticas, e sintáticas.

2.1 Imperativas

O dativo ético é encontrado comumente em contextos imperativos no PB falado.

Contexto: a filha está saindo com o namorado e se despedindo de sua mãe.

- (1) A: Se cuida, e não me fique grávida!
B: Tá bom, mãe, tchau.

Este diálogo ilustra a definição de Bechara (2009, p. 350) do dativo ético como “uma variedade do [dativo de interesse], muito comum na linguagem da conversação, e representa aquele pelo qual o falante tenta captar a benevolência do seu interlocutor na execução de um desejo”. A *mãe* faz um pedido (ou talvez uma sugestão ou ameaça, dependendo da entonação) para *a filha* e, presumivelmente, a presença do clítico *me* reforça a ideia de que *a mãe* será, de alguma forma, afetada pelo evento *ficar grávida* (vai ter que ajudar a cuidar, por exemplo).

Em um contexto distinto, no qual a mãe está realmente solicitando a gravidez de sua filha, a versão não negada desta sentença não é bem aceita.

- (2) A: Eu queria tanto um netinho. ??Você **me** fique grávida!

Essa sentença não soa natural. Um falante de mineirês interpretou essa sentença como “jocosa”. Uma versão na forma subjuntivo + infinitivo desse ato diretivo também não soa natural.

- (3) A: Eu queria tanto um netinho, você (bem que) podia (***me**) ficar grávida.

Outro caso de imperativa com negação pode ser encontrado a seguir.

Contexto: a professora está contando para sua amiga um fato que ocorreu em uma aula.

- (4) A: Eu tava dando uma aula. Aí eu virei pros meninos e falei assim, a atividade era pra copiar só a resposta da atividade, aí eu virei pra eles e falei assim, cêz num **me** copiem o texto todo não.

Neste caso, não há conexão explícita entre o evento *alunos copiarem o texto todo* e a *professora*. Neste contexto, o imperativo indica uma sugestão para os *alunos*. Mesmo assim, pode ocorrer o dativo ético.

Por que o dativo ético pode ocorrer em um contexto em que não parece haver uma relação entre o falante e o evento descrito pelo verbo? Uma hipótese possível seria assumir que o dativo ético é um “elemento alocutivo”, através do qual o falante é codificado morfossintaticamente na frase. Afinal, como apontado por Han (2000), o fato de que a fonte da obrigação ou permissão expressa pelo imperativo é o falante é uma parte essencial do significado das imperativas. Parece plausível que algumas línguas encontrem maneiras de expressar esta propriedade de “ancoragem no falante”.

Esta propriedade de ancoragem pode explicar outras estruturas imperativas com o dativo ético.

Contexto: a mãe está instruindo a babá.

- (5) A: Então, Luiza, depois do jantar você vê se a Bruninha **me** escova os dentes direito.

Esta estrutura pode ser interpretada como uma imperativa indireta: o falante (*mãe*) expressa uma obrigação para a *babá* de fazer a *filha* (que não é uma participante do discurso) *escovar seus dentes direito*. É interessante notar a posição do clítico logo antes do verbo *escovar*, que toma um DP pleno de 3^a pessoa, e não contíguo ao verbo imperativo que toma o pronome de 2^a pessoa *você*.

- (6) A: Então, Luiza, depois do jantar você (?**me**) vê se a Bruninha escova os dentes direito.

O contraste entre (5) e (6) poderia ser explicado pelas características do verbo ao qual o dativo ético é adjungido. Neste contexto, o verbo *ver* tem um aspecto diretivo “leve”, indicando algo como “fazer X acontecer”, ou “assegurar que X aconteça”, enquanto o verbo *escovar* se refere ao evento predicado ao qual os argumentos e participantes do discurso se relacionarão. Ou seja, o dativo ético parece estar relacionado ao evento e à força ilocucionária, e não a propriedades como tempo/modo/aspecto.

Finalmente, há exemplos de dativo ético que ocorrem no que Rivero (1994) chama de IMPERATIVAS VERDADEIRAS.

Contexto: a criança está procrastinando o dever de casa.

- (7) A: Você **me** faz esse dever de casa agora (ou o chinelo vai cantar)!

A versão negada dessa sentença parece ser interpretada ironicamente.

- (8) A: Você não **me** faz esse dever não (pra você ver)!

Mais uma vez, nesse contexto, o dativo ético parece ser uma estratégia do falante de demonstrar envolvimento com o evento e possivelmente, como afirma Bechara, reforçar o seu pedido/ordem/sugestão/ameaça.

O dativo ético é compatível com imperativas, mas e quanto às *deônticas* — uma categoria relacionada às imperativas, mas na qual a fonte da obrigação não é necessariamente o falante, mas pode advir de algum conjunto de regras ou obrigações? Aparentemente o dativo ético é restrito nesses contextos³.

- (9) A: Você tem que **me** fazer esse dever de casa hoje ainda, moleque.

- a. A professora mandou.
- b. Eu tô mandando.

- (10) Você devia (***me**) fazer esse dever de casa hoje ainda.

- (11) Você pode (***me**) fazer o dever de casa amanhã.

- (12) Você não pode (***me**) fazer o dever de casa amanhã.

Apenas o contexto de obrigatoriedade *tem que* permite a presença do dativo ético, e não parece interferir no acarretamento da fonte da obrigação.

Nesta subseção, mostrei que o dativo ético pode ocorrer em imperativas como um argumento relacionado ao evento descrito pelo verbo, ou como um “elemento alocutivo” que ancora a sentença ao falante. Na próxima subseção, analiso o dativo ético no contexto das exclamativas.

2.2 Exclamativas

O dativo ético pode ocorrer em algumas frases exclamativas, tais como o exemplo abaixo⁴:

- (13) A: como que o sasha me perde esse gol, vc eh o atacante, teu papel eh mandar essas bolas pra dentro.

Essa sentença exprime uma surpresa do falante quanto ao fato que acabou de ocorrer. O esperado era que o jogador acertasse o gol ao invés de chutar para fora. Essa expressão de surpresa está relacionada à propriedade de *implicatura escalar* em exclamativas (Zanuttini; Portner, 2003). Por ser um torcedor de futebol, o falante se sente investido no evento e, suponho, manifesta sua contrariedade e surpresa através do dativo ético. Assim como nos exemplos anteriores com imperativas, também em exclamativas o falante parece utilizar o dativo ético para manifestar sua relação com o evento de alguma forma.

³Esta restrição parece estar relacionada a uma aparente incompatibilidade do dativo ético com verbos no infinitivo. Entretanto, como apresento na seção 3, Jouitteau e Rezac (2008, p. 103) apontam que o dativo ético parece ser independente do sistema C/Modo.

⁴A sentença em (13) foi postada em um fórum de discussões sobre futebol na rede social Reddit, em uma discussão sobre uma partida de futebol em andamento. No momento da enunciação, um jogador finalizou para fora do gol. A sentença foi reproduzida *ipsis litteris* no exemplo em questão.

Cunha (2012), em sua análise das exclamativas no PB, nota que a construção *WH-como + COMP-que* só pode ocorrer em interrogativas; a presença do complementizador é barrada em sentenças não interrogativas (ou resulta em uma interpretação não exclamativa).

- (14) a. *Como que o João fez um gol (tão) lindo!
b. Como o João fez um gol (*tão) lindo!
- (15) #Como o João fez um gol (tão) lindo?
(Observação: é uma pergunta, e não uma exclamativa)
- (16) Como que o João fez um gol (tão) lindo?
(Observação: a presença do advérbio melhora a aceitabilidade da sentença)

O dativo ético parece não ser muito bem aceito em sentenças exclamativas-WH não interrogativas com *como* sem complementizador *que*.

- (17) a. Como o João (*me) fez um gol (?tão) lindo!
b. Como ela (*me) leu rápido aquele livro!

Nesta subseção, mostrei que o dativo ético pode ocorrer em alguns contextos exclamativos e transmite uma relação de “experienciador” entre o falante e o evento descrito pelo verbo. Na próxima subseção, analiso o dativo ético no contexto das declarativas.

2.3 Declarativas

O dativo ético pode também ocorrer em sentenças ostensivamente declarativas, mas que exprimem algum tipo de força exclamativa.

Contexto: duas amigas estão assistindo a uma apresentação de balé em uma escola.

- (18) A: Essa menina ali, ela **me** dança de um jeito tão bonitinho!
B: É uma gracinha mesmo!

A sentença A apresenta propriedades exclamativas como a implicatura escalar (manifestada pelo advérbio *tão*) e a facticidade.

- (19) #Ela não está dançando.

Mais uma vez, o dativo ético parece exprimir uma relação de “afetação” ou “experienciador” com o evento: o sentido de (18A) seria algo como “eu acho tão bonitinho o jeito como ela dança”. O dativo ético funciona, então, assim como nas imperativas, como uma “partícula alocutiva” pela qual o falante estabelece uma relação com o evento.

Considere outro exemplo de construção declarativa em que ocorre um dativo com interpretação de afetação do falante com o evento.

Contexto: o pai está conversando com o filho que vai participar de um torneio de xadrez.

- (20) Tenho certeza de que você vai **me** ganhar esse torneio.

Nesse contexto, o pai está investido na possível conquista do filho, estabelecendo assim uma relação com o evento. Essa relação não é de surpresa nem contrariedade, mas uma espécie de afetação psicológica.

O contexto de declarativas com força exclamativa é o único que permite que o dativo ético faça referência ao interlocutor, ao invés do falante. O dado abaixo foi retirado de Bechara (2009, p. 350).

Contexto: duas amigas estão conversando sobre o ex-namorado de uma delas.

- (21) A: Lembra daquele seu ex, o fulano?
- B: Aquele embuste? Terminar com ele foi livramento.
- A: Realmente. Ele sempre **te** saiu um grande mentiroso, né?
- B: Infelizmente, sim. Mas já passou.

Nesse caso, a intenção do falante é relacionar o predicado *fulano é um grande mentiroso* com o interlocutor — nesse caso a ex-namorada que foi vítima das mentiras do fulano. O dativo ético funciona, então, como uma maneira de relacionar o interlocutor ao evento predicatedo — do mesmo modo que o dativo de 1^a pessoa relaciona o evento ao falante. Entretanto, o status de dativo ético dessa construção é contradito pela análise proposta na próxima seção.

Nesta seção, mostrei que o dativo ético é usado em algumas sentenças do PB de forma a transmitir (i) a relação de “afetação” ou “experiência” do participante falante do discurso com o evento descrito pelo verbo; e (ii) a ancoragem do enunciado no falante. Na próxima seção, exploro uma análise mais aprofundada dos dados apresentados acima, e proponho uma análise minimalista do licenciamento e da derivação do dativo ético.

3 Derivando e representando o dativo ético

A próxima subseção tem por objetivo explorar as propriedades do dativo ético.

3.1 O *status* do dativo ético e suas propriedades

O dativo ético encontrado nos dados mostrados acima apresenta as seguintes propriedades:

- (a) é um clítico de 1^a pessoa do discurso;
- (b) é interpretado como relacionado ao evento descrito pelo verbo;
- (c) ocorre geralmente em imperativas e exclamativas, nas quais o significado e a função pragmática estão intimamente ligados ao falante, em algum tipo de ancoragem;
- (d) tem afinidade com predicados cuja interpretação tem alguma familiaridade com o falante ou interlocutor (participante que é de alguma forma relacionado ao evento).

Com base nessas propriedades, pode-se assumir que o dativo ético é a manifestação da presença do falante ou interlocutor no enunciado, uma forma de exprimir seu papel (i) como fonte de obrigação (em uma imperativa), ou (ii) como participante do evento, seja como um “afetado” (beneficiário ou maleficiário de uma declarativa) ou “experienciador” (por exemplo, transmitir surpresa em uma exclamativa).

Como apresenta Bastos-Gee (2014, p. 7), no português brasileiro se encontram três tipos de dativos: o ético, o benefactivo, e o possessivo. A autora nota que o dativo ético apresenta proeminência fonética e um contorno prosódico característico. As características prosódicas do dativo ético fogem do escopo do presente trabalho e merecem atenção em uma pesquisa futura.

Rocha (2017, p. 115-121) observa as seguintes propriedades do dativo ético:

- (a) o dativo ético não pode ser substituído pelas expressões *para mim/para ti/de mim/de ti*, o que caracterizaria o dativo de interesse (que Bastos-Gee chama de benefactivo);
- (b) o dativo ético não pode ser substituído por um pronome possessivo tal como *meu/seu*, o que caracterizaria o dativo de posse;
- (c) o dativo ético pode ser apagado sem prejuízo para a interpretação da sentença.

Além disso, Jouitteau e Rezac (2008, p. 103) notam que o dativo ético é independente do sistema CP/Modo: eles podem ocorrer em orações encaixadas, finitas e infinitivas, interrogativas e imperativas. Veja os exemplos abaixo (retirados de Rocha (2017, p. 125)).

- (22) Eu falei pra ela não **me** ficar grávida.
- (23) Eu só contei que ele **me** foi embora ontem.
- (24) Quem que vai **me** justiçar esse crime?

Veja também exemplos de dativo ético no contexto de orações subjuntivas.

- (25) Será que ainda assim ele **me** iria embora?
- (26) Ela não **me** ficaria grávida, eu acho.

Como se vê nos exemplos acima, o dativo ético não parece ter restrições de finitude, tempo nem modo.

Considere agora os dativos que ocorrem nas imperativas, exclamativas, e declarativas, retomadas abaixo.

- (27) Não **me** fique grávida!
- (28) Como que o sasha **me** perde esse gol?!
- (29) Essa menina **me** dança tão bonitinho!
- (30) Tenho certeza de que você vai **me** ganhar esse torneio.

Os testes elencados acima podem ser aplicados a esses exemplos. Considere primeiramente a substituição do dativo pela expressão *pra mim*.

- (31) *Não fique grávida **para mim**!
- (32) *Como que o sasha perde esse gol **pra mim**!?

- (33) #Essa menina dança tão bonitinho **pra mim!**
- (34) #Tenho certeza de que você vai ganhar esse torneio **pra mim.**

Perceba que os exemplos (31)-(32) são claramente agramaticais, o que indica seu status de dativo ético, em oposição ao dativo de interesse. Já os exemplos (33)-(34) são gramaticais, mas o sentido da sentença muda levemente, com maior grau de afetação na variante com a expressão *pra mim*. Pelo menos um falante do dialeto mineirês indica que há diferença na interpretação do modo como, nas sentenças (33)-(34), em oposição às sentenças em (29)-(30), o falante se relaciona com o evento descrito pelo verbo. Em (29)-(30) o falante se encontra mais “distante” do evento, sendo afetado psicologicamente, enquanto em (33)-(34) o falante parece ser a própria motivação do argumento agente, respectivamente *você (o filho)* e *essa menina*, tendo uma relação mais direta com o argumento agente do que com o evento denotado. A interpretação seria, então, diferente: em (33)-(34) o falante está afetando o agente, enquanto em (29)-(30) o argumento dativo se sente afetado pelo evento.

Observe também a aplicação do teste do apagamento. Consoante Rocha (2017), o dativo ético pode ser apagado sem prejuízo para o significado da sentença.

- (35) Não fique grávida!
- (36) Como que o sasha perde esse gol?!
- (37) Essa menina dança tão bonitinho!
- (38) Tenho certeza de que você vai ganhar esse torneio.

Comparando-se os exemplos (35)-(38) com os exemplos em (27)-(30), não parece haver diferença semântica no evento denotado pelo verbo.⁵

Bastos-Gee (2014, p. 7) propõe a seguinte restrição quanto à pessoa do discurso: dativos éticos só podem se referir à primeira pessoa; os outros dativos podem se referir à segunda ou terceira pessoa. Essa restrição não é, no entanto, universal; a autora menciona, por exemplo, que, na literatura do espanhol e do hebraico, encontram-se elementos éticos que podem ser usados com referência a qualquer pessoa do discurso.

Baseando-se na análise de Menon (2006) e Paviani (2004), Rocha (2017) observa que o dativo ético pode sim se referir à segunda pessoa do discurso; fato que também é apresentado por Bechara (2009).

Entretanto, uma análise cuidadosa da sentença (iiib) da introdução deste trabalho, repetida abaixo, de fato confirma a predição de Bastos-Gee (2014) de que o dativo que se refere à segunda pessoa é de fato um dativo de interesse/benefactivo/malefactivo.

- (39) Ele sempre **te** saiu um grande mentiroso.

⁵Dois falantes de mineirês foram consultados sobre a interpretação dessas sentenças e ambos concordaram que não há diferença semântica na denotação do evento. Há, claramente, diferença pragmática, decorrente da inserção ou não do falante no enunciado.

Esse dativo pode ser substituído pela expressão *pra você*.

- (40) Ele sempre saiu um grande mentiroso **pra você**.

Além disso, esse dativo não pode ser apagado sem mudança de significado da sentença.

- (41) ?Ele sempre saiu um grande mentiroso.

(Observação: a sentença soa mais natural com a substituição do te pelo reflexivo se)

Isto exposto, assumo com Bastos-Gee (2014) que o dativo que ocorre no exemplo (iiib) da introdução, repetido em (39), é, de fato, um dativo de interesse.

Sobre a natureza da relação semântica de “afetação”, entendo essa expressão como denotando uma experiência “psicológica” ou de “proximidade” entre o argumento dativo e o evento descrito pelo verbo. O argumento ético parece estabelecer uma relação semântico-pragmática de inserir o falante no evento, de aproxima-lo via contrariedade, surpresa, ou interesse.

O objetivo da próxima subseção é propor uma tentativa de representação da construção com dativo ético em um panorama minimalista.

3.2 Derivando o dativo ético

Dada a discussão acima, faz-se então a pergunta: como derivar e representar o dativo ético? De onde vêm a referência do clítico e a sua interpretação? Qual é a relação entre as propriedades morfossintáticas, semânticas e pragmáticas do dativo ético?

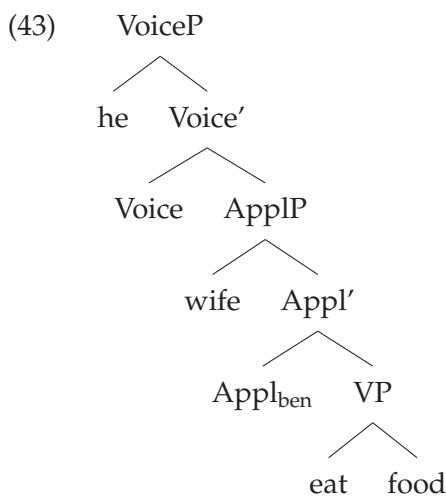
Chomsky (1995 e trabalhos subsequentes) propõe que o módulo gramatical de construção de pares de forma e significado é constituído de um nível computacional, que junta as “peças” sintáticas, e de duas interfaces de interpretação semântica e fonológica, respectivamente a Forma Lógica e a Forma Fonológica. Nessa proposta, o léxico compreende um inventário de raízes e traços interpretáveis e ininterpretáveis nas interfaces. Esse traços são selecionados na etapa de Numeração, e daí são juntados ao curso da derivação. A derivação dos pares de forma e significado que compreendem as sentenças de uma língua são construídos a partir de operações de concatenação (MERGE) e operações de relações sintáticas (c-COMANDO e ESPECIFICADOR-NÚCLEO). A operação MERGE (que é uma operação binária) junta dois elementos em um elemento sintático complexo, que por sua vez pode ser juntado a outros elementos, de forma a derivar uma estrutura complexa e hierárquica. Já as operações de c-COMANDO e ESPECIFICADOR-NÚCLEO se estabelecem entre os elementos concatenados via MERGE de forma a valorar os traços ininterpretáveis — que devem ser apagados antes que a estrutura sintática seja enviada às interfaces. Nessa proposta, núcleos são feixes de traços que vêm do léxico e são manipulados na computação. Exemplos de núcleos sintáticos são V(erbo), D(eterminante), T(empo), e C(omplementizador). Kratzer (1996) propõe que o núcleo VOICE é responsável pelo licenciamento do argumento agentivo (argumento externo), enquanto Pylkkänen (2002) propõe a existência do núcleo Aplicativo, responsável pela introdução de argumentos dativos.

Rocha (2017) analisa o dativo ético sintáticamente como um objeto aplicado alto, na terminologia de Pylkkänen (2002). Em termos semânticos, a autora (2002, p. 15)

define o aplicativo alto como uma “relação temática entre um argumento aplicado e o evento descrito pelo verbo”. A composicionalidade semântica do aplicativo alto se daria do seguinte modo: “o núcleo aplicativo alto se combina com o VP via Identificação do Evento e relaciona um indivíduo adicional ao evento descrito pelo verbo” (2002, p. 21). A definição formal proposta por Pylkkänen (2002, p. 21) está representada abaixo.

- (42) APPL ALTO
 $\lambda x.\lambda e.APPL_{(e,x)}$
 (colapsando $APPL_{BEN}$, $APPL_{INSTR}$ etc.)

A estrutura do aplicativo alto pode ser representada pela configuração abaixo (retirada de Pylkkänen, 2002).



Rocha (2017, p. 126-129) aplica os testes propostos por Pylkkänen (2002) para diagnosticar o aplicativo alto. Os testes compreendem restrições de transitividade — possibilidade de se concatenar o aplicativo alto com verbos intransitivos e estativos, além de predicados descritivos secundários (teste esse que não se aplica ao PB). A conclusão da autora é que essa construção satisfaz os requerimentos para identificar o dativo ético como um aplicativo alto, tanto semântica como sintaticamente.

Desse modo, a interpretação do dativo ético na sentença *como que o sasha me perde esse gol* poderia ser derivada da seguinte forma:⁶

- (44) Como que o sasha me perde esse gol
 = eu (falante) me sinto afetado (surpreendido ou contrariado) pelo evento
o sasha perder esse gol
 = $\lambda x\lambda e.\text{perdeu}(e) \& \text{AGENTE}(e, \text{sasha}) \& \text{TEMA}(e, \text{gol}) \& \text{AFETADO}(e, \text{me})$

Do ponto de vista sintático, Rocha mostra que, de acordo com a previsão de Pylkkänen de que o aplicativo alto toma o VP como seu complemento, o dativo ético sempre ocorre

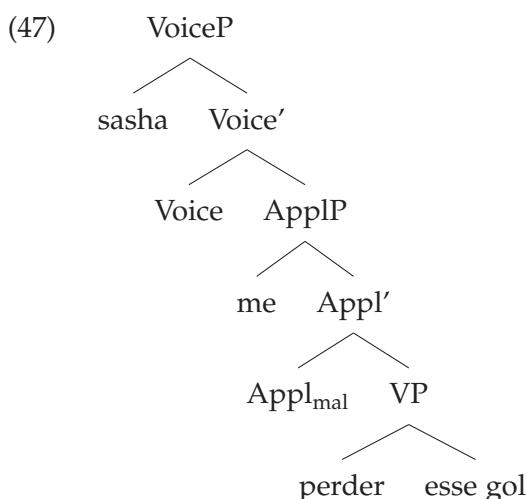
⁶Como mencionado acima na discussão sobre a noção de afetação, é difícil encontrar um rótulo adequado para a relação estabelecida entre o participante do discurso ao qual o dativo ético se refere e o evento descrito pelo verbo. Nesse caso especificamente, como a função ilocutória da sentença é expressar surpresa e contrariedade, acredito que seja uma relação de “afetação psicológica”, ou “experienciador”. Em outros casos apresentados acima o dativo pode ser interpretado como “interessado” no evento. De qualquer forma, trata-se de uma experiência psicológica do falante em relação ao evento.

em posição proclítica, ao contrário de outros clíticos que parecem fazer parte da grade de subcategorização do verbo.⁷

- (45) a. João **me** deu o livro.
- b. João deu-**me** o livro.

- (46) a. Como que o sasha **me** perde esse gol
- b. *Como que o sasha perde-**me** esse gol

Rocha, seguindo Cuervo (2003), propõe que o clítico é a manifestação do próprio núcleo aplicativo⁸. Entretanto, Fábio B. Duarte (comunicação pessoal) argumenta que o dativo ético no PB não tem as mesmas propriedades que o dativo ético em espanhol, como descrito por Cuervo, e propõe que o clítico é um argumento concatenado em SPEC/APPLP, e que o núcleo aplicativo é fonologicamente nulo. Assumo esta proposta no presente trabalho. A seguinte representação sintática ilustra o mapeamento do dativo ético no PB.



Desse modo, o dativo ético seria concatenado na posição de SPEC/APPLP, via Identificação do Evento, estabelecendo uma relação semântica com o evento descrito pelo verbo.

Resta, então, conectar essa estrutura sintática e semântica com as características pragmáticas do dativo ético. Duas questões se impõem: (i) como garantir que a referência do clítico sempre seja o falante?; (ii) como estabelecer a relação entre os contextos em que o clítico aparece e sua interpretação?

A fim de capturar a referência do clítico — que é uma manifestação do falante em relação ao evento descrito pelo verbo — proponho uma adaptação do núcleo Jussivo

⁷Quanto ao exemplo (45b), observa-se que a ênclise não é natural no PB falado, ocorrendo mais comumente nas variedades formais e escritas. Mesmo assim, a sentença (45b) é aceita ao menos na escrita, enquanto (46b) não é aceitável em contexto algum (apesar de que se deve levar em conta a natureza informal e de familiaridade/proximidade, ou seja, informalidade do dativo ético). Um dos pareceristas argumenta que a ênclise não é aceita nem na escrita na maior parte das regiões do Brasil. Portanto, minha proposta de que o dativo ético é concatenado acima de VP se tornaria frágil. Mais testes são necessários para identificar a posição do dativo ético na sentença, que por ora fogem do escopo desse artigo.

⁸Como aponta um parecerista, o tratamento de Cuervo aos dativos se dá em contexto de redobro, e essa autora os associa a aplicativos baixos conforme descritos por Pylkkänen (2002). Vê-se, então, que Rocha (2017) fez uma análise equivocada da obra de Cuervo. A análise aqui resenhada se baseia na observação de Duarte (comunicação pessoal), que nada tem a ver com a ideia de Rocha (2017) nem de Cuervo (2003).

proposto por Zanuttini *et al.* (2012): um núcleo funcional que traz traços interpretáveis de pessoa. Chamarei este núcleo de Participante (PARTP). Este núcleo funcional toma APPLP como seu complemento e estabelece uma relação de concordância (AGREE) com o clítico em SPEC/APPLP. A definição formal do núcleo PART pode ser apresentada da seguinte forma:

(48) PARTICIPANT HEAD

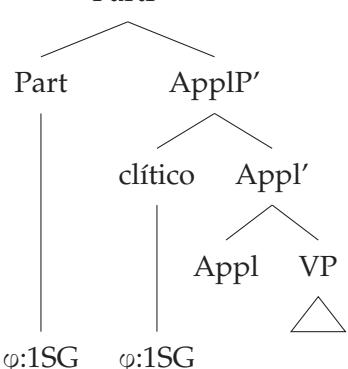
- a. É um operador abstrato λ ou um índice de ligação;
- b. Estabelece uma relação de concordância/ligação com o argumento com o qual concorda, i.e., objeto aplicado = dativo ético.

Zanuttini *et al.* (2012, p. 27) assume que “traços de pessoa interpretados (como outros traços-) introduzem pressuposições”. No caso de PART, a pressuposição desencadeada é:

(49) $x = \text{participante do discurso}(c)$

Desse modo, é possível derivar a interpretação do clítico através de uma pressuposição semântico-pragmática desencadeada por um operador funcional através da concordância entre traços- φ . O núcleo PART estabelece uma relação com o objeto aplicado (i.e., o clítico — DP), introduzindo λx na representação semântica, de forma que o clítico é interpretado como sendo o participante.

(50)



A derivação formal desta operação pode ser definida como a seguir:

(51) Como que o sasha me perde esse gol

- I. $\text{Participante}^\circ[\text{pessoa}: 1]_k [\text{me}_k[\text{pessoa}: 1] \text{ perder o gol}]$
- II. $[[\text{participante}^\circ[\text{pessoa}: 1]_k [\text{me}_k[\text{pessoa}: 1] \text{ perder o gol}]]^{g,c} =$
- III. $[\lambda x : x = [[[\text{pessoa}: 1]_k]]^{g,c} . [[\text{me}_k[\text{pessoa}: 1] \text{ perder o gol}]]^{g[k \rightarrow x],c} =$
- IV. $[\lambda x : x = \text{falante}(c).lw . x \text{ foi afetado por perder o gol em } w]$

O clítico é introduzido na derivação em SPEC/APPLP com traços- φ valorados $[\varphi:1SG]$. APPLP é concatenado então a PART° , que possui traços- φ não valorados $[\varphi:_]$. A sonda- φ pode c-comandar o DP em SPEC/APPLP e estabelecer concordância, valorando o traço- φ da sonda como $[\varphi:1SG]$. Quando o traço- φ é valorado, o operador semântico de PART° estabelece a relação referencial com o falante $[\varphi:1SG]$, em uma operação de pressuposição.

A derivação da sentença *Como que o sasha me perde esse gol* pode ser representada como a seguir:

- (52) Como que o sasha me perde esse gol
 = [CP como que [TP o sasha me perde [VOICE [DP o sasha][PART [APPL [DP me]
 [VP perd- [DP esse gol]]]]]]]
 = $\lambda x \lambda e. \text{perde}(e) \ \& \text{AGENTE}(e, \text{sasha}) \ \& \text{TEMA}(e, \text{gol}) \ \& \text{AFETADO}(e, \text{me})$

Desse modo, a resposta à pergunta (i) se dá nos termos da presença do núcleo Participante, que introduz a pressuposição de que o clítico é sempre um participante do discurso.

Por fim, quanto à pergunta (ii) a respeito do estabelecimento da relação entre os contextos em que o clítico aparece e sua interpretação, o licenciamento do dativo ético através da concha PARTP-APPLP parece estar relacionado a dois tipos de propriedades: (i) propriedades do evento ($APPL^\circ$, v°), i.e., o tipo de evento que pode ser relacionado ao argumento extra; e (ii) propriedades discursivas ($PART^\circ$), ou seja, o nível de “familiaridade” ou “afetação” do argumento em relação ao evento e ao contexto do discurso, e o tipo de ato ilocucionário que o enunciado expressa. Como foi discutido acima, o dativo ético não parece estar envolvido com o sistema C-TP (periferia esquerda), mas sim relacionado ao âmbito das projeções verbais, dada a sua relação com o evento e seus participantes. Desse modo, concluo que a projeção do núcleo Participante deve estar mapeada dentro da concha verbal (VOICEP-VP), e a relação entre os contextos e sua interpretação se dá na projeção da concha sintática que unifica a expressão semântica e pragmática do dativo ético.

4 Considerações finais

Nesse trabalho, observei dados de dativo ético no PB e as propriedades desse constituinte, isto é, seu caráter de clítico em posição pré-verbal que é interpretado como um participante do discurso e ocorre preferencialmente em contextos em que o participante do discurso está “investido” ou “afetado” de alguma forma com evento descrito pelo verbo.

Para dar conta desse fato, nos níveis morfossintático, semântico e pragmático, assumi que o dativo ético é um clítico licenciado por um núcleo funcional aplicativo alto, que relaciona o argumento ao evento sintática e semanticamente. O núcleo aplicativo é, por sua vez, concatenado a um núcleo funcional participante, que estabelece uma relação de concordância com o clítico e permite sua referência como participante do discurso, através de uma operação de pressuposição.

Desse modo, através da interação entre traços por meio de operações de concatenação (MERGE) e concordância (AGREE), conluso ser possível analisar o dativo ético dentro de um panorama minimalista.

Referências

- BASTOS-GEE, A. C. *The structure of ethical constructions and the constraint on co-reference in Brazilian Portuguese*. Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, Braga, 2014.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2009.
- CHOMSKY, N. *The minimalist program*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1995.
- CUERVO, C. *Datives at large*. Tese (Doutorado) – MIT, Cambridge, MS, 2003.
- CUNHA, K. Z. *Sentenças exclamativas em português brasileiro: padrão entoacional e sintaxe*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.
- HAN, C.-H. *The structure and interpretation of imperatives: mood and force in universal grammar*. Hove, Sussex: Psychology Press, 2000.
- JOUITTEAU, M.; REZAC, M. The French ethical dative, 13 syntactic tests. *Bucharest Working Papers in Linguistics*, v. 9, p. 97-108, 2008.
- MENON, O. P. da S. E não me fique grávida! Ou o caso do dativo ético. In: GORSKI, E. M.; COELHO, I. L. (org.). *Sociolinguística e ensino: contribuições para a formação do professor de língua*. Florianópolis: EdUFSC, 2006. p. 155-173.
- PAVIANI, N. M. S. *O pronome ético: uma característica dialetal*. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.
- PYLKKÄNEN, L. *Introducing arguments*. Tese (Doutorado) – MIT, Cambridge, Massachusetts, 2002.
- RIVERO, M.-L. Negation, Imperatives and Wackernagel effects. *Rivista di Linguistica*, v. 6, n. 1, p. 39-66, 1994.
- ROCHA, B. G. *Applicatives in Dialectal Brazilian Portuguese*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.
- ZANUTTINI, R.; PAK, M.; PORTNER, P. A syntactic analysis of interpretive restrictions on imperative, promissive, and exhortative subjects. *Natural Language & Linguistic Theory*, v. 30, n 4, p. 1231-74. 2012.
- ZANUTTINI, R.; PORTNER, P. Exclamative clauses: At the syntax-semantics interface. *Language*, p. 39-81, 2003.

AUTORIA**Bárbara Guimarães Rocha (UFMG)**

Conceitualização; Análise Formal; Escrita — Esboço Original; Escrita — Revisão e Edição

Conforme papéis CRediT especificados em:

https://contributorshipcollaboration.github.io/projects/translation/translations/pt_latn/**DADOS DA PUBLICAÇÃO**

Seção: Artigos

Recebido em: 28/1/2025

Aceito em: 6/8/2025

Publicado em: 13/10/2025

COMO CITAR

ROCHA, Bárbara Guimarães. Propriedades pragmáticas do dativo ético no português brasileiro: uma análise minimalista. *Caderno de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem*, v. 10, n. 2, p. 75-90, 2024.

SOBRE A REVISTASubmissões: <https://periodicos.unb.br/index.php/cs>*Open Access*Sob licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License*